



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VANIA CRISTINA SILVA CAVALCANTI

**Um olhar sobre sociabilidades e práticas
socioespaciais para o Recife (1980–1989)**

Recife

2016

VANIA CRISTINA SILVA CAVALCANTI

**Um olhar sobre sociabilidades e práticas
socioespaciais para o Recife (1980–1989)**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco - Pré-banca - como requisito obrigatório e parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Professor Doutor Antônio Paulo de Moraes Rezende

Recife

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

C376o Cavalcanti, Vania Cristina Silva.
Um olhar sobre sociabilidades e práticas socioespaciais para o Recife (1980-1989) / Vania Cristina Silva Cavalcanti. – 2016.
206 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em História, 2016.
Inclui Referências.

1. História. 2. História social. 3. História social – Recife. 4. Espaços públicos – Recife (PE). 5. Sociabilidade. 6. Representações socioespaciais. I. Rezende, Antonio Paulo de Moraes (Orientador). II. Título.

981 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2017-015)



Vania Cristina Silva Cavalcanti

**“Um olhar sobre sociabilidades e práticas socioespaciais para o Recife
(1980-1989)”**

Tese apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovada em: **22/08/2016**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende
Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof^a. Dr^a. Maria Thereza Didier de Moraes
Membro Titular Externo (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Maurício Rocha de Carvalho
Membro Titular Externo (Universidade Federal de Pernambuco)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

Ao meu filho, Vítor Cavalcanti Saad,
Passado, presente e futuro no meu coração,
Histórias e memórias da minha vida;

A Marília Cavalcanti Farias,
Porque a casa do meu coração também é sua;

A Maria Clara Cavalcanti de Carvalho,
Tão bela quanto a luz da lua!

A Helena e Mariana Cavalcanti,
Por um futuro de paz!

Primeiras reflexões

O caminho percorrido para a construção deste trabalho não foi realizado apenas por mim. Resulta da contribuição de muitas pessoas que participaram do meu caminhar, tanto no que se refere à minha formação profissional, como também à vida pessoal. Foram as experiências vivenciadas ao longo deste percurso que me fizeram refletir, que me impulsionaram a querer compreender, aprender, apreender, e ainda (re)aprender a me colocar neste mundo, entre as pessoas e na minha vida.

Este caminhar foi possível porque pude dividir com minha família: meu pai, meu filho Víctor, minhas irmãs Terezinha, Ana e Lílian, e minhas sobrinhas Marília e Maria Clara. Agradeço o apoio e a compreensão por muitas ausências, pelo tempo de solidão que precisei para me dedicar ao trabalho e ao Doutorado, simultaneamente, com renúncias e determinação. Este tempo é parte das nossas recordações.

Os desejos me moveram. Não apenas ao fazer escolhas, mas em relação às mudanças e ao que pareceu muito importante enquanto permanência no meu cotidiano. O que inicialmente era uma caminhada em direção ao conhecimento, tornou-se, para mim, uma experiência de viver e conviver cuja abrangência envolve percepções construídas ao longo do caminho. Agradeço a Hamilton, pelo estímulo para não desistir dos meus sonhos.

Ao meu orientador, o professor doutor Antônio Paulo de Moraes Rezende, agradeço pelo que aprendi nesta construção ao longo do tempo, pela liberdade e autonomia a mim conferidas para conduzir o trabalho. Por fazer da afetividade um elo indissociável na transmissão e construção do conhecimento. Obrigada pelas palavras de estímulo, leituras e conversas a que tantas vezes recorri diante das incertezas.

Agradeço aos professores da Pós-Graduação de História, especialmente à professora doutora Regina Beatriz e ao professor doutor Antônio Jorge Siqueira, professores que me acolheram com afetividade e sabedoria. As construções se fizeram paulatinamente. Por isso, obrigada pela paciência! Como foi importante refletir sobre pensar, ler e refletir criticamente. Tudo foi enriquecedor! Aprendizados que não posso dimensionar.

Nas certezas, inseguranças e escolhas, agradeço aos demais professores da Pós-Graduação de História, com quem tive oportunidade de aprender a lançar outro olhar para as pessoas e para a cidade. Aos colegas da minha turma do Doutorado, que iniciamos em 2011, e aos demais que conheci ao longo do curso, agradeço pelo estímulo, aprendizado e amizade. Laços que não se desfazem. Agradeço a Sandra Regina, cujo comprometimento com o trabalho, responsabilidade e humor acalma nossas angústias de doutorandos.

À amiga e Arquiteta Mércia Siqueira, agradeço pelos encontros em que você ouviu minhas dúvidas, e inseguranças por transitar nestes campos disciplinares: História, Arquitetura e Urbanismo e os assuntos da contemporaneidade, tendo na cidade de Olinda, um lugar especial para conversar e observar as sociabilidades, a cultura que nos move, e debates sobre o viver hoje, pertencentes ao cotidiano, aos encontros e aos conflitos entre pessoas e grupos.

Aos colegas de profissão e de trabalho na Prefeitura da Cidade do Recife, obrigada por tudo o que aprendi durante três anos de convivência. O que teria sido de mim e do controle urbano da 1ª Regional do Recife, sem o trabalho, os desenhos do cotidiano da Regional e as palavras de vocês? Christina Galamba, Romildo Rego Barros, Rodrigo Gonçalves, Kate Saraiva e Rodrigo Cabral, os da “sala dos instáveis”, segundo Romildo. Inesquecíveis amigos.

E também aos colegas estáveis: Terezinha Monteiro, Georgiana Madruga, Élbia Valéria, Cristina Guerra, Raphael Ferraz, Alice Rigault. Às colegas engenheiras, pela alegria e pelo entusiasmo cotidianos que tornaram mais leves nossa responsabilidade para legalizar projetos para uma sociedade que se movimenta o tempo todo, em velocidade alucinante e para muitas direções. Como são tantos os desejos das pessoas! Antigos ou novos, sempre, desejos!

Aos colegas dos diversos setores da 1ª Regional do Recife, que me receberam com carinho e respeito, obrigada! Não posso me esquecer do aprendizado que o trabalho na Regional me proporcionou. As leis que precisei estudar, compreender e questionar. Muitas perguntas ficaram sem respostas, mas são partes integrantes dos processos e dos trâmites dentro e fora da Regional, dos requerentes que querem tudo, mas também daqueles que querem apenas sua casa legalizada para viver.

De acordo com Arendt (2010), é necessário pensar sobre o que estamos fazendo, partindo-se da certeza de que qualquer que seja nossa ação, ou escolha, não há como controlar o poder das nossas ações, que se propagam como ondas no Universo. Deste aprendizado, algumas certezas: ainda há muito a fazer, a transformar e mudar. A cidade, os lugares e suas arquiteturas são determinantes em nossas vidas. Uma boa arquitetura, para Bruno Zevi (1998), emociona, toca os sentidos humanos. Sem dúvida, concordo!

Do Recife: sinto falta dos lugares e das arquiteturas que perdemos! Que fascínios teriam as cidades se seus lugares não fossem vivenciados por nós? Neles fazemos e contamos nossas histórias, dividimos cotidianos, elegemos sítios, os reais e também os virtuais. Estão postas sociabilidades e renovações em contextos diversos e, por isso, a curiosidade de lançar um olhar sobre sociabilidades e práticas socioespaciais no Recife dos anos 1980.

RESUMO

Este trabalho estuda a construção de sociabilidades (SIMMEL, 1903) e relações socioespaciais na cidade do Recife, entre 1980 e 1989, aproximando a temática da apreensão do conceito de sociabilidades urbanas e modelos de representação na cidade. Para tal, além do estudo dos trabalhos de autores que se dedicaram a esta temática, as principais fontes pesquisadas foram as publicações de jornais da época. O recorte temporal corresponde à fase de redemocratização do Brasil, reconstrução da cidadania e inserção do País em um mundo globalizado, com tecnologia avançada, momento que alguns estudiosos denominam Pós-Modernidade (BAUMAN, 1998), ou Modernidade Tardia. Nesse período, o Recife apresenta desigualdades sociais significativas, altos índices de violência urbana e miséria. Em meio a este cenário, a cidade tem crescimento acelerado e desordenado, com adensamento dos bairros centrais e periféricos, destruição de grande parte do repertório arquitetônico edificado ao longo do tempo. Essas mudanças introduzem também o modelo neoliberal de tratar a economia e a cidade, que acarretam mudanças significativas à sociedade e aos modos de viver em sociedade, desdobrando-se sobre as maneiras de configurar os ambientes urbano-arquitetônicos. Pretende-se compreender em que medida podemos alinhar os fios desses acontecimentos à construção e percepção da cidade na contemporaneidade. Nesse contexto, as sociabilidades, enquanto maneiras de se relacionar, *entre* e *com* as pessoas, são postas a negociações e reflexão.

Palavras-chave: Sociabilidade. Sociabilidades Urbanas. Representações socioespaciais. Recife.

ABSTRACT

The present work studies the construction of sociability (SIMMEL, 1903) and socio-spatial relations in the city of Recife, between 1980 and 1989, approaching the thematic of apprehension to the concept of urban sociabilities and models of representation in the city. Therefore, besides the study of works from authors whom dedicated to this thematic, the main sources researched were the newspaper and magazines publications from that time. The time frame corresponds to the democratisation of Brazil, reconstruction of citizenship and insertion of the country into the globalised world, with advanced technology, moment that many scholars designate as postmodernity (BAUMAN, 1998), or late modernity. In that time, Recife evidenced significant social inequality, high rates of urban violence and poverty. Among this scenario, the city has experienced a rapid and uncontrolled growth, along with the densification of central and peripheral neighbourhoods, and the destruction of a large part of the architectural repertoire built over time. Those changes also introduced the neoliberal model of treating the economy and the city, which leads to significant changes to society and ways of living in society, unfolding onto ways to set up the urban-architectural environments. The intention is to understand in what extent we can align those paths that leads to those events to the construction and perception of the city in the contemporaneity. In this context, the sociabilities, as ways of relating, *among* and *to* the people, are put to the trading and are presented to reflection.

Key words: Sociabilities. Urban Sociabilities. Socio-spatial representations.
Recife.

RELAÇÃO DAS IMAGENS

- 01 O Recife e Região Metropolitana. Ano: 2016
- 02 Vista parcial do Recife e da Avenida Agamenon Magalhães
- 03 Vista parcial do Píer Duarte Coelho, do Píer Maurício de Nassau e do Cais José Estelita
- 04 Vista dos Condomínios Píer Duarte Coelho e Píer Maurício de Nassau e área de lazer
- 05 A cidade é nossa: ocupe-a
- 06 A Frevioca e grupo de passistas na rua durante o Carnaval e a Frevioca no Desfile do Galo da Madrugada – Década de 1980
- 07 Vista do Centro do Recife de pequeno grupo em interação
- 08 Grupos em interação na praia de Boa Viagem no Recife
- 09 Cortejo natalino marca volta de uma tradição – Ano: 1989
- 10 Cartões: tradição está morrendo
- 11 Moradores do Coque reagem ao despejo
- 12 Fotografias de Cinemas do Recife na Década de 1980
Áreas de Inclusão e Exclusão no Recife
- 13 Que há com a PMPE?
- 14 A morte violenta
- 15 Novos rumos da mocidade
- 16 Onde Pernambuco se expande
- 17 Anistia ampla, geral e irrestrita: ela traz de volta Luís Carlos Prestes
- 18 Anistia ampla, geral e irrestrita: ela traz de volta Leonel Brizola
- 19 Eu quero votar para Presidente
- 20 Placar das 'Diretas já'
- 21 Sarney quer PDS unido contra eleições diretas
- 22 A PEC das Diretas já, de autoria do deputado Dante de Oliveira, foi rejeitada pelo Plenário em 1984
- 23 A vitória de Tancredo Neves
- 24 Maxidesvalorização do cruzeiro
- 25 Janeiro: desemprego, inflação e FMI

- 26 Imagem 26 | A Constituição de 1988
- 27 Dom Hélder quer esforço para Brasil chegar ao ano dois mil sem miséria
- 28 Na aldeia global o poder fica para quem sabe mais
- 29 Luz no fim da década - A década serviu para que fossem acertadas as contas com o passado
- 30 O Nordeste e a década
- 31 Tempos de agora e de dantes
- 32 Febem atendeu a 20 mil menores no ano passado
- 33 Menino de rua aprende a evitar Aids
- 34 Paralisação de táxis contra a violência
- 35 Motoristas pedem providências enérgicas à Segurança Pública
- 36 Turismo
- 37 Recife terá o porto mais moderno de todo o Nordeste
- 38 Espaço Vital
- 39 Shopping cresce apesar da incerteza
- 40 Programas de Cooperativas Habitacionais do BNH
- 41 “Realeza”, nova favela às margens do Capibaribe
- 42 “Dancing Days” recebe ajuda da Prefeitura
- 43 Moradores do Pina fazem “Caminhada”
- 44 Casas em palafitas na localidade dos Coelhos – Recife
- 45 Palafitas no Cabanga – Recife
- 46 Comunidade de Santa Luzia à beira do Rio Capibaribe – 2016
- 47 Comunidade do Pilar no Bairro do Recife – 2016
- 48 Comunidade do Pilar no Bairro do Recife – 2016
- 49 Imagem 49 | Shopping Center Recife em 1987/88
- 50 Shopping Center Recife – Ano: 2013
- 51 Zonas Especiais do Recife
- 52 Áreas de Inclusão e Exclusão no Recife
- 53 Mapa dos Bairros do Recife
- 54 Mapa das ZEIS do Recife – Zonas Especiais de Interesse Social – 2005

- 55 A Avenida Canal – atual Agamenon Magalhães – 1980
- 56 Avenida Agamenon Magalhães – 1980
- 57 Edifício Clarice Lispector
- 58 Edifício Beethoven
- 59 Um empreendimento único
- 60 Edifício Paganini
- 61 Leia a ficha deste jovem
- 62 Edifício Casa Grande de Santana
- 63 A publicidade que valoriza o local
- 64 A publicidade que valoriza o loteamento
- 65 A expansão do mercado imobiliário no Recife na década de 1980
- 66 Imagens e construção de modelos para moradia no Recife.
Década de 1980
- 67 Anúncio para venda de terrenos em Aldeia
- 68 Anúncio de edifícios à venda no Recife
- 69 A expansão do mercado imobiliário e da construção
civil nos bairros mais perto do Centro Principal do Recife
- 70 Demolição de casas antigas em uma quadra do Bairro da Boa
Vista
- 71 O Recife visto de Olinda
- 72 Sociabilidades no Bairro do Recife
- 73 Sem teto no Centro no Principal do Recife
- 74 Sem Teto dormindo na Praça Osvaldo Cruz na Boa Vista
- 75 As estratégias de proteção das edificações
- 76 O lixo acumulado nos bairros mais pobres do Recife
- 77 Praia do Paiva – em Jaboatão dos Guararapes na Região
Metropolitana do Recife

Canção da América (Unencounter)

Milton Nascimento e Fernando Brant, 1980

*Amigo é coisa pra se guardar
debaixo de sete chaves
dentro do coração
assim falava a canção
que na América ouvi
mas quem cantava chorou
ao ver seu amigo partir*

*Mas quem ficou, no pensamento voou
com seu canto que o outro lembrou
e quem voou, no pensamento ficou
com a lembrança que o outro cantou*

*Amigo é coisa pra se guardar
no lado esquerdo do peito
mesmo que o tempo e a distância digam não
mesmo esquecendo a canção
o que importa é ouvir
a voz que vem do coração*

*Pois seja o que vier, venha o que vier
qualquer dia, amigo, eu volto
a te encontrar
qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar*

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo I Liberdade, medo e desejos: algumas considerações	31
I.1 Sociabilidades	42
I.2 Fragmentos: onde as certezas são flutuantes	59
Capítulo II Paradigmas e paradoxos entrelaçados	64
II.1 1980 – A Nova década: acertos de contas com o passado	80
II.2 Cenários: luz no fim do túnel	93
Capítulo III As cidades e suas Arquiteturas – Construções	107
III.1 Continuidades e Rupturas: rumos das Cidades e da Arquitetura no Brasil – 1960 1980	115
III.2 Recife	134
Capítulo IV A cidade e a vida para consumo: o Recife dos Anos 80	150
IV.1 Os Classificados: a construção de lugares de Sociabilidades no Recife dos anos 1980	157
IV.2 O fascínio dos novos caminhos: a construção de novos lugares para o Recife	176
Considerações finais	192
Referências	200

Atenção: degraus!

O trabalho em uma boa prosa tem três graus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida. (BENJAMIN, 1987, p.27).

Introdução

O trabalho do historiador, segundo Benjamin, consiste em “arrancar” do passado aquele fato inacabado e parente do presente e em reconstituí-lo como uma “descoberta”, que se relaciona, singularmente, com o reconhecimento (BOLLE, 1958, p. 1).

Sensibilidade, paciência, seleção e escolhas fazem parte do trabalho do historiador. Juntar e relacionar as fontes. Lançar o olhar do presente em direção ao passado. Escrever, descrever e relatar. Um recriar contínuo, comprometido com o tempo de hoje, associando valores de uma sociedade em constante transformação. A História é construída por escrever, colocar em sequência as ações das pessoas, e nos aproxima dos atos humanos, da linguagem e da narrativa (RICOEUR, apud GAGNEBIN, 2006, p. 43).

Em *A Operação Historiográfica*, Certeau (2008) enriqueceu as reflexões acerca da sociedade alinhando estudos dos campos da Sociologia e da Antropologia para explicar que o trabalho do historiador é feito por pesquisa, interpretação e escrita. Para ele, esse trabalho se faz a partir da definição de um lugar social, da identificação de relações sociais, econômicas, políticas e culturais, pois o mesmo se insere em um sistema de referências, pontos de apoio à reflexão.

Estudos e análises implicam, também, na articulação. Ao dizer algo, o historiador se move em um campo de relações repleto de subjetividades e de conexões. O lugar social delimita escolhas, caminhos metodológicos, questões a serem abordadas e fontes documentais para análise. A pesquisa requer posicionamentos, ética, responsabilidade e autonomia. Desse modo, mediante temática abrangente, algumas escolhas metodológicas foram realizadas.

A escolha temática permite deslocamentos entre campos do saber diferentes. Roger Chartier (2002) empregou em suas pesquisas, metodologia que possibilitou análises por meio dos estudos das representações. Isso se desdobra sobre formas

de apropriação que se interligam às práticas sociais em lugar e tempo específicos, permitindo-nos apreender que as sociedades constroem histórias e deixam vestígios ao longo do tempo: elementos representativos de modos de viver e de pensar socialmente construídos.

Ao escrever e *narrar* desejamos perpetuar as coisas vivas, as situações presentes, de modo a manter as lembranças para as gerações do futuro. Como afirmou Gagnebin (2006), a memória das pessoas se preserva por meio da transmissão oral e pela conservação da escrita. Acreditamos também que a memória se forma pelas vivências cotidianas, pelas imagens e pela preservação das coisas e dos ambientes nos quais convivemos.

Para Gagnebin (2006), a construção da identidade das pessoas é atravessada pela temporalidade, passa pela memória coletiva e pelo social. Não é possível pensar em identidade individual, pois sua construção passa necessariamente pelo social, pelo que apreendemos culturalmente. Portanto, guardamos em nós a memória das coisas que nos acompanharão ao longo da nossa trajetória pessoal e social.

Contudo, nada disso assegura a imortalidade, segundo Gagnebin (2006). As palavras nos fazem recordar do desejo de “felicidade do presente”. Talvez, este olhar dedicado ao passado nos faça atentos ao presente, às aspirações de sermos felizes, e à “transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível” (op. cit., p. 12). É nesse contexto que nos posicionamos acerca do momento atual.

Na sociedade contemporânea, mudanças significativas marcam a vida cotidiana das pessoas. As formas de se relacionar deslocam-se de condições e contextos locais para modelos globalizados em decorrência dos avanços nas formas de comunicação. As intercomunicações entre culturas e lugares diferentes interferem nos comportamentos humanos (BAUMAN, 2007). Ou seja, essas transformações passam a ter interferência no viver cotidiano da sociedade.

Lançar um olhar sobre sociabilidades no Recife na década de 1980 é a temática principal deste trabalho. A escolha do tema decorre das pesquisas

realizadas no Mestrado em Desenvolvimento Urbano, em que tratei do conceito de *permanências urbanas*. Refletir acerca das continuidades me possibilitou pensar nas mudanças. Desnecessário dizer que este trabalho se relaciona, também, à construção de um olhar em contexto específico que possibilita a apreensão das relações cotidianas.

O tema define o ponto de partida e se relaciona às questões ligadas ao momento vivido e a posicionamentos pessoais (REZENDE, 1992). Desse modo, questões do nosso tempo permitiram a escolha do tema, que, por sua vez, relaciona-se à vida das pessoas na cidade do Recife, com sua história, lugares, espaço e tempo. Define-se, também, um posicionamento mediante circunstâncias do presente sem se desvincular do passado e refletir sobre o futuro. Pretende-se abordar a temática a partir de pontos que entrelaçam práticas sociais e ambientes urbanos.

As escolhas feitas prescindiram de sentido. Tal sentido não pretende abarcar a totalidade das complexidades do nosso tempo, nem ser a única interpretação sobre o problema, mas uma das maneiras de o mesmo ser abordado. Conceitualmente, a verdade é discutível, relativa e rica em possibilidades (GAGNEBIN, 2006), pois os estudos dessa temática se interligam à complexidade atual.

Portanto, foi necessário pensar nas questões de hoje e nas circunstâncias do passado que propiciam a construção do presente. As que me inquietam, de modo particular, e que se relacionam, também, à sociedade atual; questões que nos fazem pensar na vida dos indivíduos nas cidades e nas relações que se estabelecem nos ambientes urbanos. Conferem presença no cotidiano pelos significados tecidos ao longo do tempo.

Consideramos que necessidades, desejos e anseios sociais antecedem a construção dos lugares e de suas arquiteturas. São forças e discursos — nem sempre claros, mas inerentes à cultura a qual se interligam — que configuram redes de informações entre pessoas e grupos. Sendo assim, partindo do olhar sobre a contemporaneidade, pesquisamos a década de 1980, cujas práticas cotidianas se encontram bem situadas nos ambientes urbanos e arquitetônicos do Recife de hoje.

Para tratar o tema, delimitamos um recorte espacial e um temporal. Com base na pesquisa e no estudo das fontes, a década de 1980 é fundamental para o estudo aqui proposto. As principais fontes pesquisadas foram as dos jornais *Diário de Pernambuco*¹, *Jornal do Commercio*², *Diário da Manhã*³ e o *Suplemento Cultural – Pernambuco*⁴ veiculados na década de 1980. Esses documentos ofereceram dados que possibilitam a leitura de discursos interligados ao tema deste estudo.

Dentre as escolhas realizadas, destacamos as fontes dos jornais e as possibilidades que encontramos para estudar como era viver no Recife nos anos 1980, observando os lugares de sociabilidades, a cidade e suas arquiteturas, lugares para os quais as pessoas se deslocam em seus cotidianos, mapeando as cartografias que se configuraram e que permitem visualizar a vida social e cultural e as transformações dos ambientes urbanos em meio ao contexto no qual aconteceram.

Do ponto de vista das fontes de pesquisa, priorizamos os jornais, documentos que forneceram aporte ao trabalho e permitem a visibilidade das construções cotidianas. Também foi necessário estudar o contexto político e as configurações no campo do Urbanismo e da Arquitetura das décadas de 1960 e 1970, período da

¹ O jornal *Diário de Pernambuco* foi fundado em 1825 É “o mais antigo jornal da América Latina”. Possui grande acervo do século XIX e cobre todo o século XX. Segundo Joezil Barros: “trabalhamos pelo fortalecimento econômico de Pernambuco e pela afirmação de sua cultura, lutando, com tenacidade, em favor dos interesses nordestinos. Este é o nosso compromisso”. Atualmente, a empresa é presidida por Alexandre Rands, e o Vice-presidente é Maurício Rands (empresário e político). (Disponível em <http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml>. Acesso em 25/12/2015, às 12:40h.)

² O *Jornal do Commercio* foi criado em 1919 com um ideal: apoiar a campanha de Epitácio Pessoa à Presidência da República. Na década de 1970, a empresa entrou em crise que durou até 1987. A superação da crise só aconteceu quando assumiu a liderança o empresário João Carlos Paes Mendonça. Hoje é uma empresa do Grupo JCPM. As pesquisas neste jornal foram realizadas na Fundação Joaquim Nabuco que possui acervo microfilmado. (Disponível em <http://jconline.ne10.uol.com.br>. Acesso em 25/12/2015, às 13:43h.)

³ A *Coleção do Jornal Diário da Manhã* (1927-1985), do Arquivo Público Jordão Emerenciano, fundado em 1927 por Carlos de Lima Cavalcanti, constitui-se publicação importante à imprensa em Pernambuco. Sua fundação coincide com os movimentos que antecederam a queda da República Velha. Constitui-se importante fonte de informações sobre a História do Brasil e do mundo, disponível para os pesquisadores. (Disponível em <http://www.cepedocumento.com.br/diario-da-manha.html>. Acesso em 24/12/2015, às 16:35h.)

⁴ O *Suplemento Cultural – Pernambuco* é uma publicação do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. Começou a ser veiculado em 1986, criado na gestão do então Governador Gustavo Krause. Desde 1986, o *Suplemento* se preocupa em trazer “um apanhado de como a cultura tem moldado Pernambuco e o mundo, colhendo as nossas tradições e rupturas em suas páginas”. Os 21 anos de jornal se encontram digitalizados. Constitui-se importante fonte de informações para o conhecimento das realizações culturais em Pernambuco. (Disponível em <http://www.cepedocumento.com.br/suplemento-cultural.html>, acesso em 25/12/2015, às 14:30h.)

Ditadura Militar (1964–1979), que, do ponto de vista dessas produções, cerceou a liberdade de expressão, fechou revistas especializadas e limitou possibilidades de debates nesses campos do conhecimento.

A escolha da década de 1980 revelou sinais e fios que se interligam aos acontecimentos observados hoje. Alguns desses, fundamentais à construção da nossa sociedade, como a redemocratização do País, a formulação de leis voltadas para a cidade, a promulgação da Constituição Nacional de 1988, à retomada da liberdade de expressão, possibilidades de interação da sociedade com as propostas para as intervenções urbanas e com o debate internacional acerca da crise da modernidade e das condições pós-modernas.

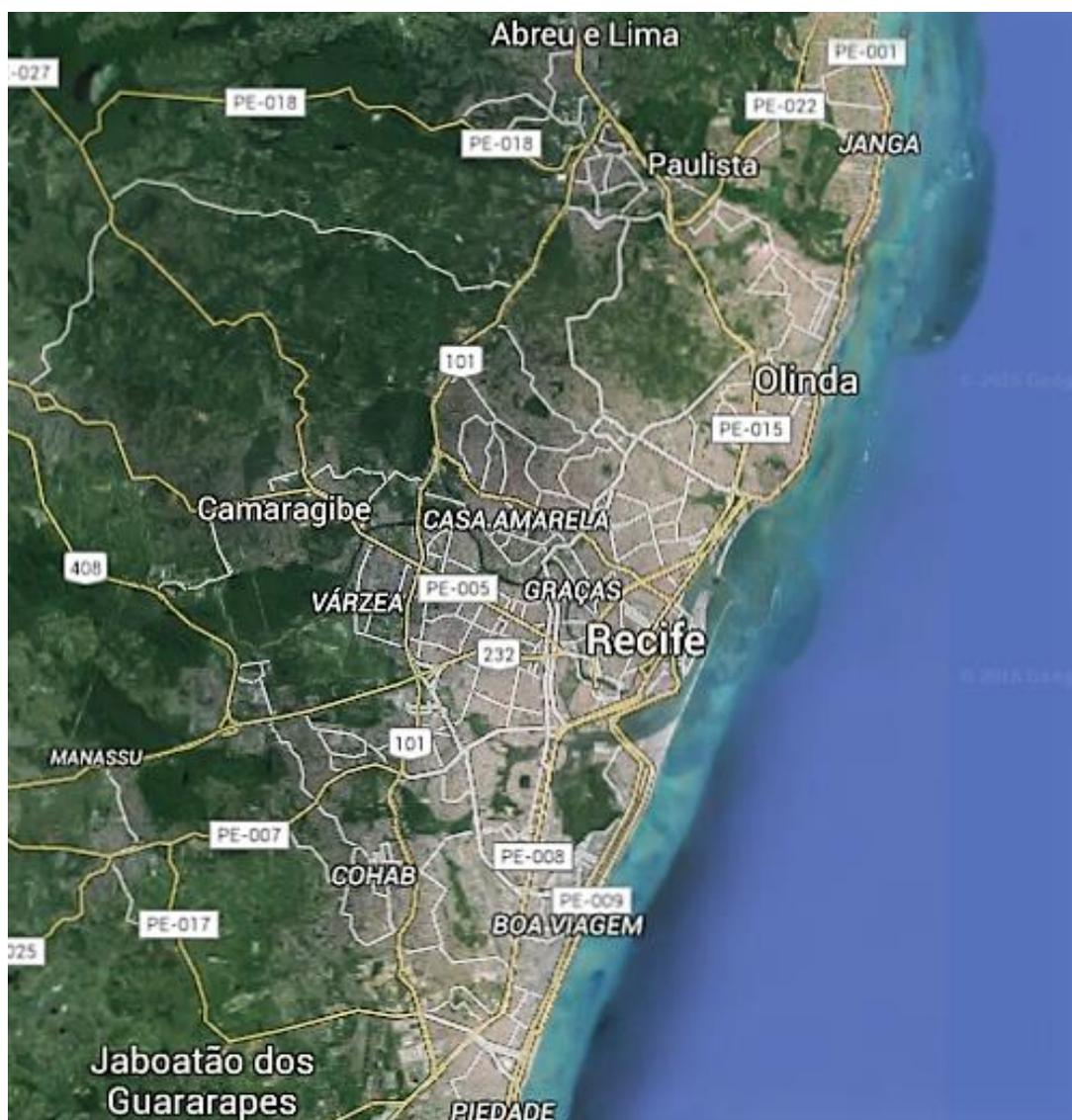
Relacionamos a este estudo pesquisa sobre o estado da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo do período, movimento necessário a fim de aproximar os campos disciplinares, uma vez que algumas transformações das cidades ocorreram mediante intenso período de urbanização do Recife. Essa aproximação, a seleção e o estudo das fontes permitiram fazer a articulação com o estudo das sociabilidades e o modo de viver no Recife na década de 1980.

Nesse contexto, a cidade e suas arquiteturas constituíram, igualmente, fontes que permitiram o estudo proposto. A cidade e suas arquiteturas configuram um complexo que se constrói todos os dias. Desse ponto de vista, importam a produção do período, as cartografias que se configuram no Recife na década de 1980, a maneira como os diversos ambientes das cidades são vivenciados, os usos e as relações entre os ambientes privados e públicos.

Para um estudo que envolve sociedade e práticas socioespaciais, o recorte espacial abrange a cidade do Recife, o centro tradicional, os bairros do Recife hoje denominados *Recife Antigo*, de Santo Antônio, São José e da Boa Vista, e circunvizinhanças, que se constituem marcos urbanos e simbólicos para a cidade do Recife — lugares nos quais se delinearam as primeiras nucleações urbanas que podemos definir como lugares das conformações sociais do Recife e que receberam intervenções na década de 1970.

Na atualidade, esses bairros estão sob a jurisdição da 1ª Regional do Recife, área ligada à história de formação da cidade, cuja configuração urbana se liga e ao passado por formas e modos de viver e conviver em diferentes momentos da sociedade recifense. Conformam ambientes vivenciados nos dias de hoje. Esses bairros possuem leis específicas do ponto de vista da preservação do patrimônio cultural, reconhecidos como áreas centrais, referência ligada a conexões com a história da cidade.

Imagem 01 | O Recife e Região Metropolitana. Ano: 2016



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Recife>, em 23/11/2014. 13:11h

A cidade é complexa. Portanto, os lugares possuem contextos de formação e problemas específicos. Desse modo, o recorte territorial para este estudo prioriza a área mais antiga do Recife, sem, contudo, permanecer estritamente ligado a este ambiente, uma vez que as articulações dentro da cidade e entre lugares extrapolam a noção de centro.

Tal delimitação espacial selecionou os ambientes urbanos cujas histórias sociais e urbanas se ligam à formação da cidade do Recife, com valores históricos, paisagísticos, ligados também à memória social. Conforme Gagnebim (2006), a memória não se reduz apenas à atividade de lembrar, mas a relações entre o vivido e o presente, às memórias afetivas, às imagens que incorporamos do não vivido e às reminiscências.

Esses lugares têm sido palco de tensões em decorrência das propostas para crescimento, adensamento e modernização com ênfase na verticalização como modelo para construção de um Recife novo, cenário para a participação da sociedade na construção e renovação de ambientes urbanos. São, também, espaço de interesse para a especulação imobiliária, para intervenções que priorizam o uso dos automóveis, o adensamento por meio da verticalização, e atualização com implantação de ciclovias e melhorias em espaços públicos sem efetivamente elevar a qualidade de vida dos menos favorecidos.

O interesse em estudar sociabilidades e representações sociais surgiu a partir das reflexões sobre a cidade e conflitos atuais propícios a estudos e análises. O Recife tem sido palco de divergências sociais, movimentos e debates com interesses que divergem e se relacionam com as propostas para transformações e renovações urbanas enquanto construções sociais.

É consenso que o viver em sociedade acontece por meio de trocas contínuas que envolvem afetividade, renúncias, escolhas, liberdade e vida. Assim revela-se a condição humana, invariavelmente interligada a subjetividades e aos ambientes urbano-arquitetônicos. As experiências e os relacionamentos enriquecem as pessoas. Somos fisicamente iguais, e infinitamente diferentes nos pensamentos e nas escolhas, nas relações que construímos com o outro, com a cidade e com o mundo.

Hannah Arendt (2010) afirma que é uma condição humana a ação, o agir, e que não há como controlar os rebatimentos que tem uma ação, ou as escolhas que fazemos, pois elas se reverberam em movimentos e deslocamentos. Desse modo, as pessoas constroem uma cadeia de relações complexas de práticas e de representações nas quais, questionadas, são chamadas a responder, compreender, posicionar-se, agir ou reagir. Ou seja, das associações derivam transformações e permanências.

Nesse contexto, há um conjunto de relações, campos do pensamento, interesses diversificados e elementos que se interligam aos momentos vivenciados. Não há também como desvincular tais escolhas dos trabalhos de pesquisa que realizei e dos problemas sociais, imbricados aos urbanos, que se colocam neste momento à reflexão. Há que considerar, do mesmo modo, as respostas que a sociedade tem oferecido aos desafios.

Ao longo do tempo, muitos autores contribuíram para ampliar o campo da abordagem historiográfica e, assim, possibilitar estudos mais aprofundados acerca da sociedade. A interdisciplinaridade permite formar um jogo complexo de relações e deslocamentos. Esses movimentos possibilitaram alargar as interpretações, utilizar fontes de pesquisa e enriquecer a escrita da História, o relato dos acontecimentos (JANOTTI, 2010).

A inserção de novos problemas e fontes de análise permite a constituição de um jogo complexo de interações, movimentos e interdisciplinaridade. Em meio à complexidade de campos teóricos, este estudo dialoga com a História Cultural, a História Urbana, a Arquitetura e a complexidade de muitas metrópoles contemporâneas quando envolvem práticas de sociabilidades e relações espaciais.

No que se refere à cidade e suas arquiteturas, ressalta-se o pensamento de Rossi (1989), que compreende a cidade como um conjunto de arquiteturas edificadas ao longo do tempo nos quais os ambientes são dispostos e pensados para atender às necessidades humanas com relações de poder bem definidas. No Recife, são passíveis de estudo por meio da configuração dos lugares, do conhecimento dos locais em que as sociabilidades acontecem e que permitem perceber como era viver na cidade do Recife dos anos 1980.

As arquiteturas da cidade se articulam com as sociabilidades, porque todas as formas de relacionamento, ação e interação acontecem nos ambientes urbanos — nas ruas, nas moradias, nos bares, nos cinemas, nas praias, nos centros comerciais, ou nos *shoppings*. Assinala-se, também, uma crise mundial no campo da Arquitetura mediante o esgotamento das posturas modernistas, cujas premissas não correspondiam adequadamente às mudanças da sociedade.

Sobre as mudanças sociais, Bauman (1998) se refere aos conflitos da supermodernidade, em que dúvidas e suspeições conduzem nosso momento. Das contradições, da superpopulação dos centros urbanos, dos desencontros, de individualismos exacerbados, dos shows do eu, da solidão e dos medos. As cidades, outrora edificadas para serem lugares de segurança, passam a ser locais de medo. Para dar segurança, a tecnologia avança, com novos elementos que criam a sensação de proteção, sem aniquilar as causas.

Em meio a esse contexto, entrelaçam-se sociabilidades e ambientes urbano-arquitetônicos. A maneira como se dão os encontros e os usos, as segregações espaciais, exclusões e mudanças, de certo modo, moldam escolhas e comportamentos. Transparecem na cidade a relação entre o fascínio pelo novo e necessidades de permanências.

Essas observações permeiam o estudo que ora se apresenta, alinhando-se às relações com os ambientes urbanos e arquitetônicos, palco da experiência humana em práticas e representações que se constroem face a uma crise econômica mundial e local em que se prenuncia um conflito de paradigmas mediante críticas à forma de condução dos problemas mundiais, da expansão do capitalismo e dos efeitos da globalização que, conforme Hall (1998), colocou a identidade em questão.

Para uma sociedade que gira em torno das urgências e da falta de tempo, buscamos um caminho para o estudo do cotidiano e de questões presentes na vida das pessoas, nas relações interpessoais e refletir sobre modos de viver e vivenciar contradições atuais, permanências e transitoriedades. Ou seja, em uma sociedade de consumidores, espera-se o “próximo mais novo..., o último assunto do momento, o lugar onde todo mundo que é alguém precisa ser visto” (BAUMAN, 2008: 8).

No meio social, indivíduos interagem constantemente, influenciam, são influenciados e podem mudar a partir das interações. As relações de sociabilidade se configuram por trocas — dar, receber, retribuir — e movem conjuntos de elementos e obrigações que alimentam vínculos para a não separação e não diluição do compromisso social. Configuram sociabilidades, porque relacionar-se faz parte da condição humana.

A explicitação desse caminho de pesquisa fez necessário estudar o conceito de *sociabilidade* examinado por Georg Simmel⁵ e que balizou os parâmetros iniciais para incursão nesta “cidade relacional” (FRÚGOLI, 2007, p. 6). O conceito de *sociabilidade*, *geselligkeit*, foi estudado por Georg Simmel no final do século XIX, preocupando-se em compreender como era possível existir a sociedade e formas de interações.

Para Simmel, a sociedade e as sociabilidades podiam ser compreendidas como algo em construção e trocas contínuas entre os grupos sociais. Assim, construiu um tipo ideal de sociabilidade em que as interações existem por si mesmas. Tal estudo enfatizou o indivíduo que transita no meio urbano, entre as pessoas e em diferentes lugares, e que, no meio urbano, estabelecem trocas, seja de aproximação, seja de distanciamento, influenciando e sendo influenciado por diferentes situações.

A interação é parte da condição dos indivíduos no meio social. Nesse sentido, forma-se uma complexa teia de relações em que individualidades, diversidade e subjetividades coexistem e transparecem por atitudes que podem ser observadas nas disposições e conformações espaciais dos ambientes citadinos. O ambiente urbano é o lugar em que a diversidade se manifesta de modo complexo (FRÚGOLI, 2007).

As ligações entre sociabilidades e cidade podem ser estudadas pela observação de “formas e modelos de convivência”, como em praças, parques,

⁵ Georg Simmel (1858-1918), filósofo e historiador alemão, desenvolveu estudos sobre Filosofia e Ciências Sociais, preocupando-se em compreender a relação entre indivíduos e sociedade e fatores que tornam possível o viver social. Elaborou importante síntese acerca da sociedade e dos acontecimentos de sua época. Seus trabalhos são referência aos estudos da sociedade contemporânea, considerando-se a atualidade dos temas por ele abordados. Dentre as obras de maior relevância em seus estudos destacam-se *Sobre a diferenciação social* (1890), *Introdução à ciência da ética* (1892-1893), *A filosofia do dinheiro* (1900), *Sociologia: investigação sobre formas de socialização* (1908) e *Questões fundamentais da Sociologia* (1917).

casas, edifícios, shoppings, entre outros. Pelo estudo da interação como relações de encontros que permitem trocas. Outra forma de observação se liga a modelos de associações, que se apresentam sob a forma de grupos. Isso demonstra que tais modos de estar em sociedade possuem localização própria (FRÚGOLI, 2007).

Por esse viés, é possível observar os processos de segregação circunscritos nas cidades, em que os grupos que partilham dos mesmos interesses ocupam territórios próprios. No meio urbano, esses diferentes mundos se tocam do ponto de vista espacial: contudo, um não penetra no outro, pois são separados por visões de mundo e contextos sociais, políticos e econômicos diferentes.

Isso explica as áreas na cidade do Recife marcadas pela presença de associações com diferenças sociais muito claras: encontram-se geograficamente próximas, mas as fronteiras que as separam são identificadas por uma diversidade de elementos, como formas de convivência, organização espacial, uso dos ambientes coletivos, presença ou ausência de infraestrutura urbana — como instalações de água, esgoto, drenagem, energia elétrica, equipamentos urbanos, limpeza e coleta de lixo.

O Recife, suas imagens, cartografias e configurações se apresentam como documentos e denotam discursos de práticas antigas, muitas delas recorrentes no dia a dia e também de novas visões de mundo e percepção. Sociabilidades, história da cidade e imagens podem ser entrelaçadas para compreensão de contextos que tornam possíveis leituras interligadas, que apontam para encontrar nexos entre diferentes temporalidades e marcam a presença de associações com diferenças sociais marcantes.

As paisagens urbanas demonstram espaços de segregação e de interação, ao considerarmos as edificações, os espaços de uso comum — como praças, ruas e passeios públicos —, áreas para lazer, infraestrutura urbana e qualidade ambiental⁶. Essas delimitações resultam de construções histórias que se rebateram sobre a

⁶ A trama do tecido urbano em locais onde se localizam comunidades carentes diverge do padrão instituído pela legislação ou plano urbanístico, adotam configurações labirínticas e adensamento. A qualidade desses ambientes, em geral, difere dos bairros residenciais legais, ou seja, aqueles cujos planos seguem padrões da legislação vigente para a cidade como um todo.

ocupação espacial da cidade hoje. Procedem também da construção de imagens que foram criadas acerca da história da cidade e da formação de seus bairros.

No Recife, as representações tendem a ser repetidas por meio de práticas cotidianas. Portanto, a convivência, as trocas entre pessoas e as formas de interação compõem as sociabilidades, pois o viver social é uma das condições humanas. A sociabilidade torna possível a vida, dá sentido ao viver, ao experimentar. Em meio à caminhada e construção da vida humana nas cidades, é imprescindível a convivência em sociedade, as partilhas e a comunicação.

Convivemos em uma cidade com índices elevados de pobreza, educação pública deficiente, problemas com relação à saúde e assistência médica, ao transporte e mobilidade. Apesar disso, convivemos, também, com diferentes níveis de qualidade de vida. Essas disparidades estão bem representadas na cidade e por suas arquiteturas. Assim, do ponto de vista do ambiente urbano, o espaço físico da cidade do Recife não atende aos requisitos que grande parte da sociedade deseja.

A legislação e as exigências do mercado imobiliário cerceiam a criação. A falta de planejamento e os planos das incorporadoras para áreas privilegiadas do Recife dividem opiniões. Ou seja, a sociedade organizada deseja participar das decisões para as transformações na cidade de modo a propiciar qualidade ao viver social. Contudo, o diálogo entre o poder público e a sociedade nem sempre é fácil.

Elementos essenciais às relações de sociabilidade, os espaços públicos, como praças, ruas e calçadas, requerem conservação necessária ao uso público. O lixo, restos de uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008), contribui para a insalubridade dos ambientes, proliferação de epidemias, empobrecimento estético e alagamentos. Além disso, a sociedade reclama da violência, dos dissabores dos congestionamentos, dos transportes públicos e dos problemas infraestruturais das redes elétrica, de esgoto e de drenagem.

Paralela e paradoxalmente, constrói-se um mundo virtual em velocidade, para uma parcela da população. Permanecem pobreza, incertezas e adversidades nos ambientes pobres com desdobramentos sobre as concepções espaciais. Se, por um lado, assistimos à criação de ambientes segregadores, reservados e privativos, por

outro, há reprodução de formas antigas de representação do poder, com privilégios para as classes mais favorecidas. Isso transparece nos espaços urbanos.

O poder público tem sido ineficiente no processo de manutenção dos ambientes coletivos, pela própria dificuldade, ou incapacidade, de manter e gerir os ambientes comuns. A construção da cidadania requer a participação dos diferentes segmentos sociais na proposição de ideias e elaboração de programas que conduzam a uma cidade melhor. O processo de participação social foi retomado no Brasil a partir da abertura política com o final da Ditadura Militar.

A década de 1980 não só foi um momento de transformação para a sociedade brasileira, mas também permitiu a inserção do País em uma economia globalizada, que se expandia para territórios ainda pouco explorados pelas transações comerciais e pelo neoliberalismo. A dinâmica desse modelo acirra diferenças entre classes sociais, segrega territórios e tende a criar fragmentações no meio urbano, separando minorias ou criando modelos para autosegregação (BAUMAN, 2008).

Portanto, para lançar o olhar sobre sociabilidades no Recife dos anos 1980, os capítulos foram organizados de modo a construir uma lógica que se apoia nos autores referenciados e nas fontes pesquisadas. Os estudos tiveram como foco estudar as sociabilidades na cidade do Recife e modos de representação no espaço urbano, considerando-se o contexto do período. Inicialmente, propõe-se um ponto de partida com temáticas ligadas a relações sociais, ao universo virtual e ambientes urbanos.

No Capítulo I estudamos o tema sociabilidades à luz de alguns autores, destacando-se Simmel (2006), Velho (2001)⁷ e Frúgoli (2007). Traz reflexões acerca da liberdade, medos e desejos na pós-modernidade nas cidades. Em seguida, este estudo examina as construções em um mundo com certezas flutuantes, variáveis e instáveis. Encontram-se fundamentados também nos estudos de Walter Benjamin⁸

⁷ Entrevista com Gilberto Velho Concedida em 3 de julho de 2001. Disponível em <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=entrevista+com+GILBERTO+VELHO+e+simmel>. Acesso em 12/03/2015. Disponível para download em bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2140/1279.

⁸ Walter Benjamin (1892-1940), filósofo, sociólogo, ensaísta, crítico literário e tradutor alemão de origem judaica, produziu trabalhos de grande interesse aos estudos contemporâneos, em virtude de sua reflexão sobre a vida das pessoas nas metrópoles. Destacamos os estudos acerca da cidade de

sobre o conceito de *fragmentos* e a possibilidade de concepção de tempos que se cruzam.

O Capítulo II foi realizado com base em narrativas, textos e reportagens da década de 1980. Discorre sobre os paradigmas e paradoxos da pós-modernidade, conforme dispõe Bauman (1998). Também lança luz acerca dos cenários políticos, econômico e social do período. Tais estudos envolvem temas relevantes a serem abordados, particularmente no que se refere à existência de um modelo globalizado, no plano mundial, e outro nacional, ao qual o País precisou se adequar.

No Capítulo III, estudamos as cidades, suas arquiteturas e as construções para o Recife, e à nação, na produção de paradigmas para a vida em sociedade inserida no modelo capitalista, com valores amparados na produção, circulação e consumo de bens. Elaboramos cartografias do Recife mostrando algumas transformações dos ambientes urbanos ocorridas ao longo do século XX e, particularmente, no decorrer da década de 1970 que prepararam algumas cidades brasileiras para a década de 80.

Partimos do pressuposto de que enquanto no plano político permanecem promessas por melhores condições de vida, encontramos na documentação pesquisada sinais que se voltam à elaboração de modelos mais rentáveis de lidar com o território da cidade, investimentos que valorizam áreas já favorecidas e movimentos populares para melhoria nos lugares pobres. Movimentos contraditórios configuram as cartografias dos desejos no Recife, que cresce e não se desenvolve.

O Capítulo IV tem como foco a construção da cidade e a vida no Recife dos anos 1980, em que os lugares de sociabilidades também são sinalizados pelo movimento do mercado imobiliário. Nesse cenário, despontam diferenças sociais, injustiças e exclusões, pois as novas propostas, muitas vezes, apenas repetem discursos antigos. Considera as sociabilidades no meio virtual entrelaçadas aos encontros e práticas de sociabilidades no meio urbano.

Finalizamos com reflexões acerca do fascínio por novos caminhos: a construção de novos lugares no Recife da década de 1980 e nexos com as práticas

de sociabilidades nos ambientes do Recife atual, em que forças disputam espaço e participam da construção da cidade inserida no universo da globalização, informatização e comunicação.

Acreditamos que os momentos vividos, as convivências e os lugares possuem nexos que possibilitam os deslocamentos, o movimento de ir e de vir no tempo e nos lugares. As recordações me moveram em diversos momentos ao longo desta pesquisa. Não apenas os lugares nos movimentam, mas nos deslocam entre tempos. As memórias nos levam, fazem-nos passear ao som de canções, textos, palavras e perfumes. Os tempos, os lugares e as pessoas, os desejos e os sonhos nos movem pela vida, interligam-nos ao vivido nas arquiteturas da cidade e seus modelos de representação.

Capítulo I | **Liberdade, medos e desejos: algumas considerações**

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer (CALVINO, 2003, p. 17).

A juventude que concluiu o Segundo Grau⁹ em 1979 e passou no exame vestibular se matriculou na universidade no início de 1980 com muitas esperanças. Novas amizades, muitos planos para o futuro. Liberdade! Podia-se falar de economia e de política, os diretórios estudantis se reorganizavam. Assistir aos filmes censurados e ouvir músicas de compositores da MPB proibidas. Que impedimentos havia nos filmes, músicas e autores censurados?

Muitos assistiam angustiados e experienciavam a liberdade com temor. Na universidade, setores mantinham condutas repressoras, preconceitos e discriminações. Alguns grupos estudantis encontravam-se alheios, jovens sem rebeldia por medo do sistema da repressão. Em meio aos arquivos dos jornais pesquisados, fui surpreendida pelo *Listão Vestibular* de 1980!¹⁰ Como em Walter Benjamin, a ideia de simultaneidade: instantes iluminados a nos deslocar entre tempos. Havia alegria interior e confiança no futuro.

Algumas marcas permaneciam naqueles que perderam parentes e amigos durante a Ditadura. A geração dos anos 1980 sentia medo e desejava viver a liberdade, sonhava com entrar em contato com o exterior, ainda que muitos desejos não fossem possíveis. As novidades chegavam por jornais, livros, revistas, rádio e televisão e faziam parte do futuro. Muitos jovens deixaram o País para morar e trabalhar no exterior. Ir a Miami e à Disney World fazia parte dos sonhos de muitos jovens da geração.

⁹ A Lei nº 5692/1971 promoveu a reforma no ensino criando o Primeiro Grau e o Segundo Grau, hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente .

¹⁰ 1980 foi o ano em que ingressei na UFPE, no curso de Arquitetura e Urbanismo.

A sociedade brasileira na década de 1980 vivenciou diversas transformações que nos colocaram no meio de um cenário mundial diferente da nossa realidade. Tivemos que reconstruir a cidadania, lutar pelo direito de votar, escolher novos dirigentes, exercer a liberdade de expressão, conviver com as diferenças político-partidárias e nos colocarmos mediante um modelo de economia globalizada. Contextos da década de 1980.

Trilhar por tais caminhos parece não ser tão fácil. Conviver com as diferenças tornou-se uma das opções mais difíceis de conseguir na atualidade. A sociedade fragmenta-se entre grupos e guetos, a cada sinal de abertura à liberdade, evidenciamos radicalismos. Paradigmas e paradoxos entrelaçados. Atuamos por meios de comunicação em que todos têm o direito de expressar pensamentos ou ações e compartilhar entre mundos.

Considerando-se a velocidade com que as coisas acontecem e se disseminam no meio virtual, grupos sociais organizados compartilham nas redes virtuais de sociabilidades temas cotidianos, debatem condutas, organizam encontros e manifestações nas ruas. A sociedade recifense se insere nesse mundo virtual em tempo real, elege lugares para discutir condutas de cidadania, urbanidade, violência, lazer, viagem.

Em meio a novos modelos de práticas de sociabilidades, pressões de grupos sociais diversificados exigem novas posturas e condutas da própria sociedade e do poder público. Grande parte da legislação brasileira e do Recife vigentes foram elaboradas e passaram a vigorar a partir das décadas de 1970, 1980 e 1990 e início do século XXI¹¹.

Dentro deste universo de possibilidades, quatro acontecimentos foram tomados como pontos de partida para este trabalho, porque são relevantes ao tema abordado. A partir deles, podem ser feitas analogias entre sociabilidades e relações sócio-espaciais no Recife. Esses acontecimentos possuem em comum o fato de

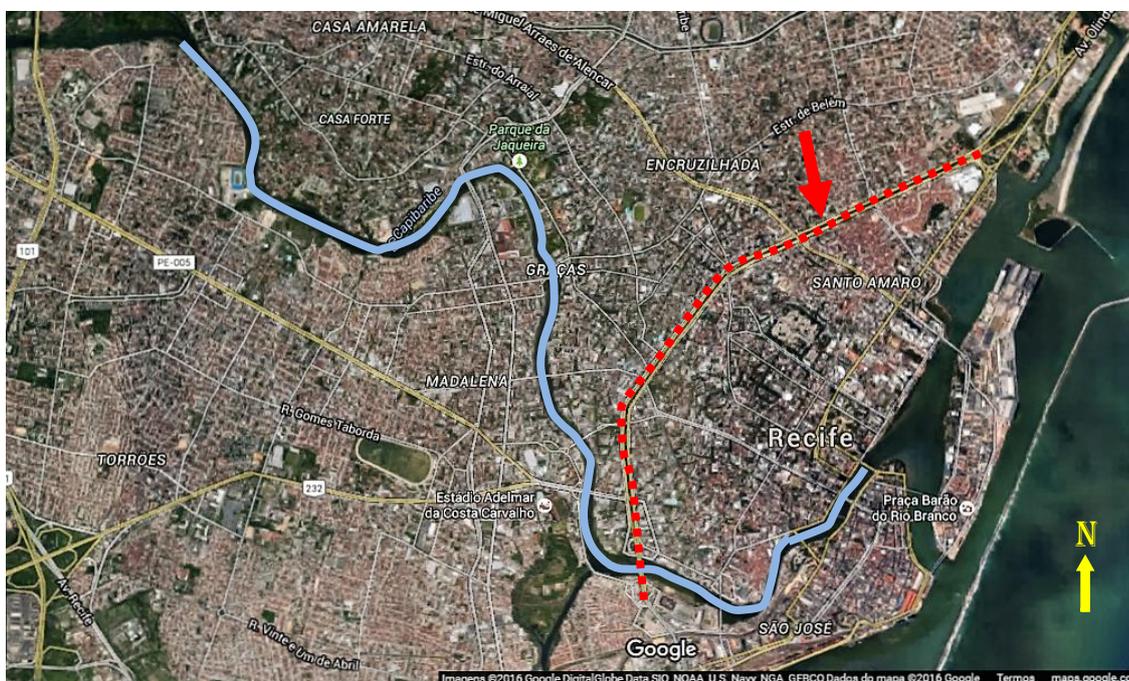
¹¹ Um dos exemplos que podemos observar é a definição do conceito de *percurso* do Plano Diretor do Recife. Considera-se *percurso* o trajeto do automóvel de um lugar para outro. Ou seja, não são as pessoas que circulam, mas os carros. Não existe espaço para o pedestre na cidade do segundo milênio no Recife. Leis do período: Constituição de 1988, Leis sobre uso e parcelamento do solo, leis para regulamentar os loteamentos.

terem sido amplamente discutidos e difundidos pela sociedade recifense na Internet. Permitem que se pense a relação entre práticas sociais e espaciais.

No Recife, tais acontecimentos se tornaram movimentos sociais de destaque para a história da cidade e possibilitaram discutir o entrelaçamento de tempos, ligações e fios condutores para estudar em que medida construções culturais dialogam com o passado e como podem ser apreendidas no ambiente da cidade. Permitem ponderações acerca da relação entre sociabilidade e espaço urbano.

Na atualidade, a cidade é o lugar de ações, interações e associações em que os indivíduos se relacionam movidos por interesses. Segundo Simmel (2006), as relações e práticas de sociabilidade giram em torno do consumo, e desta relação resultam modelos de ação específicos, fragmentação, aumento das desigualdades sociais, relações e associações moldadas por interesses de grupos ou particulares.

Imagem 02 | Vista parcial do Recife e da Avenida Agamenon Magalhães



Legendas: Rio Capibaribe ——— | Av. Agamenon Magalhães - - - - -

A Avenida Agamenon Magalhães foi construída no decorrer da década de 1970, interliga diversos bairros, dentre eles, os mais centrais. Permite a conexão com os setores Norte, Sul, Leste e Oeste da cidade. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 06/07/2016 às 00:35h.

Acerca de sociabilidades urbanas e conexões virtuais, no ano de 2009 recebi um convite para participar de um abaixo-assinado contra a construção de quatro viadutos planejados para serem construídos na Avenida Agamenon Magalhães. Esta avenida, uma das mais movimentadas do Recife, conecta diversos bairros, interligando os caminhos que nos conduzem ao Norte, ao Sul e ao Oeste da cidade.

A Agamenon Magalhães foi construída nos anos 1970 no rol de grandes intervenções nas cidades brasileiras para modernização. Artéria principal para a mobilidade urbana, atualmente, ainda que larga, não comporta a quantidade de veículos que por ela circulam diariamente e possui diversos pontos de engarrafamento. O *e-mail* foi significativo por ter vindo de um grupo organizado pela *WEB* para tratar e discutir a cidade. Nele estava escrito:

A cidade que estão construindo é para os carros e não para as pessoas. Estão cuidando mais dos carros do que das pessoas. Se você não concorda com isto, assine um abaixo-assinado contra o projeto para a construção dos quatro viadutos no Recife (www.hotmail.com. Ano: 2009).

O convite e seu conteúdo interligavam acontecimentos, sociabilidades e visões de mundo diferentes, convivendo no mesmo contexto no qual as experiências humanas se realizam. Ou seja: um grupo organizado pela Internet, preocupado em debater a relação entre as pessoas e a cidade, com poder para mobilizar pessoas e causar um movimento que se espalhou por diversas comunidades virtuais que interagiram e mobilizaram comunidades sociais, principalmente estudantes universitários, profissionais liberais e professores.

A Avenida Agamenon Magalhães é um dos principais corredores viários da cidade, que abriga em seu entorno uma infinidade de atividades sociais diversas, como igrejas, supermercado, escola, órgãos públicos e edifícios residenciais, entre outros. A construção de uma obra deste porte, neste espaço, vai provocar uma impressionante desagregação social, transformando de forma completa a vida dos moradores e frequentadores daquela região. Viadutos são enormes cicatrizes urbanas, que desestruturam o seu entorno e geram espaços residuais desvinculados da malha urbana e responsáveis por abrigar ocupações informais e bastante precárias. (ANDRADE, 2012).¹²

¹² Publicação de Maíra Acioly sobre entrevista realizada com a arquiteta presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/PE, Vitória Régia de Andrade, em 12/04/2012. Disponível em <https://direitosurbanos.wordpress.com/tag/viadutos-agamenon/>. Acesso em 20/2/2016, às 10:52h. “A Avenida Agamenon Magalhães é um dos principais corredores viários da cidade, que abriga em seu entorno uma infinidade de atividades sociais diversas, como igrejas, supermercado, escola, órgãos públicos e edifícios residenciais, entre outros. A construção de uma obra deste porte, neste espaço, vai provocar uma impressionante desagregação social, transformando de forma completa a vida dos

Os encontros virtuais realizados através da Internet se articularam em forma de rede a ponto de crescer e fazer com que o Governo do Estado e a Prefeitura do Recife repensassem o projeto para a cidade e declarassem, em 2013, que os viadutos não seriam mais construídos: mudança decorrente de sociabilidades organizadas dentro de modelos virtuais que juntaram diversos segmentos sociais para discutir a temática e propor alternativas.

As diversas maneiras de comunicação virtuais têm facilitado a vida das pessoas. Possibilitam receber e transmitir uma infinidade de informações, como também divulgá-las em tempo real no espaço virtual. Configura-se, nesse cenário, uma rede infinita de interação, conversação, divulgação e propaganda. Hoje é possível apreenderem-se infinitas possibilidades de comunicação. Há sempre um dispositivo novo a modificar formas de se socializar.

Em 2012, outro acontecimento tornou-se público e tomou espaço nas mídias: um jornal do Recife publicou uma imagem de uma das duas torres do Bairro de São José tingida de vermelho em uma matéria que tratava da presença de moradores chineses em dois apartamentos. Edificadas no Cais de Santa Rita, as torres são condomínios fechados destinados à classe média alta. Possuem 37 andares e cobertura¹³.

São popularmente denominadas *torres gêmeas*, em alusão às torres do *World Trade Center*, em Nova York, destruídas por ataques de terroristas suicidas no início do século XXI. As torres do Recife foram construídas em meio a debates contraditórios acerca de temas que se cruzam e motivo de embates entre a prefeitura, a iniciativa privada, a sociedade e o Ministério Público em virtude de sua

moradores e freqüentadores daquela região. Viadutos são enormes cicatrizes urbanas, que desestruturam o seu entorno e geram espaços residuais desvinculados da malha urbana e responsáveis por abrigar ocupações informais e bastante precárias”

¹³ O programa arquitetônico é composto por varanda, sala de estar, de jantar, circulação, lavabo, quatro suítes, copa, cozinha, área de serviço, *hall* social, *hall* de serviço, antecâmara, escada de emergência, zeladoria, central de gás e gerador, quarto de serviço, BWC de serviço, escada de uso privativo, dependências completas de serviço e três vagas na garagem. São apartamentos possuem vários diferenciais, ou seja, acessórios imprescindíveis para definir os padrões entre as classes sociais no Recife: ampla área de lazer, salão de jogos, *playground*, minicampo, *deck*, piscina para adultos, piscina para crianças, espaço *gourmet*, salão de festas com copa, bar, sauna, *fitness*, ducha, WC feminino, WC masculino, ambiente para ginástica e pista de *cooper* (disponível em: http://www.mouradubeux.com.br/md/empreendimentos/pier_mauricio_de_nassau. Acesso em 01/11/14, às 01:03 h).

localização¹⁴. Contraditórias as teias de relações que ligam os acontecimentos e o nome desses edifícios.

As designações das torres — *Pier Duarte Coelho* e *Pier Maurício de Nassau* — fazem referência às histórias de formação das cidades de Olinda e do Recife, pois homenageiam administradores importantes para a formação de ambas. Duarte Coelho, português, foi donatário da Capitania de Pernambuco e fundador de Olinda. É representante das tradições culturais que fundam a identidade pernambucana. Maurício de Nassau, holandês, foi administrador do Recife pela Companhia das Índias Ocidentais. Fez mudanças e trouxe melhorias e crescimento à cidade, dentre elas um plano de urbanização seguindo os modelos correntes na época.

Imagem 03 | Vista parcial do Pier Duarte Coelho, do Pier Maurício de Nassau e do Cais José Estelita



Legendas: Escala do Bairro e entorno [red box] | As duas torres edificadas [yellow box]

Observe-se a desproporção entre as torres edificadas e a escala de bairros Centenários do Recife. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 06/07/2016 às 00:45h.

Ao ficarem prontas, as torres passaram a ser endereço de juízes, grandes empresários, médicos, políticos, etc. Um privilégio de poucos. Contudo, um acontecimento causou transtornos aos moradores quando dois de seus luxuosos apartamentos foram alugados por cerca de 30 a 60 chineses, que passaram a dividir a área comum e a usufruir da moradia nesses condomínios privados do Recife.

¹⁴ As torres localizam-se próximas à área de Preservação Rigorosa, protegida por legislação Federal e Municipal. No entorno, predomina a horizontalidade, com edificações construídas nos três primeiros séculos de formação da cidade.

As mídias veicularam os problemas que vinham sendo enfrentados pelos demais moradores do condomínio. Os novos inquilinos apresentavam comportamentos atípicos que prejudicavam a harmonia e causaram problemas que afetaram a vida do condomínio. A maneira como os chineses utilizavam os ambientes comuns do edifício, como piscina e área de lazer, era inadequada aos padrões culturais dos tradicionais moradores, como entrar com sapatos na piscina.

Conforme jornais veiculados em 2012, muitos chineses¹⁵ chegaram ilegalmente ao Brasil, grande parte proveniente do meio rural. Aqui se estabeleceram para morar e trabalhar. O número de chineses cresceu a partir de 2001, quando as grandes marcas começaram a montar e fabricar todo o produto na China, e não mais partes do produto. Isso propiciou a falsificação de mercadorias, com facilitação dos governos que não reconhecem direitos autorais¹⁶.

Segundo dados pesquisados nas mídias, os chineses trabalham sem receber os direitos legais e chegam a cumprir uma jornada de trabalho de 14 horas por dia. Isto torna a produção mais barata. As empresas aproveitam a oportunidade para obterem maiores lucros. Transtornos à parte observam-se sociabilidades e modos de utilização dos ambientes urbanos e suas arquiteturas. Permitem reflexões sobre modos de apropriação dos espaços por grupos socioculturais diferentes.

Em 2013, novamente as torres foram alvo de polêmica: desta vez, um protesto foi realizado por um grupo que pedia a liberação do espaço de uso público para a população poder usufruir dele. A iniciativa foi motivada por relatos de que seguranças privados estariam barrando o acesso de algumas pessoas à ciclovia, área pública construída junto aos edifícios.

¹⁵ O centro do Recife possui grande número de artigos designados popularmente como *Made in China*, ou *PRC (People's Republic of China)* ou, ainda *ching ling*, vendidos com preço abaixo dos produtos semelhantes encontrados no comércio do Centro. Afirma-se ter mais comerciantes chineses que pernambucanos nas ruas dos tradicionais bairros de São José, Santa Rita e São Pedro (Disponível em <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/arquivos/2011/outubro.html>. Acesso em 1/11/14, às 00:58h, e em <http://www.fecomercio-pe.com.br/comunicacao/clipping/14-clipping-fecomercio-pe/Invasão-chinesa.html>. Acesso em 1/11/2014, às 00:59h).

¹⁶ A *Operação Oriente 2*, realizada por uma parceria entre a Secretaria de Defesa Social de Pernambuco, a Secretaria da Fazenda e a Receita Federal, fiscalizou a atuação de comerciantes chineses no Recife, com apreensão de documentos e mercadorias realizada em dois apartamentos do Pier Duarte Coelho. Investigaram-se crimes como sonegação fiscal, contrabando, pirataria, tentativa de homicídio e monopólio de produtos, pois, segundo denúncias, obrigavam-se os comerciantes recifenses a comprarem produtos a apenas um fornecedor chinês (disponível em <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/cultura/colunas/foco/arquivos/2011/outubro/0069.html>. Acesso em 1/11/14, às 00:58h).

Segundo reportagem do *Diário de Pernambuco*, o grupo defendia a liberação do espaço para a população, como previsto pela prefeitura. Nas redes sociais, confirmaram presença mais de 500 pessoas para um ato de ocupação do píer, praça e ciclovia construídas em frente às torres. O evento foi marcado nas redes sociais para uma manhã de domingo, encontro no Marco Zero, com “bicicletada até o destino”¹⁷.

Imagem 04 | Vista dos Condomínios *Pier Duarte Coelho* e *Pier Maurício de Nassau* e área de lazer



Observem-se os espaços de lazer e públicos localizados com visão da paisagem privilegiada e a relação das torres com o entorno edificado. O programa arquitetônico de muitos condomínios 'fechados' edificados no Recife é complexo e possui diversas opções para lazer coletivo como diferenciais, ou seja, acessórios imprescindíveis que definem padrões de habitação no Recife. Dentre os diferenciais, os empreendimentos investem em espaços de lazer coletivos (mas reservados aos moradores) que possibilitam a interação entre iguais, como ampla área de lazer, salão de jogos, *playground*, minicampo, *deck*, piscinas, espaço *gourmet*, salão de festas com copa, bar, sauna, *fitness*, ducha, WC feminino, WC masculino, ambiente para ginástica e pista de *Cooper*. Outro item a destacar é a 'quantidade de vagas na garagem'. Em muitos casos estes 'diferenciais' valem mais que as unidades habitacionais, cujos apartamentos possuem cômodos com as áreas mínimas permitidas por lei. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 06/07/2016 às 00:50h.

Por meio de interações virtuais, o encontro foi programado com proposta para conversar, comer e tocar violão. Tudo foi filmado, postado no *YouTube* e divulgado nas redes sociais. O gestor do condomínio confirmou a atuação dos vigilantes e afirmou que parte dos equipamentos, às margens do Rio Capibaribe, era privada, como a pista de *cooper*. Após esclarecimentos, o público foi informado que o espaço seria liberado para todos.

¹⁷ Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/01/06/protesto-na-praca-das-torres-gemeas.shtml>. Acesso em 1/11/14, às 00:52h.

Esses acontecimentos informam direcionamentos da política urbanizadora para o Recife, com enfraquecimento do poder público e fortalecimento dos empreendimentos privados nas intervenções urbanas em áreas antigas da cidade. Nesse contexto, passado e presente denotam modelos de representações de poder, de ocupação da cidade e mobilizações sociais, na atualidade, quando propostas estão sendo colocadas para a cidade.

Há, ainda, um quarto acontecimento relevante para as questões entre relações sociais e ambientes construídos no Recife: o *Movimento Ocupe Estelita*, criado por um grupo que se articulou pelas redes sociais e que encontrou adesão de grande parte da sociedade local, principalmente jovens estudantes de classe média, professores e profissionais liberais que desejam a construção de uma cidade diferente.

'O Movimento foi acusado de não saber o que quer. E aí? Pode não saber o que quer, mas sabe exatamente o que não quer. Não quer que a cidade se transforme em uma Bagdami, uma mistura de Bagdá com Miami. De um lado prédios imponentes, paraíso da classe média alta que desfila em carrões, e algumas centenas de metros depois, uma desordem urbana parecida com Bagdá, com o Centro abandonado à própria sorte.' (<http://acertodecontas.blog.br/atualidades/recife-a-nova-bagdami-mistura-de-bagd-com-miami/>, acessado em 31/10/14, às 23:42h).

Este movimento se posicionou contra a construção do projeto intitulado *Novo Recife*, planejado para ter um conjunto de doze torres com cerca de 40 andares, com uso misto, para serem construídas em uma área urbana próxima ao centro histórico da cidade. O Movimento Ocupe Estelita reivindicou outro projeto que não privatizasse a área, propondo a criação de espaço público com usos diversificados, para lazer e contemplação das pessoas.

Os desdobramentos desse movimento trouxeram tensões diversas. Foi amplamente divulgado por intermédio das redes sociais e mídias em âmbito nacional e internacional. A prefeitura foi mediadora das negociações entre líderes do Movimento Ocupe Estelita e gestores do empreendimento. Contrário à privatização de outra área privilegiada no Recife — o Cais José Estelita — o movimento promoveu discussões que favoreceram o estudo de sociabilidades no meio urbano.

É interessante pensar no posicionamento do poder público, que se retira da sua função de planejar e ordenar as atividades urbanas, organização e controle urbanos, ao abrir espaço e transferir o trabalho para incorporadoras, que buscam extrair do solo urbano todo o potencial construtivo de áreas privilegiadas da cidade e com infraestrutura para fins lucrativos.

Imagem 05 | 'A cidade é nossa: ocupe-a'



Passeata que aconteceu no Centro do Recife contra o projeto idealizado e planejado para o Cais José Estelita sem consulta popular. Fonte: <http://gl.globo.com/pernambuco/policia/2015/10/movimento-ocupe-estelita-realiza-protesto-na-area-central-do-recife.html>. Acesso em 21/01/2015, às 21:46h.

Diante desses movimentos e dos desdobramentos que cada um deles teve, ou mesmo do modo como estão sendo conduzidas as negociações, ficam neste momento as seguintes reflexões: como pensar a construção de sociabilidades e nexos com os ambientes da cidade na década de 1980? Em que medida essa construção se liga à sociedade e problemáticas atuais? É possível pensar em transformações urbanas, no contexto atual, sem participação popular?

As sociabilidades urbanas dizem respeito aos modos de relacionamento na cidade, lugar de abrigo, proteção, reunião. Tais ambientes que possibilitam a vida, as relações entre as pessoas em meio às subjetividades humanas, configuram histórias, memórias e recordações que, partilhadas ou não, conformam e conferem identidade e significado à vida. Parte dessas novas visões de participação nas

conduções dos problemas e das intervenções urbanas tem seus princípios delineados na década de 1980.

I.1 | Sociabilidades

A civilização — a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada — é um compromisso, uma troca continuamente reclamada e para sempre instigada a se renegociar (BAUMAN, 1998, p. 8).

O que conhecemos acerca dos seres humanos são traços particulares e individuais que podem aparecer uma única vez, em contextos especiais, interligados a circunstâncias físicas, culturais e pessoais com muitos sentidos e originários de intervalos temporais distantes. As sínteses só se tornam possíveis nos pensamentos nos quais essas informações se localizam. É como vermos um mesmo objeto a distâncias desiguais: de cada lugar teremos uma figura diferente, “correta ao seu modo e somente nesse modo” (SIMMEL, 2006, p. 13).

Ao lançar o olhar distanciado sobre os indivíduos, pode-se observar “a imagem de uma sociedade com suas formas e cores próprias” (op. cit., p. 14). Foi assim que Simmel apresentou o conceito de sociedade que, compreendido em sentido mais amplo, significa a influência psíquica mútua entre os indivíduos a formarem associações simples ou complexas, dependendo da conjuntura à qual se ligam.

Os laços de associação entre pessoas podem ser constantemente feitos, desfeitos e refeitos. Eles interligam as pessoas mesmo que não sejam organizações de maior complexidade. Essas relações, nas quais encontramos reciprocidade, configuram sistemas complexos, “cristalizações” (op. cit., p. 18) a fornecerem informações que, em meio à extensão temporal, produzem resultados ou efeitos recíprocos sobre as experiências vividas que nos ligam por influências mútuas.

Sob a ótica da cultura social, as concepções se produzem em relações de reciprocidade. São construções resultantes de ações coletivas em que agem uns com os outros, sobre, contra ou para os outros, por gerações sucessivas, com tradições e legados que se permutam e se envolvem simultaneamente. Isto faz de todos não apenas descendentes, mas, especialmente, herdeiros.

Sociedade, então, é a denominação conferida a grupos interligados por relações recíprocas que podem ser compreendidos como unidade. A interação se apresenta a partir de impulsos ou da procura de meios para atingir alguns fins em torno de objetivos, interesses, conhecimento, conquistas, ajuda, entre tantas outras finalidades. Fazem com que as pessoas entrem, com os outros, em relações de convívio e atuação. A correlação leva ao efeito, ou influência entre todos. Assim, um conjunto de pessoas que se movem no meio social com interesses semelhantes “formam a base da sociedade humana” (op. cit., p. 61).

Com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e os movimentos afetivos elaboram o material que tomamos do mundo. De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas formas, e apenas com tais formas esse material é usado como elemento de nossas vidas (op. cit., p. 61).

O estudo de acontecimentos concretos ou abstratos, espaciais, rítmicos ou sonoros surge de nossas práticas. As forças, as carências e os impulsos da vida produzem modos de comportamento. O ser social “é aquele ser com, para e contra os quais” (op. cit., p. 64) as preocupações promovem subsídios, motivações e finalidades que transparecem em desenhos cujas formas adquirem vida autônoma e geram o fenômeno por ele denominado *sociabilidade*¹⁸.

A ideia de sociabilidade está ligada às maneiras de as pessoas viverem em sociedade e aos modos de quem vive em sociedade. Georg Simmel tratou temáticas abrangentes para captar e compreender como acontecia a vida urbana no contexto de sua época. Situa-se como um pensador que abordou diversificados temas para compreender as formas de associação mediante sociedade com profundas transformações.

A sociabilidade consiste em uma tendência que as pessoas têm para a vida em sociedade e aos modos de quem vive em sociedade. Tudo o que envolve a vida humana e que dela deriva relações, mais ou menos duradouras, torna-se condição essencialmente humana. Envolve relações que transparecem na cidade, cuja

¹⁸ Texto original: *Die Großstädte und das Geistesleben*. In: SIMMEL, Georg. **Gesamtausgabe**. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. v. 7. p. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort. Diálogos com Georg Simmel: modernidade, metrópole e vida social. (Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid&script=sci_arttext. Acesso em 10/2/2014, às 21:13h).

complexidade se traduz pela diversidade de práticas socioespaciais relacionadas a vivências permeadas por histórias e memórias.

Imagem 06 | A Frevioca e grupo de passistas na rua durante o Carnaval e a Frevioca no Desfile do Galo da Madrugada – Década de 1980



Na década de 1980 a sociedade e a Prefeitura municipal trabalharam organizados para o do fortalecimento do 'carnaval de rua' do Recife com maior participação popular. Fonte: fotografias do Acervo do Museu da Cidade do Recife em Exposição no Paço do Frevo – Recife/PE.

Os interesses em cooperação advindos das sociabilidades delimitam as ações da personalidade individual, reafirmando interesses. Simmel (op. cit., p. 66) aponta para o significado do “sentido do tato”. Este sentido nos autorregula em nossa relação com os outros, para os outros ou contra os outros, a fim de que “nenhum interesse egoísta ou imediato” atue e limite os impulsos individuais, ou

seja, aqueles com “ênfase no eu e nas ambições pessoais” para que possamos celebrar o limiar da legitimidade do outro.

Imagem 07 | Vista do Centro do Recife e pequeno grupo em interação



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 13/04/2016 às 17:13h.

Imagem 08 | Grupos em interação na praia de Boa Viagem no Recife



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 06/04/2015 às 10:50h

As fronteiras das sociabilidades prescindem da libertação dos significados pessoais da personalidade para o ser sociável, pois o “estar com” encontra-se ancorado nas finalidades que o antecedem. Destaca-se, assim, a natureza democrática da sociabilidade e um de seus princípios fundamentais: cada pessoa tem sua medida de liberdade vinculada à liberdade de convivência com o outro a fim de garantir a coexistência de valores sociáveis.

Para Simmel (2006), a sociabilidade entre grupos de diferentes camadas sociais é contraditória, uma vez que não estão considerados os mesmos valores. Portanto, nas sociabilidades a igualdade é “um jogo de cena” (op. cit., p. 69). Para ser efetivada, seria necessário haver uma forma ideal de sociedade, em que os valores fossem distribuídos do mesmo modo. As diferenças ficariam localizadas apenas no plano pessoal.

Portanto, a medida do sociável e da sociabilidade é estudada a partir dos princípios ligados à sociedade no qual se inserem os grupos. Compreende-se, além disso, o mundo artificial da sociabilidade: para haver igualdade, é necessário que não existam tensões e desequilíbrios, aproximando-a de uma condição de utopia. A sociabilidade, contextualizada, só pode ser observada entre iguais ou em um universo no qual as pessoas se desapeguem de seus interesses pessoais para serem “sociavelmente iguais” (op. cit., p. 71).

Em uma sociedade na qual predominam desigualdades bastante visíveis, a sociabilidade é um jogo que se joga para se obter lucro ou proveitos individuais. Nas disputas sociais, as atitudes e escolhas são produzidas espelhando-se nas intenções, que nem sempre são claras: “é um jogo de faz de conta, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado” (op. cit., p. 71).

No âmbito das sociabilidades, há várias maneiras de interagir. A conversa só é sociável quando existe troca de ideias, em que o assunto é o apoio imprescindível ao intercâmbio e ao entretenimento¹⁹. A “coqueteria” pode ser um jogo de insinuações, convite, recusa e aceitação, ou vise-versa. Sobretudo, as

¹⁹ Para Simmel (2006), as brigas não são formas sociáveis porque envolvem disputas que obstruem a intenção de entretenimento e produzem a ideia de afirmação de uma verdade, na qual predomina a afirmação de pontos de vista pessoais.

sociabilidades se fundam em princípios éticos em que convergências e divergências devem levar à liberdade e possibilitar a junção ou separação das pessoas que interagem.

O estudo que Simmel realizou acerca das sociabilidades possibilitou outras análises introduzindo o tema às relações sociáveis nas grandes cidades e na cultura metropolitana. Outros dois estudos — *As grandes cidades e a vida do espírito* e *A metrópole e a vida mental (Die Grossstädte und das Geistesleben)*, apresentado na *Exposição das Cidades*, entre 1902–1903, em Dresden, Alemanha — são importantes, considerando-se a possibilidade de aproximar as questões das sociabilidades e a vida nas cidades.

Na década de 1970, Gilberto Velho²⁰ incorporou reflexões de Simmel para estudar o fenômeno urbano. Segundo Velho (2001)²¹, a noção de sociabilidades se expandiu e se interligou à vida cotidiana das pessoas. Apoiando-se na Antropologia e Etnografia, o conceito se ampliou para todas as formas de interações. Desse modo, conecta-se aos problemas sociais como conflitos, afetividades e emoções. Observações sobre sociabilidades no meio urbano permitem compreender os modos como a sociedade se organiza.

O campo das sociabilidades e relações socioespaciais envolvem fronteiras específicas em virtude das dimensões que assume ao tratar temática tão abrangente. Estudos acerca das sociabilidades nas cidades colocam o indivíduo em relações de interação, fundamentais aos estudos sociais. Sob esse enfoque, as sociabilidades compreendem as maneiras como os indivíduos ou grupos sociais se aproximam, constroem redes de interação que se vinculam aos ambientes urbanos (FRÚGOLI, 2007).

Nas cidades, as sociedades formaram um sistema de relações entre indivíduos, com vivências diversificadas — muitas delas fora das experiências de classe, importantes para o modelo capitalista de produção e consumo. O

²⁰ Esta obra foi traduzida por Otávio Velho e publicada no final dos anos 1960. (Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a14.pdf>. Acesso em 20/07/2014, às 21:08h.)

²¹ In, *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. nº 28, 2001, p. 183-210. Entrevista com Gilberto Velho Concedida a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. Ano 2011. (<https://books.google.com.br/books?id=NPdziLsObPAC&pg=PA195&lpg=PA195&dq=entrevista+com+gilberto+velho+em+2001+-sociabilidades>. Acesso em 22/07/2015 às 00:09 h).

intercâmbio é parte da condição dos indivíduos no meio social e na cidade, com objetividades e subjetividades presentes no contexto da cada época, observando, na diversidade, a teia que as envolve e as interliga²².

A atualidade dos seus estudos permite aproximações com os estudos acerca da década de 1980, em que, no universo capitalista, destaca-se o dinheiro como elemento da modernidade, da vida social, mental e cultural nas grandes cidades. Assim, apontam para o estudo e a apreensão para formas do viver social, aos modos de estar em associação, participação, interação e reação ao concordar ou discordar, excluir-se, manter-se no anonimato, de se manifestar ou interagir por meio de conversas e manifestações da cultura.

Nas cidades, os indivíduos se relacionam cotidianamente. Nelas também se moldam espaços de interações nos quais as pessoas associam-se em processos de coexistências. De acordo com Frúgoli (2007), esses processos acontecem entre indivíduos que praticam a cidadania. Ou seja, as pessoas atraem e repelem certas práticas por meio de relações de sociabilidade que se constroem e se deslocam continuamente, com variações temporais, espaciais e culturais específicas.

Sendo assim, a sociedade é parte de uma complexão em que indivíduos compartilham espaços comuns, leis, dividem o território em meio às coesões culturais, sociais e econômicas peculiares e organizam a vida das pessoas, delimitam significados para sua existência e configuram tipos de representações. Constituem associações diferentes entre si, polifônicas e fragmentadas (FRÚGOLI, 2007).

Segundo Simmel (2006), os habitantes das metrópoles são envolvidos por mudanças a todo o momento e submetidos ao que denominou *desenraizamento* em meio às coerções da vida na cidade. Esses elementos têm um valor relevante e se relacionam também à objetividade, injustiças e desigualdades sociais que geram constantes tensões. A quantidade de pessoas disputando espaços e lugares com

²² In Diálogos com Georg Simmel: modernidade, metrópole e vida social. Seminário realizado no ano de 2012 para estudar a obra de Georg Simmel do início do século XX e reflexões sobre socializações e atualidade de sua obra para a contemporaneidade. (Disponível em <http://www.seminariosimmel.com.br/>. Acesso em 18/07/2014, às 12:20h).

interesses diversificados produz relações e atividades que configuram um universo de difícil apreensão.

Nessa totalidade, aparecem relações impessoais, advindo atitudes *blasé*. Tais maneiras se relacionam à busca de prazer com intensidades contínuas e fortes que, vivenciadas continuamente, tornam os indivíduos incapazes de reagir a estímulos comuns. Os acontecimentos são percebidos de modo distorcido e geram incapacidade de ver sentido nas coisas.

Tais comportamentos atuam também nas escolhas, que ficam difíceis de ser feitas, pois seus sentidos se tornam nulos. Sente-se, então, uma apatia geral mediante as coisas e os acontecimentos do mundo. O valor do dinheiro toma tal dimensão que passa a compensar perdas e escolhas. Tornou-se a medida das coisas e das relações, apresentando-se como denominador comum de todos os valores. Isso resulta em prejuízo para as pessoas e as relações interpessoais, porque se torna parâmetro nivelador.

Nas cidades, isso é perceptível pela desvalorização ou valorização das pessoas e das coisas apenas pelo valor de troca e de consumo. Desse modo, as relações das pessoas passam a ser também entre as pessoas e as coisas, interferindo nas relações indivíduo e grupos. Nos grandes centros urbanos, há relações de valores que pressionam as pessoas levando os indivíduos, a todo momento, tentar dar o máximo de si mesmos, indo ao extremo de suas condições psíquicas em situações constantes de *stress*.

Cria-se um clima de insegurança e de desconfiança que permeia as relações interpessoais. Acentuam-se apatias, insatisfação de quem percebe tudo e não reage. Sentimentos de autopreservação, conformação e preservação da zona de conforto, palavras que bem definem o estado de letargia de grupos e indivíduos isolados em guetos. Segundo Simmel (2006), essas forças tendem a degradar a personalidade humana e a dificultar a interação.

Esses comportamentos são observados nas atitudes cotidianas das pessoas, nos medos coletivos, isolamentos nas ruas e no modo como se comportam em atividades cotidianas — desconfiadas, estranhas, apáticas, agressivas, ansiosas,

conectadas ao mundo por dispositivos de última geração. A indiferença e a antipatia protegem e colocam as distâncias necessárias às nossas inseguranças. Ao crescerem grupos e cidades, as delimitações se ampliam.

Para Simmel (1903)²³, quanto menor for o círculo no qual circulamos mais estreitas são as afinidades que atenuam as fronteiras ante os grupos. As distâncias nas grandes cidades nos separam dos familiares, e a proximidade física dos estranhos leva à preservação, às reservas. A dimensão territorial e o grande número de pessoas tornam maiores os círculos de relações sociais cujas dimensões não permitem a compreensão do todo.

O próprio sistema cria as necessidades, exige especializações e diferenciações. Faz crescer, ou surgirem necessidades para se obter ganhos maiores, espaços ainda não conquistados, ou ocupados. Para Simmel, mediante consensos socialmente construídos torna-se difícil fugir do padrão, ou modelo. Por outro lado, trabalha-se também na formulação e fortalecimento de identidades culturais, raciais, de gênero, estéticas. Desse modo, movimentos em direções opostas acontecem ao mesmo tempo.

Proximidade e distanciamento aparecem do ponto de vista do ser humano sob o crivo das diferenças entre segmentos sociais, como também pela diversidade cultural. São configurações que interagem continuamente. As sociabilidades, neste sentido, adquirem importância e significações relevantes, uma vez que podem ser lidas, simultaneamente, em dimensões e tempos diferentes.

A complexidade das relações de sociabilidade aumenta quando consideramos as tecnologias de comunicação virtuais, cujo avanço permite interações contínuas, em tempo real e lugares virtuais. Essas novas possibilidades de comunicação também permitem o estar *em*, o estar *contra*, de modo intenso e simultaneamente interagindo com diversos lugares, cujas identidades podem não apresentar vínculos culturais (BAUMAN, 2006).

²³ Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010> . Acesso em 18/07/2014, às 12:20h.

Imagem 09 | Cortejo natalino marca volta de uma tradição – Ano: 1989

Recife, quarta-feira, 20 de dezembro de 1989

CIDA

Cortejo natalino marca volta de uma tradição

Recife receberá suas mais importantes tradições do Natal, quarta-feira, com a realização do "Cortejo Natalino", promovido pela Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo e Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

Nada menos que dez pastores infantis e três profanos (adultos), um bumba-meu-boi, um reiado, uma marujada e 15 crianças sairão de dois locais diferentes: Praça Maciel Pinheiro, na Boa Vista e Praça do Pígalito, no Bairro de São José, dirigindo-se à Praça da Independência, puxados por duas orquestras.

O festejo terá início com uma "Retreta Natalina", a partir das 18 horas, na Praça da Independência, em frente ao DIÁRIO DE PERNAMBUCO, quando serão executados números musicais alusivos à época.

De acordo com Edmundo Moraes, da SICT, o "Cortejo Natalino" é uma maneira do prefeito Joaquim Francisco promover eventos que possam se identificar com as aspirações das comunidades, criando na população espírito de preservação das nossas mais legítimas tradições.

O CORTEJO
Puxado por uma das orquestras, um grupo do "Cortejo Natalino" deixará a Praça Maciel Pinheiro, percorrendo a rua da Imperatriz, até o cruzamento com a rua da Aurora, chegando a noite



As crianças da Casa do Menor participaram das festas promovidas pela LBA

Presépio vivo dos menores

A Casa da Integração do Menor, mantida pela Legião de Assistência do Recife, promoveu, ontem, festa de comemoração do Natal para as 500 crianças assistidas pelos programas de educação e formação profissional, ministrados pela instituição. Neste ano, a festa contou com uma novidade: pela primeira vez, os alunos participaram de um presépio ao vivo, no auditório.

A ideia foi da coordenadora, Sandra Cardoso, cuja filha estuda no Colégio das Damas, segundo ela, todos os anos, na escola, os filhos participam da teatralização do Nascimento de Jesus. "Por isso, eu trouxe a encenação para a Casa do Menor, já que sei o quanto as crianças gostam do tema e da brincadeira".

Ao todo, oito crianças participaram da encenação e, segundo Sandra Cardoso, "apoiaram desde a finalização do texto escrito pelo quadro de professores e instrutores, à montagem do espetáculo".

Além dessa, outras atividades foram desenvolvidas na festa que começou às 8 horas e prolongou-se após as 16h, o horário previsto para o término. Apresentação de dança moderna e folclórica e distribuição de brindes e lanches foram algumas das principais diversões das crianças que entram em férias a partir do dia 26, para retornar à Casa no dia 2 do mês que vem.

No decorrer da década de 1980 era preocupante o número menores abandonados assim como a delinquência infantil. Diversas mobilizações sociais foram realizadas para acolher as crianças. A representação do presépio natalino com a participação de crianças carentes foi uma parceria entre a Casa de Interação do Menor, as Secretarias de Indústria, Comércio e Turismo e a Fundação de Cultura da Cidade do Recife. Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco: Reportagem veiculada no Jornal Diário de Pernambuco, 1989.

Nesse sentido, permanências e transformações compõem uma complexa teia de relações em que individualidades, diversidade e subjetividades coexistem e transparecem nas disposições e conformações espaciais. As práticas sociais e representações humanas nos ambientes urbanos configuram-se por mudanças rápidas, constantemente reexaminadas, à medida que as informações são trocadas continuamente pelas redes sociais virtuais (HALL, 2011).

Imagem 10 | Cartões: tradição está morrendo



Reportagem que relaciona a tradição de dar Cartões Natalinos e lamenta o enfraquecimento das vendas dos cartões assim como a possibilidade do fim desta prática. Assinala a crise econômica do período e as mudanças nas práticas sociais à música do compositor e cantor Gilberto Gil - 'O Eterno Deus Mu-dança' (1989). Fonte: Fundação Joaquim Nabuco - Reportagem veiculada no Jornal Diário de Pernambuco, 1989.

O eterno Deus Mu dança! | Autor: Gilberto Gil - Ano: 1989

Sente-se a moçada descontente onde quer que se vá
Sente-se que a coisa já não pode ficar como está
Sente-se a decisão dessa gente em se manifestar
Sente-se o que a massa sente, a massa quer gritar:

A gente quer mu-dança
O dia da mu-dança
A hora da mu-dança
O gesto da mu-dança"

Sente-se tranqüilamente e ponha-se a raciocinar
Sente-se na arquibancada ou sente-se à mesa de um bar
Sente-se onde haja gente, logo você vai notar
Sente-se algo diferente: a massa quer se levantar

Pra ver mu-dança
O time da mu-dança
O jogo da mu-dança
O lance da mu-dança

Sente-se - e não é somente aqui, mas em qualquer lugar:
Terras, povos diferentes - outros sonhos pra sonhar

Mesmo e até principalmente onde menos queixas há
Mesmo lá, no inconsciente, alguma coisa está

Clamando por mu-dança
O tempo da mu-dança
O sinal da mu-dança
O ponto da mu-dança

Sente-se, o que chamou-se Ocidente tende a arrebentar
Todas as correntes do presente para enveredar
Já pelas veredas do futuro ciclo do ar
Sente-se! Levante-se! Prepare-se para celebrar

O deus Mu dança!
O eterno deus Mu dança!
Talvez em paz Mu dança!
Talvez com sua lança

© Gege Edições Musicais Ltda (Brasil e América do Sul) / Preta Music (Resto do mundo)

Fonte: <http://www.gilbertogil.com.br/>. Acesso em 13/07/2016, às 18:42h.

Na cidade, a sociedade organiza suas visões de mundo. O meio urbano configura-se como um espaço de interações onde as pessoas se associam em processos de convivências. De acordo com Frúgoli (2007), esses artifícios acontecem entre indivíduos que praticam a cidadania no meio urbano. Ou seja, as pessoas atraem e repelem certas práticas por meio de relações de sociabilidade que se constroem e se deslocam continuamente com variações temporais, espaciais e culturais específicas.

No círculo social, coexistem teias complexas de relações entre pessoas em interação que delimitam significados para sua existência e configuram tipos de representações. Constituem associações diferentes entre si, polifônicas. Revelam concordâncias ou dissonâncias repletas de subjetividades, intrínsecas ao viver, conviver e viver em sociedade. Isso demonstra a maneira pela qual a experiência humana se organiza (FRÚGOLI, 2007)²⁴.

O estudo acerca das sociabilidades aponta para o estudo e apreensão para formas do viver social, aos modos de estar em sociedade, de participar, de interagir, de reagir, concordar, discordar, excluir-se ou manter-se no anonimato²⁵, de se manifestar ou, simplesmente, interagir por meio de conversas. As relações de reciprocidade configuram-se por trocas — dar, receber, retribuir —, movem um conjunto de elementos e obrigações que alimentam vínculos para a não separação e não diluição do compromisso social (FRÚGOLI, 2007).

Nesse contexto, a sociedade transita entre o anonimato nas multidões e a diversidade de papéis que assumimos ao longo do tempo. Os indivíduos posicionam-se de modo particular em diferentes circunstâncias ou círculos. Este ser mutante é levado pelas condições a posicionar-se e atuar conforme interesses e fins específicos. As ligações entre sociabilidades e cidade podem ser estudadas pela observação da convivência, da interação e da associação.

²⁴ Para Frúgoli (2007), deve-se considerar que os indivíduos em sociedade partilham um mínimo de valores culturais comuns.

²⁵ Nos estudos que fez sobre o trabalho de Georg Simmel acerca do tema *sociabilidade*, Frúgoli (2007) exemplifica que a conversa é uma das formas mais significativas e simples de sociabilidade. Ocorre entre diferentes segmentos sociais, ainda que entre os mesmos não transpareçam vínculos específicos, e permite a troca de experiências.

Imagem 11| Moradores do Coque reagem ao despejo

Moradores do Coque reagem ao despejo

Os moradores do Coque explicaram ontem, que estão sendo intimados a comparecer há rua São João, 614 num prazo de um dia, a fim de receber Cr\$ 30 mil, e alugar um quarto para morar. Entretanto, não há condições de negociação, conforme revelaram — e enquanto os locatários inquilinos aceitam apenas a aquisição de uma casa os proprietários das residências que se estabeleceram no local há mais de 20 anos não admitem negociar desta forma. Alegaram, inclusive que o certo seria dar a posse da terra, pois aquele local foi aterrado por eles com muita luta e sacrifício — e enfrentando as marés. Os outros que residem em casa alugada se conformam com uma casa.

Disse Maria de Fátima da Silva que nasceu no Coque há 32 anos e hoje tem 5 filhos, que os moradores só usam do local para outra casa — se os engenheiros da Metrô oferecerem o valor de Cr\$ 100 mil. Família, Dona Maria Inês da Silva que mora há 13 anos no local e tem 7 filhos com marido de comércio e Maria Nereu também. Ela e outras casas que ficaram em situação de risco, foram despejadas e para se estabelecerem a terra eles tiveram

que a firma deverá dar uma casa — pois anteriormente os moradores tinham decidido pela construção de um galpão grande para várias famílias — "mas desistimos e queremos uma casa".

Dona Ivonete Vieira frisou que "estão apertando os moradores e não tem lógica ir morar num galpão como eles querem ou receber Cr\$ 30 mil para aluguel de um quarto. Na sua casa que corresponde a duas por causa de uma barraca, onde ela fez diversas benfeitorias, ofereceram a indenização de Cr\$ 900 mil, e ela diz que vale Cr\$ 8 milhões — e quando veio morar no local há 25 anos, aterrrou a área e há o vive de porcos e cavalo — "agora depois de tudo a lata sair sem direito a nada", argumenta.

O sr. Vamberto Pedro da Rocha que reside lá 34 anos no Coque e 20 anos nesta casa em rua da Linha Avenida Central com 12 pessoas da família — acrescenta que as reuniões e os problemas referentes às indenizações se concentram a morte de um morador — e que ele também está disposto. "Quereram um terreno de 12 metros para construir uma casa — se não fosse pelo metrô, um morador de 120 metros que a terra não é terra", afirma.

Forma de associação em que os moradores do Coque se uniram em busca dos direitos durante as obras do metrô no Recife. Havia famílias que residiam ali desde 1960 e se sentiam injustiçados pelas baixas indenizações oferecidas pelo poder público.

Fonte: Jornal do Commercio, 1984, p.3.

Ao serem observadas nos ambientes urbanos, essas tramas demonstram que os modos de estar em sociedade possuem localizações próprias, como as relações de vizinhança que acontecem nos bairros residenciais. Por esse viés, é possível observar os processos de segregação circunscritos nas cidades, em que os grupos que partilham dos mesmos interesses ocupam territórios próprios.

No meio urbano, esses diferentes mundos se tocam do ponto de vista espacial, contudo, um não penetra no outro posto que separados por visões de mundo e contextos econômicos diferentes. Isto explica as áreas nas cidades marcadas pela presença de associações com diferenças sociais muito claras: encontram-se geograficamente próximas, mas as fronteiras que os separam são identificadas por uma diversidade de elementos.

Para compreender tais diferenças, é necessário observar as imagens da cidade e em que medida é possível relacionar constituições ao longo do tempo e as circunstâncias que permitiram tais configurações, sem perder de vista a importância que as práticas de interação e de necessidades sociais tiveram e permitiram a formação de configurações diversas. Nesse contexto, sociabilidade e história da cidade podem ser entrelaçadas.

A inclusão de contextos torna possível, leituras ampliadas e interligadas que apontam para encontrar nexos entre diferentes temporalidades. No Recife da década de 1980, podem-se observar as configurações antigas e novas do ponto de vista dos movimentos sociais, da ocupação de áreas em muitos bairros, e a direção que tomaram adensamentos e intervenções.

Quando colocamos a história da formação da cidade do Recife e das constituições acerca do seu crescimento, alguns acontecimentos de hoje podem ser apreendidos. Muitos bairros do Recife se configuraram ao longo do tempo, e as formas de ocupação possibilitaram que, gradativamente, fossem criadas imagens da cidade e dos ambientes que se diferenciam e marcam a presença de associações com diferenças sociais marcantes.

As paisagens urbanas revelam espaços de segregação e de interação ao considerarmos as edificações, os espaços de uso comum, como praças, ruas e

passeios públicos, a quantidade de lugares que possibilitem os encontros, como áreas para lazer, infraestrutura urbana e qualidade ambiental²⁶. Essas delimitações resultam de construções que se rebateram sobre a ocupação espacial da cidade.

Na década de 1970, algumas intervenções foram realizadas no Recife como grandes obras de infraestrutura para facilitar o deslocamento dos bairros para o centro tradicional, mas principalmente em direção a Boa Viagem e à Imbiribeira, caminhos que facilitaram o acesso ao Aeroporto dos Guararapes e às empresas e aos armazéns no bairro da Imbiribeira. Os acessos facilitaram também a atuação dos setores imobiliários para atuarem em Boa Viagem.

A sociedade vivenciou esses lugares na década de 1980. Empresas, hotéis, motéis, bares, boates, edifícios multifamiliares e multifuncionais. Além de tudo, a praia. A praia de Boa Viagem se transformou em local para jogos de futebol, vôlei e piqueniques. Estudantes, comerciantes, profissionais e famílias iam à praia conversar, jogar, tomar cerveja, comer kibe, tomar água de coco, visitar a feirinha *hippie*. A missa na Igreja de Boa Viagem, sorvete na FriSabor, comer agulhinha no Veleiro, peixada do Maxime e caipirinha no Castelinho.

As praias, sem tubarões, permitiam os banhos em águas mornas. Nas praias de Olinda e Boa Viagem, pobres e ricos se encontravam. Mas havia fronteiras sem barreiras visíveis que delimitavam os diferentes grupos sociais. As praias eram o atrativo, o ponto de encontro nos sábados e domingos. Era comum fazer piquenique na praia do Janga, em Conceição e Maria Farinha. Nos acampamentos, famílias, adultos, jovens e crianças participavam com grande alegria e liberdade.

A possibilidade de uso do automóvel também propiciou os namoros nas praias. Mas não só isso. As pessoas iam olhar o mar, molhar os pés na água do mar nas noites de luar estreladas nos céus do Recife. A construção de edifícios de luxo na Avenida Boa Viagem atraía a sociedade para observar as novas arquiteturas. Mostravam os atrativos modelos de Arquitetura, novos materiais e grandes varandas

²⁶ A trama do tecido urbano em locais nos quais se localizam comunidades carentes foge ao padrão instituído pela legislação ou pelo plano urbanístico; adotam configurações labirínticas e adensamento. A qualidade desses ambientes, em geral, difere dos bairros residenciais legais, ou seja, aqueles cujos planos seguem padrões da legislação vigente para a cidade como um todo.

para apreciar as propostas de maneiras de habitar, apartamentos espaçosos com área coletiva para festas.

No centro tradicional do Recife, muitos iam aos cinemas, concentrados na Avenida Conde da Boa Vista, Avenida Guararapes, Rua da Palma e outros menores ainda no centro. Os transportes públicos eram a forma mais econômica de deslocamento. Grupos de jovens frequentavam cinemas e comiam pipoca. Alguns iam a uma salinha para os fumantes. Em filmes longos, tempo para o lanche. Os cinemas São, Luís, Art Palácio, Cine Veneza, Ritz e Astor atraíam grande público de estudantes.

Imagem 12 | Fotografias de Cinemas do Recife na Década de 1980

Cinema São Luiz 1981



Fonte: Arquivo JC. <https://www.google.com.br/search>. Acesso em 10/02/2015, às 00:21h.

Cinema Trianon - Final da Década de 1980



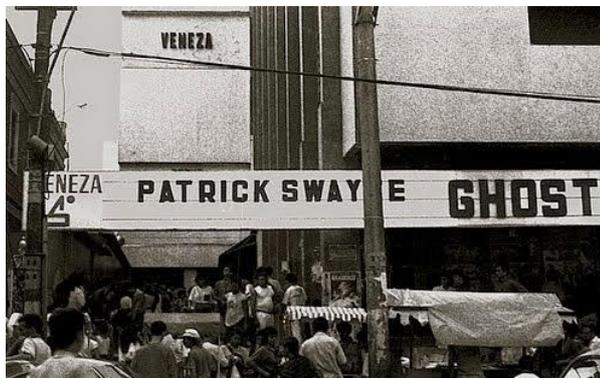
Fonte: <http://www.paulocannizzaro.com.br/post.asp?id=35&t=os-cinemas-de-recife>

Cinema Moderno – Década de 1980



Fonte: <http://www.paulocannizzaro.com.br/post.asp?id=35&t=os-cinemas-de-recife>

Cine Veneza – Década de 1980



Fonte: <http://www.paulocannizzaro.com.br/post.asp?id=35&t=os-cinemas-de-recife>

O cinema sempre foi uma das maneiras de sociabilidade e de encontros entre diferentes grupos sociais bastante realizadas no Recife. A decadência dos cinemas dos bairros já se concluíra. Na década de 80 os cinemas do Centro do Recife foram paulatinamente menos frequentados. O vídeo cassete possibilitou assistir aos filmes nas residências alugados em locadoras de vídeo. A construção do Shopping Center em Boa Viagem possibilitou a construção de novos cinemas ao lado do shopping. Hoje, os cinemas foram incorporados aos programas arquitetônicos destes empreendimentos servindo como âncoras, ou atrativos de público.

No Recife, as praças Chora Menino, do Carmo, do Diário, 13 de Maio e a do Derby eram muito frequentadas. Nessas praças muitos encontros, para jovens e adultos, porém, muitas foram abandonadas pelo poder público e entrávamos moradores das praças, sem-teto, tudo o que tinham estava em uma mochila. No centro, todas sempre frequentadas por trabalhadores das lojas, mas com o decorrer do tempo a violência e falta de conservação fez com que parte das pessoas deixasse de frequentar as praças com mudanças à vida no Recife.

Considerando-se as mudanças sociais e formas de interação, as atualizações se modificaram face às que já estavam postas. Na década de 1980, observou-se que, enquanto no plano internacional o mundo se globalizava com avançadas tecnologias, o Brasil traçava caminhos para receber e se integrar a novos perfis de comunicação que nos colocaram diante de um acontecimento novo, no amplo sentido da palavra, ampliaram-se em direção a novos modos de se relacionar.

As variações estão interligadas aos contextos de cada cultura e momento em que são vivenciadas. Compõem arranjos para a vida em sociedade. As particularidades coexistem no meio social porque as pessoas são únicas. As trocas acontecerão dentro das aproximações ou diferenças. Assim, sendo o viver em sociedade uma condição humana, abre espaço para a leitura das contradições colocadas durante a década de 1980, momento em que emergem condições pós-modernas, que têm na globalização um acontecimento que transformou as bases que ancoravam nossa sociedade.

I.2 | Fragmentos: onde as certezas são flutuantes

O lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores (AUGÉ, 2010, p. 73).

Certezas flutuantes é o título de um artigo do *Jornal do Commercio* (1980) que trata das inquietações da sociedade no início da década de 1980, mediante os problemas sociais, os medos e as incertezas com relação ao futuro. Tal insegurança permite a construção de cenários em que dominam imprecisões e temores, tendo em vista o crescimento da violência nas cidades brasileiras, em especial, no Recife.

A complexidade possibilita também a introdução da ideia de fragmento e, junto com ela, a possibilidade de concepção de tempos que se cruzam, de paisagens que se deslocam em ritmos e múltiplas direções, conforme aponta Walter Benjamin. Junto a essa ideia, também, a noção de tempo não cronológico permite deslocamentos em um período mais ou menos estendido, sem estar amarrado a temporalidades determinadas, mas às circunstâncias que permitem a visualização de conjunturas.

Considerando-se a fragmentação das sociedades e como transparecem na cidade, os estudos acerca da obra do filósofo alemão Walter Benjamin, intitulada *Das Passagen-Werk*²⁷, apresentam as complexidades que se relacionam à modernidade e comportamentos de um mundo em mudança, no qual certas configurações permitem observar situações que passaram a ser comuns à sociedade no decorrer do século XX, conforme aponta Augé (2010).

No que concerne às cidades, Benjamin preocupou-se com as cidades que se industrializavam e cresciam segundo o modelo burguês, cujo adensamento se dava de modo desordenado e sem controle. Nesses modelos, ao priorizar a vida voltada para a produção e o consumo, intensificam-se desigualdades sociais, violência,

²⁷ Na versão alemã versão alemã, organizada por Rolf Tiedemann e publicada em 1982 pela Editora Suhrkamp, com introdução desenvolvida pelo próprio Tiedemann, que organizou os estudos de Walter Benjamin colocando o texto *Paris, capital do século XIX*, outro sobre *Exposés de 1935 e 1939* e um volume de *Notas e Materiais*, contendo um conjunto de arquivos temáticos estudados por Benjamin.

pobreza, misérias, poluição, congestionamentos. Dessa maneira, aproximações podem ser realizadas ao considerar as adequações realizadas no Recife do século XX.

O Recife, especialmente na área mais central, recebeu diversas intervenções no decorrer do século XX, como as reformas do bairro do Recife, hoje, Recife Antigo, a intervenção para implantação da Avenida Dantas Barreto, as do Viaduto das Cinco Pontas, assim como a construção da Avenida Agamenon Magalhães. Conforme apontou Domingues (2005), todas realizadas segundo modelo que privilegia a circulação de automóveis, mercadorias e consumo.

Segundo Harvey (2014) a política urbana neoliberal concluiu que os investimentos nas cidades deveriam ser realizados nos polos de crescimento empresarial. Sendo mais dinâmicos, os retornos seriam mais rápidos e lucrativos. Os estudos de Benjamin permitem aproximações e oferecem dados ao tema deste trabalho. Pretende-se examinar em que medida criam possibilidades para dialogar com as pesquisas no campo das interações sociais na década de 1980.

Ao lançar luz sobre esses estudos de Benjamin, observa-se que a construção é feita como um planejamento para a construção de um edifício, cujos procedimentos envolvem um esboço para um projeto. Nas demarcações iniciais, adicionou materiais ao longo da obra para a construção material e concreta de pensamentos e ideias. Enquanto esboço, prepara um plano inicial para a obra que ficou composta por grandes arquivos de dados.

A obra *Das Passagen-Werk*, que Benjamin deixa transparecer a noção de inacabada, que se alinha à ideia que o esboço traz consigo. Desse modo, pode-se pensar em inacabado e incompleto, não apenas do ponto de vista da não conclusão, mas também com relação às análises que elabora, pois, no âmbito dos estudos urbanos, a cidade é sempre uma obra incompleta, inacabada, que se constrói, ou destrói, cotidianamente.

Em Benjamin²⁸, o recorte temporal que estudou corresponde ao período em que poderia ser traçado o perfil para mostrar e oferecer coordenadas que balizaram as concepções do mundo moderno, de extrema importância para os interesses do nosso recorte temporal. Isso porque, nos anos 1980, alguns acontecimentos permitem observar detalhes de mudanças muito rápidas: o que procuramos no acúmulo “de testemunhos, documentos, imagens...” (AUGÉ, 2010, p. 29) é compreender que estamos diante daquilo que não somos mais.

Essa compreensão decorre da perda de referências locais e universais que nortearam o universo ocidental e que não reafirmaram as posturas modernas. Assistimos, após as duas primeiras guerras do século XX, à Guerra Fria e de muitos acontecimentos, como os de 1968, a guerra da Argélia e a do Vietnã, a queda do muro de Berlim, a democratização de países do leste Europeu, que colocou o mundo diante da “superabundância” (AUGÉ, 2010, p. 30) de acontecimentos.

A multiplicidade de acontecimentos trouxe, também, a “aceleração” dos mesmos. Acrescentem-se, ainda, as crueldades causadas aos seres humanos decorrentes dos avanços das tecnologias. As superabundâncias, segundo Augé (2010) devem ser compreendidas quando interligadas à quantidade de informações e à conexão com o sistema mundial. Daí poder-se pensar, também, na cidade vista sob a ótica dos fragmentos, traz em si a concepção de entrecruzamento de tempos, de um mundo que transita em diferentes direções e ritmos diversos.

Sob a égide da necessidade de circulação, os planos urbanos fragmentaram os lugares constituídos ao longo do tempo criando, ambientes ricos e outros pobres, ou suburbanos. Ao estudar as cidades ao longo do tempo, percebe-se que, a partir da revolução industrial, muitos problemas passaram a coexistir, como o crescimento

²⁸ O modelo de reformas de Paris do século XIX foi seguido por muitos países. Isso porque, Benjamin colocou a ideia de *cidade grande* que pode ser aplicada a muitas cidades que se industrializavam, cresciam desordenadamente e sem controle. Portanto, um perfil para as demais, ou mesmo um modelo, como se tornará, de fato, porque o Plano de Paris serviu de referência para operações urbanas em muitas cidades do mundo. Nas primeiras décadas do século XX o Bairro do Recife, em nome da modernização, teve parte do seu casario demolida para a construção de avenidas largas e novas edificações (CARVALHO, 2010). As cidades que cresceram muito, posteriormente foram denominadas de *metrópoles*, *megalópoles*, *cidades mundiais*, ou *globais*, nas concepções urbanísticas atuais. São cidades resultado da conurbação, globalizadas e interligadas à mundialização do capital.

desordenado, a superpopulação, o aparecimento dos lugares pobres, subúrbios insalubres, poluição, doenças, miséria e violência.

Walter Benjamin elaborou uma crítica ao progresso. Nos fragmentos, observa e mostra que nos interstícios dos subúrbios se escondem muitos problemas. A noção de *fragmento*²⁹ permite a visão de um objeto com muitas faces e a possibilidade de se traçar um perfil da sociedade e da cidade, que se constrói cotidianamente, desagregada, que traz os símbolos de um mundo no qual os novos produtos, vistos por Benjamin como “fantasmagorias”, tornam-se objetos de desejo, vazios de conteúdo, repletos de ilusões.

Assim, Benjamin construiu sua metodologia. Deixou transparecer, construindo um perfil do mundo que, ao mesmo tempo que amedrontava, seduzia; local em que as pessoas não se reconheciam, senão por fragmentos, muitos deles escondidos por uma sociedade que usa máscaras para esconder imperfeições, erros, injustiças, segregação e preconceitos. E conseguiu, pela sensibilidade, ouvir outros sons em meio aos ruídos que a sociedade e a cidade produzem.

Benjamin criou diversos esboços, juntou muitas informações, abarcou várias dimensões ao mesmo tempo. Conseguiu, desse modo, criar um modelo que não é o tipo, mas é referência para outros, e que também incompleto, pois, assim como as pessoas, a cidade, em sua complexidade, não se pode deduzir a partir de um olhar, apenas, mas há múltiplos ângulos de visão, tanto do ponto de vista de sua concretude material quanto do ponto de vista das subjetividades.

Do período das análises de Benjamin à década de 1980, é possível traçar fios que interligam acontecimentos. Embora não se dedicando ao estudo específico das sociabilidades no meio urbano, como Simmel fez, Benjamin dialoga com a fragmentação e as fragilidades de um sistema no mundo, com as transformações

²⁹ Em Arquitetura, *fragmentos* são partes. Os monumentos que permanecem no plano de Haussmann (BENÉVOLO, 2001) são partes que ele valoriza como marcos, atribuindo-lhes valores por si mesmos. Contudo, perderam a coesão e a ligação com o sentido para o qual foram edificadas. Considerando-se que a cidade ficou dividida, restaram pedaços, estilhaços cujo sentido foi arrancado, implantando-se outra leitura para tais monumentos, agora eram coisas para servir de exposição. Cabe salientar que, com a destruição do rico patrimônio da realeza francesa, pelos revolucionários de 1789, inicia-se um movimento contrário para a preservação do patrimônio, no sentido de se tornarem heranças do povo francês, que poderiam atrair divisas para a nação, portanto, deveriam ser preservados.

das cidades para criar espaços voltados ao consumo, em que as relações sociais giram em torno do valor das coisas, lugar de antagonismos, inseguranças e medos.

É possível inferir aproximações ao relacionar modos de interação sociais com os locais de socialização. As cidades burguesas, polifônicas, agitadas, surpreendem e amedrontam. Ficaram postos, assim, o sentido dos estilhaços e das incertezas que trazem insegurança aos grupos sociais. As cidades e as pessoas em interação mudam cotidianamente. Cabe a cada indivíduo, imaginar, sentir e percorrer os labirínticos e fragmentados caminhos, em que sensibilidade e experiência tornam-se fontes inesgotáveis à criação, aos sonhos e à transformação.

A teia de relações tende a ampliações e atualizações ao darmos conta de que as novas tecnologias de comunicação virtual e de massa possibilitam avanços e permitem interações contínuas, em tempo real e lugares virtuais. Estas novas possibilidades de comunicação também admitem o estar em, o estar contra, de modo intenso e simultaneamente interagindo com diversos lugares, cujas identidades e tradições podem não apresentar vínculos culturais (BAUMAN, 2005).

Nesse sentido, permanências e transformações formam uma complexa teia de relações em que individualidades, diversidade e subjetividades coexistem e transparecem não apenas por atitudes, mas podem ser observadas nas disposições e conformações espaciais na construção dos ambientes citadinos. Ou seja, é no ambiente urbano que a diversidade e as sociabilidades se manifestam (FRÚGOLI, 2007), ainda que fragmentadas e em meio a incertezas.

Capítulo II | Paradigmas e paradoxos entrelaçados

Com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e movimentos afetivos, elaboramos o material que tomamos do mundo. (SIMMEL, 2006).

Os anos de 1980 chegaram como a “nova década”. O Brasil iniciou a integração em um modelo de economia globalizada. Indústria, serviços, automação, novos mercados, importação, exportação. Ao mesmo tempo, o País se redemocratizava. A sociedade se adaptava às conquistas e mudanças para afirmação da cidadania. Dava-se conta, também, dos retrocessos decorrentes de períodos de pouca interlocução com o mundo. Fazia-se necessário refletir sobre condição enquanto nação e, junto à sociedade, buscar os caminhos possíveis para reinserção na dinâmica global. Um novo tempo.

Ao recorrer às fontes e, ao partir da ideia de que a história se faz todo dia, este capítulo tem importância especial para este trabalho porque está feito a partir das leituras e seleção de textos de jornais da época relevantes ao tema abordado. Foi elaborado por leituras de relatos de alguns jornais, que se dedicaram a fazer análises e balanços da década de 1970 que terminava, e dos anos 1980, que estavam por vir. Referem-se continuamente a ideias paradoxais: a de crise mundial e a de esperança por um Brasil melhor.

Encontrei este “novo tempo” ao iniciar a pesquisa, em uma das primeiras reportagens do início da década de 1980. Ao focalizar os anos 1980, muitas lembranças me levaram às histórias e acontecimentos no Centro do Recife. A partir de memórias comecei as pesquisas sobre a década de 1980. Segundo Gagnebin (2006), a memória pode ser compreendida de três maneiras: a primeira é a faculdade de memória, que se liga à capacidade de ter lembranças. A segunda vincula-se à habilidade de lembrar, inter-relacionada à intelectualidade. A terceira: às

lembranças. Nestas, a memória é reminiscência, que nos chega por imagens desejadas ou não almejadas.

Lembranças das histórias que ouvi contar em família me revelaram o Recife, com as casas de dança no Porto do Recife e os passeios de bonde nas décadas de 1940 e 1950. O Recife cuja vida das famílias era vivenciada em sobrados, ou casas térreas, de conversas com cadeiras nas calçadas, carnavais de rua, uso do lança-perfume e da missa da Quarta-feira de Cinzas para expurgar possíveis extravagâncias do Carnaval.

Dos passeios nas pontes entre os cinemas São Luís, Art Palácio e Trianon dos anos 1950, 1960 e 1970. Do curso nas ruas nos anos 1960 e 1970. Encontros nas praias da cidade de Olinda e em Boa Viagem. As festividades religiosas seculares, com celebrações que promovem encontros, diversão e interações, o Bloco Carnavalesco Galo da Madrugada, nos sábados de Zé Pereira, e a Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço. Essas histórias contadas são também parte das minhas memórias.

Sem deixar de passar pelo crivo de leituras pessoais, relacionando acontecimentos e lugares, formou-se uma teia que se entrelaçava a comportamentos e modos de vivenciar os lugares: praias, praças, cinemas, sorveterias, magazines, bares, boates, caminhar pelas ruas do centro: sociabilidades que fazem parte das histórias e memórias de muitas gerações. Constituem sociabilidades no Recife.

Como aponta Ricceur (2008), a memória garante-nos “que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança” (op. cit., p. 26). Nesse contexto, a memória e a história participam da construção das identidades individuais e coletivas. Possuem relação com o tempo vivido, com o tempo presente e com os lugares da cidade, o lugar da cultura no qual o indivíduo reconhece ser também parte dos acontecimentos. Herdeiro e semelhante.

A hereditariedade, a herança, a filiação, a semelhança, a influência são elementos constitutivos da individualidade e as representações individuais se interligam aos vínculos sociais. Portanto, as experiências individuais humanas

acontecem porque indivíduos, em reciprocidade, se reconhecem naquela sociedade. Estes elementos criam um complexo de relações que interagem constantemente.

Passado o “milagre econômico” da década de 1970, muitos acontecimentos deixaram traumas, marcas e medos espalhados por todo o Brasil. Por meio do estudo das fontes de pesquisa, foi possível observar que a sociedade do Recife do final dos anos 1970 e início da década de 1980 apresentava tensões e esperanças. O Brasil terminou a década de 1970 vivenciando crise econômica e social, inflação e desigualdades.

O País mergulhou em uma crise econômica após o término do período do chamado *milagre econômico*. Esboçou-se abertura lenta e progressiva com a liberdade de imprensa e o retorno dos exilados políticos. Em 1979, modificou-se a Lei de Segurança Nacional e foi revogado o AI-5, além de previsão de eleições indiretas para o sucessor do militar Ernesto Geisel.

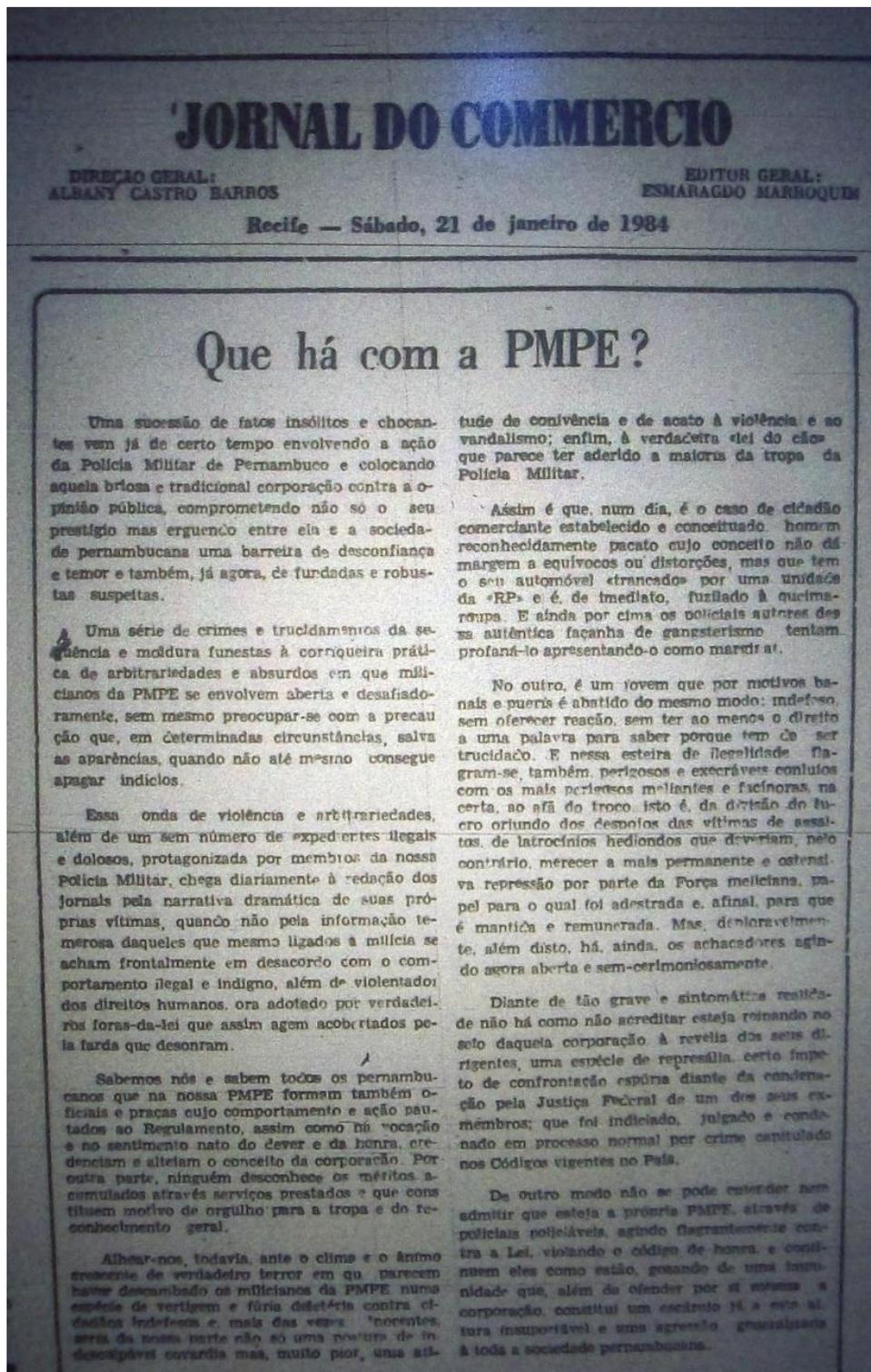
Os difíceis e últimos anos da década de 1970, tanto do ponto de vista internacional, quanto nacional, teceram panoramas das dificuldades decorrentes da crise mundial, como a corrida armamentista, a crise do petróleo, os problemas entre EUA e União Soviética. Vivemos em um “tempo de temores”, afirma Bauman (2008). O medo é um sentimento que todos experimentamos na vida com repertório vasto com relação ao modo de reação, ou não, quando a vida e a sobrevivência se colocam em risco.

A grande urbanização ocorrida nesse período criou uma população marginalizada, privada dos direitos urbanos, de segurança e da justiça. A Polícia Militar, que tinha servido ao Exército durante a Ditadura e trabalhou muito tempo realizando patrulhas ostensivas contra guerrilhas, feriu os direitos das pessoas nas cidades. Os policiais agiam como se todos fossem inimigos a combater. Tornaram-se inimigos que a sociedade temia. (LOPES E RIOS, 2009).

Foram diversos constrangimentos entre a sociedade civil e policiais despreparados para garantir os direitos civis. Como atestam Lopes e Rios (2009), as polícias urbanas realizavam um policiamento ostensivo que amedrontava. Eles só “viam inimigos a combater!” (op. cit., p. 194). Os policiais foram treinados pelos

governos militares para combater as guerrilhas rurais e urbanas; não sabiam como lidar adequadamente com os cidadãos. As táticas repressivas passaram a ser temidas por parte da sociedade civil.

Imagem 13 | Que há com a PMPE?



Reportagem que questiona e denuncia os crimes praticados por policiais militares contra os cidadãos civis de Pernambuco. Fonte: Jornal do Comércio, 1984.

Até a década de 1970, era possível andar na cidade, passear pelas ruas, ficar nas praças, sair das festas e clubes a pé, pela madrugada, conversando com os amigos sem medo de assaltos. Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 observa-se aumento de registros de assaltos e uma onda de medo assolou o Recife. Esse medo ganhou dimensões muito fortes e levou à autodefesa.

A sociedade recifense perdeu, de certo modo, a maneira de vivenciar algumas formas de sociabilidades nas ruas. As ruas começaram a se tornar ameaçadoras aos caminhantes. Recorrentes assaltos trouxeram sinais de intranquilidade e de mudanças nos modos de interação. Importante dizer que essas violências não aconteciam apenas nas ruas, mas também em estabelecimentos comerciais, bancos, escritórios supermercados.

Oscila-se entre o enfrentamento, a fuga ou a reação. Quando a ameaça é dispersa, sem causas claras ou explicações plausíveis, parece poder vir de qualquer local. E assim, o medo vincula-se à incerteza que gera insegurança e angústia por não se saber ao certo o que fazer, ou não fazer, quando a possibilidade de acabar com a ameaça foge do nosso controle (BAUMAN, 2008).

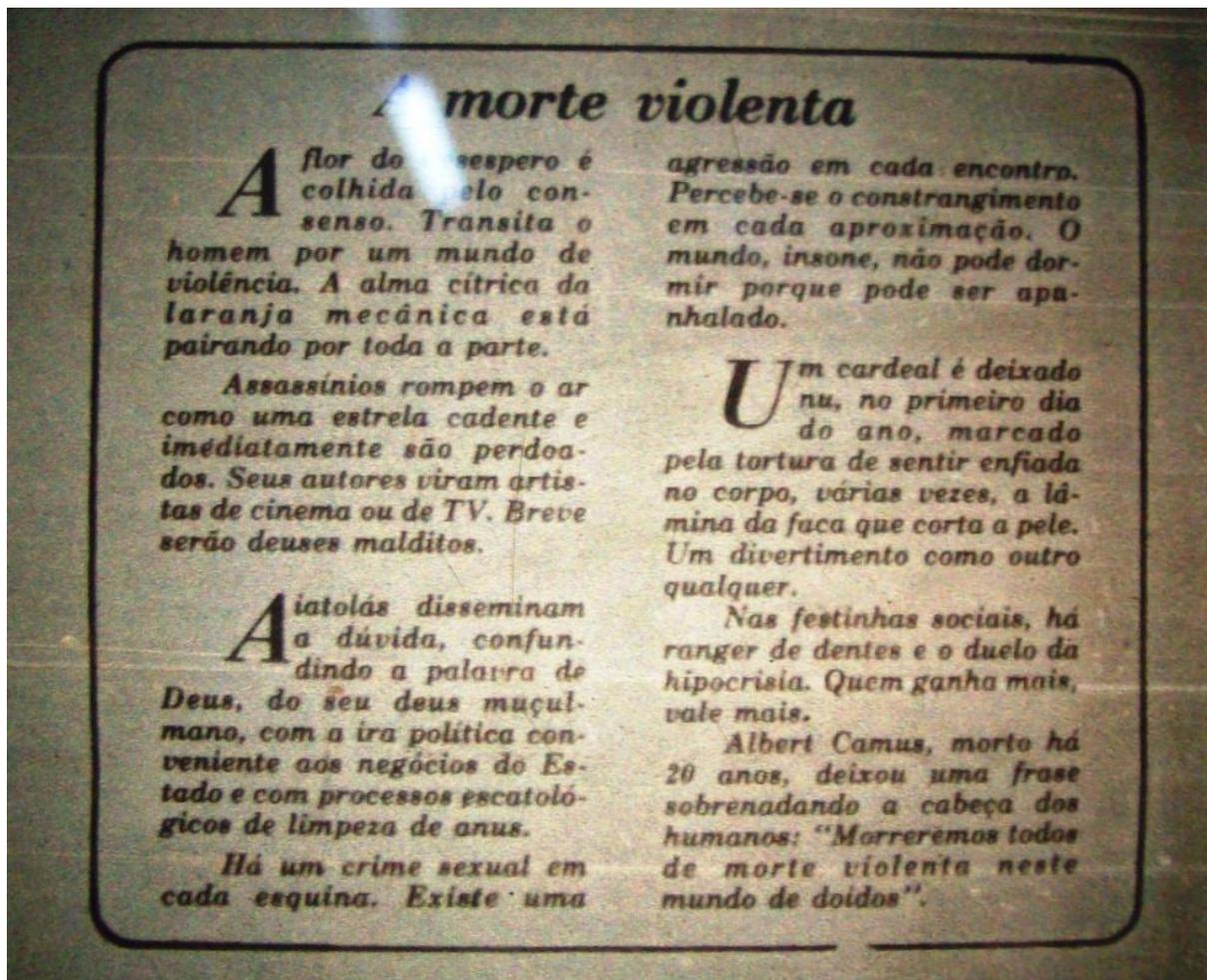
No século XX, a humanidade alcançou o poder de autodestruição. Essa capacidade ameaçadora pode pôr fim à existência humana sem permitir, de fato, experiências posteriores para registrar, ensinar ou aprender qualquer coisa. As ameaças sobre o fim da vida na Terra ameaçavam e amedrontavam a sociedade na década de 1980. (BAUMAN, 2008).

No Brasil, a euforia mediante a “abertura política” era, de certo modo, abalada pela crise mundial. Esses acontecimentos foram vivenciados em meio ao paradigma da reconstrução da cidadania, discussão sobre valores sociais e o direito de escolher e falar no meio social, nas ruas, na mídia. Mas o Brasil seguia para as mudanças. Mediante cenário que permite mudanças contínuas, criou-se a ideia de acontecimentos sólidos e líquidos.

Os sólidos, ligados ao período da modernidade até a década de 1960, associam-se aos que traduzem segurança e estabilidade; os líquidos, aos que induzem à insegurança, relacionados à noção da Pós-Modernidade. De um modo

geral, a sociedade transita entre movimentos com forças antagônicas. Inclusão e exclusão, liberdades e medos. Inversão de valores, desconfianças, jogos de interesses, riquezas e misérias (BAUMAN, 2007).

Imagem 14 | A morte violenta



Os temas tratados neste artigo relacionam os problemas decorrentes da violência no mundo e no Brasil nos Anos 1980. Fonte: Jornal Diário de Pernambuco, 1985 – Coluna de Paulo Fernando Craveiro.

A constatação e a observação de realidades paradoxais revelaram intranquilidades acerca de acontecimentos na sociedade e na cidade do Recife no ano de 1980. Nos encontros cotidianos, as pessoas comentavam também os problemas da cidade. Violência urbana, disparidades sociais, etc. acarretavam uma série de insatisfações. Momentos difíceis, de muitas crises, com sinais de esperança à construção da cidadania e democracia. Desejos de transformação marcaram o período.

Nesse período, além de enfrentar os desdobramentos das crises e de conflitos internacionais, a sociedade brasileira vivenciou uma situação particular com o fim da Ditadura, mais precisamente, a passagem para a redemocratização do País. Uma reportagem colocou que, “ao final da década de 1970, o mundo refletiu acerca dos angustiantes problemas para a humanidade: crise mundial, guerra, inflação, incertezas, violências, desigualdades sociais, produção e comercialização do petróleo” (JC, 1980). Os caminhos que conduziram o País a renovações e mudanças no cenário político foram tratados com esperança e desconfiança. Crítica e medo.

A expansão do capitalismo suscitou dinâmicas e deslocamentos novos em países como o Brasil. O modelo de produção e consumo em massa sofreu alterações a partir de 1960. Nesse período, foi necessário que, nos países do chamado *Terceiro Mundo*, fosse implantado um capitalismo tardio, por meio de políticas de substituição de importações. Muitas empresas multinacionais buscaram, em países como o Brasil, saída para a estagnação do modelo capitalista, o que gerou uma onda de industrialização no País.

Desse modo, surgem esferas de produção com inovações na dinâmica dos serviços financeiros. O Brasil teve que se atualizar com adequações que trouxeram novas formas de trabalho, empregos temporários e horas trabalhadas. Essas atualizações foram acompanhadas por racionalização, reestruturação, inovações tecnológicas, automação, novas linhas de produto e dispersão geográfica amparadas na flexibilidade, novos mercados, produtos e padrões de consumo (HARVEY, 1999).

A ideologia do neoliberalismo vinha sendo adotada em países como Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Como conduta, defende o livre-mercado, a intervenção mínima do Estado e subordinação à economia de mercado para possibilitar, cada vez mais, investimentos internacionais, pressupostos para a configuração de cidades neoliberais.

As grandes empresas, assim dirigidas, em volta das relações de venda, consumo e lucro, essencialmente, procuraram instalar-se, como estratégia para obter mais lucro, em locais com excesso de mão de obra e com leis ambientais

menos restritivas. Tais estratégias fortaleceram a tendência para o crescimento das desigualdades sociais e diversos problemas, como insatisfações, violências, medos, exclusões em meio às relações cotidianas da sociedade (HARVEY, 1999).

Ao longo do tempo, essa conduta gerou lucro aos empreendedores e, paulatinamente, prejuízos aos trabalhadores. No âmbito da cidade, observou-se enfraquecimento do poder estatal e estreitamento das formas de poder e decisões entre empresas públicas e privadas. Da relativa estabilidade dos modelos anteriores, a sociedade vivenciou instabilidades. Nesse contexto, difundiram-se modelos que acirraram a competição em meio às diferenças, ao efêmero, ao espetáculo.

Diante desse padrão, os ambientes urbanos se tornam locais a ser modelados conforme o sistema vigente, pensado e reconfigurado para o consumo e circulação de mercadorias. O Estado passou a regulamentar essas formas de relação primordialmente capitalistas, com inclusão e adaptações a usos e atividades ligadas à produção e ao consumo. Segundo Harvey (1999), esse método de transformação das relações humanas em uma sociedade globalizada tende a criar inseguranças e degradação das condições de viver e das formas de relacionamentos em todas as esferas sociais³⁰.

A esses movimentos transformadores, alia-se o que Guattari (2005) denominou Capitalismo Mundial Integrado (CMI), que, nos anos 1960, foi proposto como opção para a palavra globalização, muito ligada à economia capitalista e neoliberal. O CMI, assim especificado, ligava-se ao capitalismo mundial pela ampliação dos seus campos de ação para o mundo, porque fazia associações com países historicamente desvinculados deste modelo. Esse padrão tornou todas as atividades humanas ligadas a ele e sob seu controle (GUATTARI, 2005).

No plano político nacional, na década de 1980, havia um clima de campanha para as eleições diretas, após quase 20 anos de Ditadura Militar. Segundo Guattari (2005), que esteve no Brasil nesse período, a fase foi marcada, também, pela

³⁰ Na década de 1980, surgiram duas das grandes facções terroristas islâmicas: o Hezbollah (1982) e o Hamas (1987), que se afirmam como grupos opositores ao Estado de Israel. Essa década também assistiu ao desastre nuclear de Chernobyl (1986), à queda do Muro de Berlim, à reunificação da Alemanha e à dissolução dos países soviéticos. (LOPES E RIOS, 2009).

produtividade, pela ação e criação que revelaram a emergência do povo nos encontros, afetividade e ponderações.

Era a retomada da vida pública, que, para ele, significou “a força que acontecia na política do desejo, da subjetividade e na relação com o outro” (op. cit., p. 9). Eram delineados “territórios de existência” (op. cit., p. 9) e cartografias do desejo. Esboçava-se aqui, em sinais e maneiras, o não investimento em políticas adotadas com atributos pautados na “exclusão e segmentação” que vieram a formar cartografias perversas, como a “colonial, a escravocrata, ditatoriais e capitalistas” (op. cit., p. 9), configurando uma hierarquia social que fez do Brasil um país com as maiores taxas de desigualdades sociais do mundo.

Mas também, tornou possível falar, discutir e pensar sobre os movimentos femininos, o *gay*, as relações amorosas e sobre identidade. As discussões não se vinculavam tão somente à política e partidos, mas à vida e às maneiras como se relacionava a sociedade brasileira. Desse ponto de vista, observa-se um momento que deu margem para discussões variadas e abrangentes dos modos de estar e de viver em sociedade, em dimensões que se entrelaçavam.

A crise do petróleo amendrontrava os países ricos e os pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos. No Brasil, a partir da década de 1980, aconteceram mudanças significativas, em que as cidades, que se tornaram destinos de grande parte da população, perdem expressão. Rompeu-se o tradicional modelo e se criaram novos eixos de deslocamentos. Na concepção de Harvey (1992), ocorreram transformações nas práticas políticas, econômicas, sociais, culturais, que se interligam à passagem da modernidade à pós-modernidade, com modelos diferentes de acumulação do capital na ordenação do capitalismo.

As mudanças foram sentidas pela sociedade, conforme aponta nota de um leitor publicada pelo *Jornal do Commercio* intitulada *Novos rumos da mocidade* (Imagem 15). No texto, o leitor se refere à proximidade do segundo milênio e à ideia de se caminhar para a evolução, contudo, observa que o povo brasileiro não expressava os avanços porque não participava do progresso, uma vez que a cultura era frágil e dependente de modelos de fora.

Imagem 15 | Novos rumos da mocidade

Novos rumos da mocidade

Estamos quase no século XXI e as coisas caminham para completa evolução. Mas o que está acontecendo com o nosso povo não faz parte do progresso do país, a nossa cultura está cada vez mais frágil, dependendo de algo que não é nosso. Grande parte dos jovens já não pensa mais em estudar. Esquecer que esta é uma grande força para nosso desenvolvimento. O que eles querem é vestir roupas estranhas girar e penetrar num salão de cal e cultivar a música estrangeira esquecendo os grandes valores nacionais.

Que vamos fazer se toda nossa cultura for menosprezada? Que vamos mostrar aos turistas? Falar sobre o quê? De um passado morto por imitações? Ou coisas que eles já conheciam por eles?...

Você, jovem, precisa manter viva essa cultura, nossas tradições para que tenhamos orgulho de ser brasileiros. Não podemos esperar mais. Temos que agir pois o tempo é pouco. Não podemos cultivar valores estrangeiros. Chega de falar "qual é meu irmão?", sem mostrar qualquer compaixão pelo próximo. Estamos sendo vítimas dessa imitação estereotipada. Nosso povo está por trás de um espelho que brado que reflete imagens erradas. "Moré"?

Como com vocês para manter em pé um Brasil bem brasileiro, em muitos de território e índios mas sem guerrilhas. Um Brasil autêntico. — MACIEL JOSE DA SILVA — Rua Franco Godim nº 23 — Cas Porto.

Justifica seu pensamento ao observar a juventude, que se afastava dos estudos, para ele, força impulsionadora ao desenvolvimento, e passava a se vestir, ouvir músicas e dançar valorizando culturas estrangeiras em detrimento dos valores nacionais. Crítica à interferência de valores dos Estados Unidos da América do Norte no Brasil, nos costumes, modos de vestir, alimentar-se. De modo geral, essa influência se mostrava agora de forma mais clara na imprensa, mas já era observada desde a década de 1970.

Tais histórias não passaram despercebidas pelas crônicas da coluna Cotidianos, assinada por Carlos Drummond de Andrade, no Caderno C do Jornal do Commercio e nem o Vida Urbana, do Diário de Pernambuco. A sociedade não desconhecia estar “espremida entre o compressor poder do consumismo, da inflação, das grandes organizações transacionais, capazes de ditar o que vai acontecer nos próximos anos”³¹.

Sinalizavam-se mudanças de que o Brasil precisava se atualizar, como os problemas energéticos, os avanços da medicina com relação a doenças, os bebês de laboratório, o combate ao câncer, a automação e a luta pelos direitos humanos. Discutiam-se, mediante incertezas e perplexidades, as desigualdades sociais e a violência urbana.

Nas ruas do Recife, havia famílias, com mães e filhos nos semáforos pedindo esmolas. Vivências constrangedoras e amedrontadoras. Os meninos criados na rua assaltavam em grupos com garrafas de cola nas mãos. Os números da violência cresciam com assaltos e assassinatos. O medo de andar na cidade aumentava. O uso da bicicleta também ficou ameaçado, pois as importações traziam novos produtos, de melhor qualidade. Quem os adquiria estava sujeito a assaltos.

Algumas palavras e expressões foram constantemente citadas nos jornais do início da década, como redemocratização, liberdade de expressão, inflação, violência e desigualdades sociais. Pernambuco era o estado que apresentava o maior índice de violência do País. No período de 1980 a 1994, a taxa de homicídios

³¹ RIVAS, Leda. *As cidades e as esperanças*. Diário de Pernambuco. 1980:5.

foi crescente, sobretudo nas regiões metropolitanas do estado aparecendo entre os cinco mais violentos do País³².

Conforme apontam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³³, a partir da década de 1980 o comportamento social com relação aos deslocamentos entre cidades acarretou transformações no País. Os deslocamentos para os grandes centros foram reduzidos. Se as migrações eram para os grandes centros urbanos, passaram a encontrar destino nas cidades de médio porte.

O Recife e a sociedade brasileira passaram a vivenciar situações e mudanças cujos sinais denotavam a coexistência de universos paradoxais. Se, por um lado, foram introduzidos modelos que valorizavam as transações internacionais, e dele não podiam sair, por outro, a situação de pobreza e miséria, os graves problemas econômicos, as instabilidades políticas e tantos graves problemas internacionais colocavam em debate as tradições culturais, bases que fundaram por tantos anos a condução dos princípios de nação e de cidadania.

No que se refere às transformações urbanas, na década de 1980 foram pensadas e promulgadas leis importantes para o País, dentre elas, a Constituição Federal de 1988. A nova constituição definiu as garantias dos direitos universais ao povo brasileiro. Também abordou temas ligados às cidades e à regulamentação urbana. Do ponto de vista da dimensão urbana, as cidades se adensaram. As transformações urbanas no Recife, desde a década de 1970 priorizaram investimentos nas vias de comunicação para uso dos automóveis.

Desde os anos 1970, os investimentos urbanos apontavam para essas transformações. A produção do espaço urbano foi pensada para tornar mais fácil a circulação e locomoção, sendo implementadas adaptações especialmente planejadas para a utilização do carro, com avenidas mais largas, grandes dimensões espaciais e fragmentação. Para isso, foram construídas novas avenidas, vias expressas, rodovias e amplos estacionamentos.

³² WAISELFISZ. Julio Jacobo. *Mapa da Violência: os novos padrões da violência homicida no Brasil – Pernambuco*. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_pe.pdf. Acesso em 23/12/2014 às 18:49h.

³³ Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>. Acesso em 16/05/2015, às 21:08h.

Segundo Domingues (2005), as novas vias permitiram que as classes de média e alta renda continuassem se deslocando para localizações de seus interesses, girando em torno da vida cotidiana desses segmentos sociais de maior concentração de renda. Conforme Simmel (2006), os grupos se movem por interesse e em grupos entre iguais.

Nesse contexto, a mobilidade territorial possibilitou os deslocamentos, mas, prioritariamente, os investimentos se voltaram para o uso dos automóveis particulares sem grandes investimentos nos transportes públicos, que serviriam às classes sociais que não dispunham de condições para ter automóveis. No âmbito da cidade, cujo crescimento se deu por adensamento e ocupação de bairros menos centrais, ir de carro particular era diferencial para a classe média.

O centro tradicional perdeu muitos moradores para áreas identificadas como mais “nobres” da cidade. As edificações verticalizadas foram adensando esses lugares com projetos que ofereciam vagas para um automóvel. Os edifícios mais luxuosos para a classe média alta eram projetos com duas vagas para automóveis e com os novos materiais oferecidos pela construção civil.

No Recife, a sociedade passou a contar com a diversificação de comércios e serviços médicos, dentistas, hotéis, consultórios, restaurantes, bares, academias de ginástica e dança, salões de beleza, escolas maternais e para o antigo primeiro Grau e galerias de lojas começaram a ser construídas em diversos bairros que se adensavam. As galerias, ou minicentros comerciais, em geral, resultaram de mudanças de uso. As casas passaram de uso habitacional para o comercial.

Nos bairros dos Aflitos, Graças, Espinheiro, Derby e Boa Viagem, as mudanças foram rápidas. Os consumidores eram atraídos pelas vantagens de segurança, pelas novidades nas lojas mais luxuosas. Esses bairros se tornaram parte do centro estendido, mas com maior luxo, bares e boates. Ao longo das principais avenidas, as lojas substituíram as residências. Tendência que ainda hoje acontece no Recife.

O acesso maior aos automóveis pela classe média possibilitou a expansão dessas atividades para fora da cidade tradicional, do centro mais antigo, em direções

diversas, como para os bairros do Espinheiro, Aflitos, Torre, Madalena, Graças e Boa Viagem. Os apelos dos empreendedores também foram realizados para atrair turistas. O Recife, segundo relatos do período, não possuía estrutura suficiente para atrair turistas.

Imagem 16 | Onde Pernambuco se expande



Em Pernambuco uma das direções dos empreendimentos realizados ao longo da Década de 1980 seguiu a direção Sul, depois de Boa Viagem, Piedade, em Jaboatão aparece entre os mais procurados. Edifícios habitacionais multifamiliares e hotéis de luxo foram construídos à beira-mar. Fonte: Jornal Diário de Pernambuco, 1989.

Nesse sentido, queixavam-se os empreendedores de que os navios com turistas não desciam no Recife. Mas o governo e empresários iriam trabalhar para a

construção da cidade turística. A década de 1980 foi profícua na construção de hotéis de luxo e de médio porte. Quase todos edificadas em Boa Viagem e, depois, em Piedade, que se tornou outro local de expansão do território do Grande Recife.

Em meio a transformações, percebemos novos territórios, cartografias dos espaços em que, na construção das pessoas e das cidades, encontramos permanências e transformações. Diálogos, difíceis de entender, mas fundamentais para compreender e reconhecer símbolos e esperanças, modos de vivenciar e de se relacionar na sociedade. A sociedade convive com as mudanças, cujos discursos falam de progresso, melhorias necessárias ao crescimento, porém, nos subúrbios mais distantes, os investimentos são poucos e as transformações, lentas.

É notório observar que as transformações qualificavam os locais com infraestrutura já existente. Nesse contexto, os paradoxos do tempo se encontram observados também pelas construções. Se, por um lado, na sociedade as classes média e alta adquiriram certos privilégios, ou confortos, passando a consumir e desejar novos modelos de viver, os *shoppings* e, depois, os condomínios serão o maior exemplo de novas tipologias introduzidas ainda na década de 1980.

Misturando-se aos múltiplos tempos, formam panoramas abertos em que realidade e imaginação criam uma grande teia que se mistura com lendas, mitos, e memórias. Em meio às crises internacionais e as internas, do Brasil e das cidades grandes, as mudanças foram introduzidas a partir de um universo com realidades diferentes. Os paradigmas, nesse contexto, seriam os sonhos, a alegria pela esperança de mudanças.

Nas favelas e nos bairros mais pobres do Recife, locais com ocupação irregular não aconteceram mudanças significativas a ponto de melhorar a qualidade de vida das classes pobres e não se efetivou no decorrer da Nova República, anunciada por José Sarney. Grande parte das leis privilegiou os mais ricos. As novas tecnologias, automação principalmente, vieram agregar valor e se aproximaram dos sonhos e desejos das cartografias elaboradas por alguns segmentos sociais. A década de 1980 representa o paradigma da mudança, mas, também, da repetição de práticas políticas e de um modelo econômico que

efetivamente não trouxeram melhorias à qualidade de vida para a sociedade como um todo.

II.1 | 1980 – A Nova Década: acertos de contas com o passado

Com o passar do tempo, os papéis não são mais exatamente os mesmos de antes; sem dúvida a ação que estes levam adiante por meio de intrigas e reviravoltas conduz a algum tipo de desfecho final, que continua a se aproximar mesmo quando a intriga parece complicar-se cada vez mais (CALVINO, 2003, p. 79).

O mundo se espantou com as perplexidades e incertezas para a humanidade. Pessimismo. Sentimentos antagônicos seguiam lado a lado as informações que circulavam na época. Descontentamento, medo, mobilizações e reflexões construíram a teia desses difíceis caminhos. No Brasil, greves, paralisações, passeatas e comícios sinalizaram as mudanças esperadas, mas, sobretudo, a liberdade de expressão.

O General Presidente Ernesto Geisel conduziu o difícil caminho para o fim dos governos militares, com reservas a uma democracia conservadora com abertura lenta, gradual e insegura. A sociedade ansiava por mudanças, pelo fim dos Atos Institucionais, pelo retorno dos presos políticos e exilados do exterior, para partir em busca dos desaparecidos durante o período. Mas tudo esteve sob o controle rígido do general e sob o comando da Linha Dura. (LOPES & RIOS, 2009).

O último governante militar do período ditatorial a assumir a presidência, General João Batista Figueiredo (1979–1985), enfrentou a grave crise econômica que permaneceu por toda a década. Fixava-se, então, um dos mais conhecidos *slogans* do governo, repetido e divulgado nas mídias durante o período — *Abertura ampla, total e irrestrita*. Tal abertura, no entanto, não aconteceu conforme anunciado. O controle do poder foi decisivo na construção e realização desse processo. (LOPES & RIOS, 2009).

Imagem 17 | Anistia ampla, geral e irrestrita: ela traz de volta Luís Carlos Prestes



Anistia ampla, geral e irrestrita: ela traz de volta do exílio Luis Carlos Prestes e Carlos Augusto, o filho de Marighella (acima); e o ex-governador Leonel Brizola (foto à direita)

Imagem 18 | Anistia ampla, geral e irrestrita: ela traz de volta Leonel Brizola



As imagens acima registram a chegada dos exilados políticos ao final da Ditadura Militar no Brasil. Fonte: LOPES & RIOS, 2009.

No início da década de 1980, os discursos prometiam abrir possibilidades para a reconstrução da participação da sociedade brasileira na vida política e para um país melhor. Mas o discurso do General Figueiredo traçou um perfil da situação do País ao entrar a nova década:

São ásperos e acidentados os caminhos das nações dispostas aos sacrifícios inerentes à decisão de aproveitar e valorizar seus recursos naturais e humanos. Mais ainda: na luta pelo desenvolvimento cada etapa é de prenúncio de trabalhos mais árduos e extenuantes. Será preciso sanar as injustiças e evitar a perpetuação das desigualdades sociais, vencer a indiferença e abrir as portas para a virtude cristã da caridade. A ninguém prometo fim de mês sem apertos, mas a todos, em especial aos mais abastados, convido a dar o exemplo e deixar de ostentações superficiais para poder dividir melhor parcelas das riquezas nacionais (Presidente João Figueiredo, 01/01/1980. Mensagem de início de ano à nação. Diário de Pernambuco, 1980).

A austeridade e irregularidade dos caminhos a trilhar para o futuro do Brasil, segundo as reflexões do presidente João Figueiredo, denotam apreensões e pessimismo. Em seu discurso proferido ao iniciar a nova década, o presidente expôs os desafios de um Brasil mergulhado em crise, com distribuição desigual de renda, desigualdades sociais, indiferença e falta de virtudes cristãs e caridade. Então

convidou as classes mais ricas a deixar “ostentações superficiais” e a dividir com mais igualdade as riquezas do País.

A década de 1980 revelou, também, o atraso em que o País ficou mediante os avanços tecnológicos internacionais. Estagnação na área da economia e dos setores da indústria. O emprego inadequado dos recursos públicos em obras faraônicas e os altos salários de cargos públicos foram também anunciados nos jornais. As elevadas taxas da inflação, acompanhadas da má distribuição de renda, afetaram diretamente as classes menos favorecidas.

A crise do petróleo e diversos conflitos internacionais comprometeram o desempenho da economia nacional, com aumento da dívida externa e poucos investimentos do capital estrangeiro no País. Assim, no início da década de 1980 as mídias locais publicaram reflexões e análises sobre questões fundamentais à vida das pessoas no mundo e nas cidades.

A Igreja Católica se fez presente e atestou seu espaço nesse tempo ao solicitar que se evitassem os erros do capitalismo e do comunismo, preservando-se a liberdade que o comunismo sacrificou e as propriedades pequenas, que o capitalismo parecia ignorar. Em diversas reportagens, observou-se que se recorria à Igreja Católica para estimular a preservação da esperança, além de direcionar condutas sociais e reflexões mediadoras. Outro mundo se configurava.

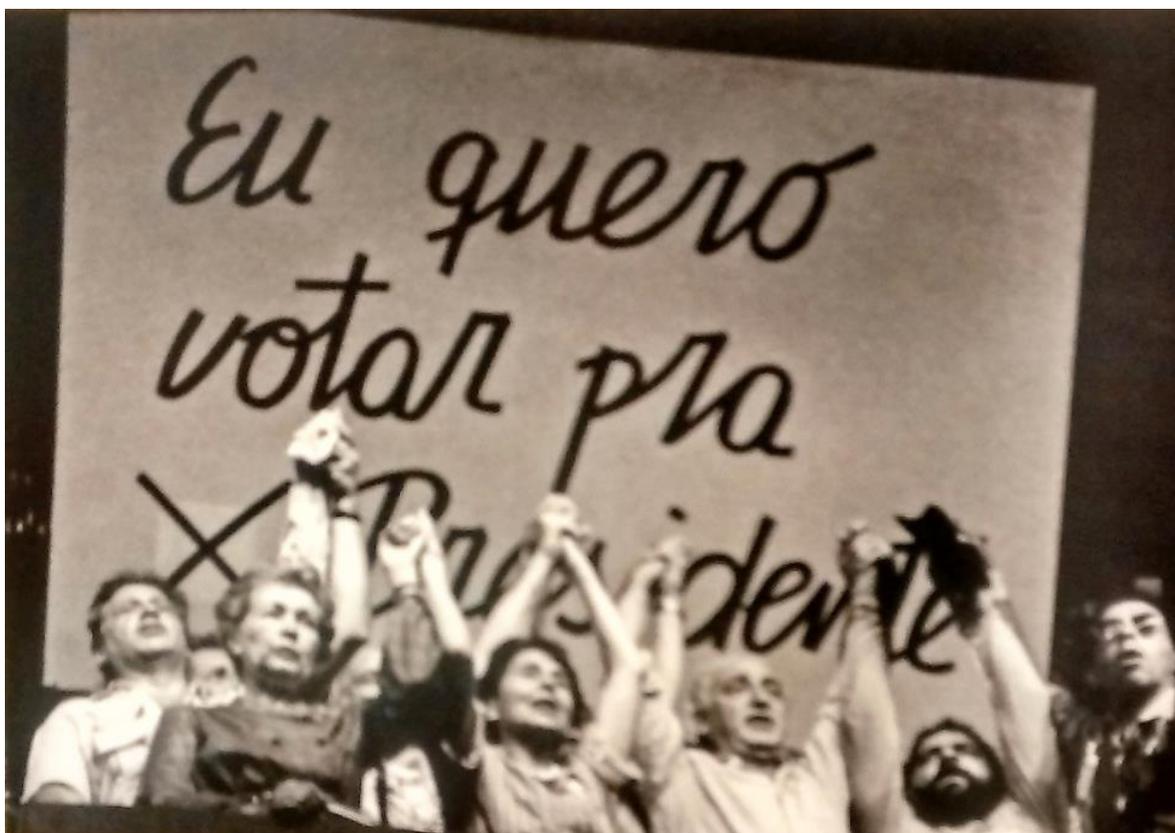
Para tentar minimizar os diversos problemas, o presidente Figueiredo implementou uma política de incentivo às exportações, que conseguiu aumentar e mudar o saldo comercial. Contudo, o resultado servia para pagamento de elevada dívida externa, o que acelerou a inflação. Mantiveram-se os compromissos internacionais, ampliaram-se as distorções sociais. No âmbito político, com o fim da censura, aumentaram as críticas ao governo militar.

Iniciava-se, assim, a retomada da democracia, da cidadania, o direito de greve. Todo o País discutiu política. A criação de novos partidos políticos: Arena (conservadora), que se tornou PDS (Partido Democrático Social), o MDB, que se transformou em no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o PTB, o

PDT e o PT — todos mobilizaram o cenário e debates no âmbito político na vida dos brasileiros. (LOPES & RIOS, 2009).

Em 1983, os partidos de oposição se organizaram em torno do movimento pelas *Diretas já*. A sociedade brasileira, intelectuais, estudantes e políticos foram às ruas pedindo eleições diretas para presidente. Mobilização popular com realização de comícios em diversas cidades brasileiras unidas pelos direitos democráticos. O movimento pelas *Diretas já*³⁴ levou às ruas milhões de brasileiros. Foram construções de ações que viabilizariam as eleições diretas para presidente.

Imagem 19 | Eu quero votar para Presidente



A imagem acima registra o movimento pelas Diretas já e 1983. Fonte: LOPES & RIOS, 2009.

³⁴ A PEC das *Diretas já*, do deputado Dante de Oliveira, foi rejeitada pelo Plenário em 1984. (Disponível em <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/93436-DECADA-DE-80-AS-DIRETAS-JA>.) Acesso em 10/5/15, às 22:42h.

Imagem 20 | Placar das 'Diretas já'

SENADORES	
PSD AMARAL PEDOTO	PTB NELSON CARNEIRO
	PDT SATURNINO BRAGA

DEPUTADOS FEDERAIS			
PSD ALDO TEIXEIRA	PSD ALAN FERREIRA	PSD SÁMUEL SASSARI	PDT JOSÉ FREIJAT
PSD CARLOS PECANHA	PSD ALVARO VILLE	PSD WILMAR PAULI	PDT MARIO JURUNA
PSD DADO COMBES	PSD AMARAL NETTO	PSD ARILDO TELES	PDT SEBASTIAO ATACE
PSD DENISAR AMERIO	PSD MARCIO AYRES	PSD AGNARDO TAVES	PDT SEBASTIAO NERY
PSD GUSTAVO FARIAS	PSD EDUARDO GALE	PSD ADRIAL NASCIMENTO	PDT SERGIO LOMBA
PSD JORGE LEITE	PSD FLORENTINO FILHO	PSD BRANCO MONTENEGRO	PDT WALTER CASANOVA
PSD LEONARDO SAMPAIO	PSD HAMILTON KAUER	PSD RICARDO COSTA	PDT CELSO PECANHA
PSD MARCELO MENEZES	PSD LAZARO CARVALHO	PSD CLEBER RANDES	PTB FERNANDO CARVALHO
PSD MARCO BRAGA	PSD LEO SIMÕES	PSD DELO DOS SANTOS	PTB FRANCISCO STUZZO
PSD MARCO MACEDO	PSD OSMAR LEITÃO	PSD JACQUES DO CORNELIAS	PTB JORGE CURY
PSD JOSÉ ELIAS	PSD RUBEN MEDINA	PSD JÁ DE BRANCO JORNAL	PTB ROBERTO LESTERSON
	PSD SARAGAMO PINHEIRO	PSD JOSÉ COLAROSSO	

A imagem acima registra o placar dos deputados que estavam a favor do movimento pelas Diretas já.
 Fonte: LOPES & RIOS, 2009.

Imagem 21 | Sarney quer PDS unido contra eleições diretas

Sarney quer PDS unido contra eleições diretas

BRASILIA — O principal objetivo do presidente do PDS, senador José Sarney, após a renúncia do presidente João Figueiredo à coordenação do processo sucessório, será fechar o Partido em torno das eleições indiretas.

Ele fez tal revelação, ontem à tarde, na sede do PDS no setor comercial de Brasília, tendo ao lado o secretário-geral, deputado Homero Santos. Na oportunidade, sem demonstrar qualquer entusiasmo pelo encargo de coordenar a sucessão do presidente João Figueiredo, o senador maranhense anunciou a convocação da executiva nacional para terça-feira, dia 10, às 10 horas da manhã, a fim de tornar conhecido da decisão do chefe do Governo. Ele não quis falar sobre a possibilidade de convocar também o diretório nacional e defendeu, várias vezes, a eleição indireta.

Governo muda período de reajustes

BRASILIA — O secretário da SEAP — Secretaria de Ajustamento e Preços — Milton Dal'ari, informou ontem que o Governo mudou sua estratégia de controle e acompanhamento dos preços este ano, tornando os reajustes mais espaçados e de maior percentual e alterando o tipo de correção dos preços. Assim é que, entre setembro e 6, reajustes das tarifas dos Correios, Água e Esgotos, Portos, Transportes Urbanos, inclusive trem, e trimestrais os reajustes das tari-

José Sarney

Andreazza define sua estratégia

O movimento contra as eleições diretas no Brasil. Fonte: Jornal do Commercio. Ano: 1983

Em 1984, a sociedade se mobilizou para eleger o presidente por meio de votação direta. As ruas de muitas metrópoles brasileiras viraram palco de grandes manifestações com milhares de pessoas nas ruas a gritar: “Diretas já!”. Unidos: povo, ex-exilados políticos, partidos de oposição. Essa mobilização simbolizou a volta da liberdade de expressão, vozes do desejo de justiça e revolta reprimida por tantos anos.

Imagem 22 | A PEC das *Diretas já*, de autoria do deputado Dante de Oliveira, foi rejeitada pelo Plenário em 1984



Fonte:Arquivo/Cedi-<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/93436-DECADA-DE-80-AS-DIRETAS-JA.html>. Acesso em 10/5/15, às 22:42h.

Contudo, as pressões desse movimento não foram suficientes para mudar o sistema, a hegemonia de segmentos conservadores da estrutura sócio-política brasileira. A proposta de emenda à Constituição do deputado Dante de Oliveira foi rejeitada. Esse movimento não obteve o que desejava, porém fortaleceu os movimentos em direção à eleição de um candidato desvinculado dos governos militares.

A eleição indireta para presidente foi realizada em 1985, quando o Colégio Eleitoral reunido elegeu o primeiro presidente não militar desde 1964. O primeiro presidente civil pós-Ditadura, Tancredo Neves, encheu de esperanças muitos brasileiros. Esperanças renovadas. Todavia, o presidente Tancredo Neves adoeceu e faleceu antes da posse. Esse acontecimento gerou mal-estar e desesperança.

A comoção nacional foi noticiada pelas mídias da época. Desesperanças tomaram espaço na vida das pessoas. Ficava claro que a direção do País mudara de mãos, mas não se consolidariam as mudanças esperadas. Todos os acontecimentos foram veiculados nas mídias de todo o Brasil que, pela televisão, assistiam aos programas com a família reunida.

Imagem 23 | A vitória de Tancredo Neves



A imagem acima registra a vitória de Tancredo Neves para assumir a presidência do país. Fonte: LOPES & RIOS, 2009.

Com a morte de Tancredo, assumiu José Sarney, ligado aos governos militares, um dos líderes da Arena, partido que apoiava o Regime Militar, iniciando o período denominado *Nova República*. A Nova República trouxe algumas conquistas

à sociedade, como o restabelecimento de eleições diretas para a prefeitura das cidades, interrompidas na Ditadura, o direito de voto aos maiores de 16 anos e aos analfabetos e a legalização de partidos, como o PCdoB e o PCB. Nesse período, esboçou-se a nova Constituição, promulgada em 1988³⁵ (LOPES e RIOS, 2009).

José Sarney era a representação de um governo não desejado. A sua aliança com Tancredo Neves pareceu não passar de manobra político-partidária. A eleição de um líder não militar, ainda que ligado às elites dominantes, representou um passo para a redemocratização brasileira: encerrou-se o período de governos militares no Brasil. José Sarney herdou graves problemas na administração: dívida externa, desigualdades sociais e inflação acima de 200% ao mês.

Imagem 24 | Maxidesvalorização do cruzeiro



³⁵ Na visão de Lopes e Rios (2009), a Constituição promulgada era ainda insegura, pois deixou a cargo do povo a escolha do presidencialismo e do parlamentarismo, a ser realizada por um plebiscito.

Imagem 25 | Janeiro: desemprego, inflação e FMI



Os problemas do Brasil que afetavam diretamente os cidadãos, relacionamentos e vida cotidiana da sociedade. Fonte: Jornal do Comercio. Ano: 1983

Imagem 26 | A Constituição de 1988



A imagem acima marca importante momento no processo de redemocratização e construção da cidadania no país. Imagem: a promulgação da Constituição de 1988 sob a coordenação de Ulisses Guimarães. Fonte: LOPES & RIOS, 2009.

O novo presidente enfrentou o problema de situar o País na economia mundial e globalizada. O Brasil se via atrasado e em descompasso diante das mudanças do mundo e dos avanços do capitalismo internacional. No âmbito da economia e indústria internacionais, os países pesquisavam e investiam em computadores, microeletrônica, biotecnologia, com grandes avanços nessas áreas. Só acompanhavam e participavam desse processo grandes empresas e corporações. A tendência do modelo econômico foi continuar crescendo e atravessou a década de 1980.

Era difícil a adaptação a ser realizada por governos que adotavam políticas conservadoras e centralizadoras. A indústria brasileira não apresentava produtos e preços competitivos com o cenário internacional. A informatização chegou ao Brasil nessa década, e uma das estratégias da Nova República, no governo Sarney, foi divulgar que colocaria o Brasil em conexão com o mundo. Para além das mudanças políticas e econômicas necessárias à realidade brasileira na época, as sociedades compartilhavam valores e visões de mundo diferentes que deveriam ser atualizadas na passagem às práticas de um mundo neoliberal, como os impactos da modificação pela globalização.

Imagem 27 | Dom Hélder quer esforço para Brasil chegar ao ano dois mil sem miséria



empobrecimento da sociedade e ao crescimento da marginalidade, principalmente entre crianças e jovens.

Imagem 29 | Luz no fim da década
A década serviu para que fossem acertadas as contas com o passado

Luz no fim da década

A década serviu para que fossem acertadas as contas com o passado

CELSO LUNGARETTI

Circunspetivos economistas, balançando a cabeça, garantem: "Foi uma década perdida". Têm uma certa razão. Afinal, o Brasil não manteve os anos 80 sua taxa histórica de crescimento, entre 6 e 7%, que lhe permitiria reduzir a imensa distância em relação aos países desenvolvidos. Ao invés disso, resignou-se a um 3% ao ano, quase o mesmo percentual da expansão demográfica. Os bens disponíveis para cada cidadão brasileiro eram, em dezembro de 1989, praticamente os mesmos que em janeiro de 1980. E a renda per capita, no poder de US\$ 2.500, nos encha de vergonha: é um índice de registrada nas grandes nações industriais.

Mas, se os indicadores econômicos e sociais justificam uma avaliação negativa da década que se encerra, em termos políticos o balanço é bem diferente: o povo brasileiro viveu experiências ricas de ensinamentos e soube extrair as conclusões certas. Assim, o período pode ser considerado como de acumulação de forças. Há boas possibilidades de que, a partir deste ano, não só ocorra e retomada do desenvolvimento, como também de que a "expansão econômica se transforme num propósito nacional. O "milagre" de 20 anos atrás teve fôlego curto porque os processos com os sindicatos intimidados, os trabalhadores indiferentes ou hostis e a nação dividida. O Brasil tem hoje um chance de obter os mesmos resultados respaldado na vontade coletiva.

Os anos 80 serviram para que fossem acertadas as contas com o passado. A liquidação da ditadura, de acordo com o figurino proposto pelo general Geisel, foi "lenta, gradual e progressiva". Durou até agora, pois a Nova República constituiu mero subproduto do período autoritário. Através do conchavo de cúpulas que determinou a vitória da chapa PMDB/PFL no Colégio Eleitoral, o poder continuou a ser exercido nos termos da aliança entre a tecnoburocracia estatal e o grande empresariado nacional. Nada mudou em essência quando a faixa presidencial passou do militar para o postastro.

A viabilidade econômica desta aliança, entre-

tanto, caducas. O Estado não serve como agente de desenvolvimento na era pós-industrial, conforme se constata hoje até nos países comunistas (ou deixando de sê-lo). O endividamento externo e interno causado pelo governo Geisel com sua linha política de substituição de importações, escalou a escalada inflacionária e, com ela, a decomposição do modelo. E a eleição presidencial demonstrou que a vontade majoritária do povo é pela desestatização.

A chegada de Fernando Collor à Presidência marca, também, o fim maniqueísmo esquerda/direita. Ao identificar a ditadura como "conservadora" e a si como "progressista", a esquerda capitalino e desprestígio do regime autoritário para eleger uma forte bancada na Constituinte. Sua situação, porém favorável e nacionalismo estatizante mais retrógrado, em associação com interesses corporativos e com os grupos empresariais que temem a competição fraca. E a nova Constituição, o fato perde pela montanha, não resolveu e até agravou os grandes problemas nacionais.

Além disso, fracassaram sob Fênero três parcelas do ideário esquerdista: a inerteza da dívida externa, o congelamento de preços e a aposta no mercado interno. Com tudo isto, mais os acontecimentos do Leste Europeu, as candidaturas de Lula, Brizola, Covas e Freire ficaram sem bandeiras econômicas viáveis, enquanto Collor personificou a modernidade ao propor o empenhamento do Estado. Sua vitória atesta que o povo já não acompanha a esquerda na fixação em obter reparação e retaliação pelos males do período ditatorial, e eleitorado entendeu o passado e votou numa esperança de futuro.

Passada a fase de autoflagelação e desmascaramento e o enredo da perpetuação da aliança entre o Estado e o grande empresário com bacharelis no lugar de generalis, a nova década se inicia sob crise profunda mas diagnosticada corretamente pelo presidente eleito, que recebeu do povo o aval para efetuar as mudanças necessárias. Há uma luz no fim do túnel.

Celso Lungaretti é jornalista

Reportagem que faz uma análise da década de 1980. Resume e comenta os maiores problemas enfrentados e os desafios. Aponta esperanças para a retomada do crescimento e expansão da economia e grande esperança no Presidente eleito pelo voto direto Fernando Collor. Fonte: Jornal do Commercio, 1989.

Ao final da década de 1980 alguns economistas estimaram que havia sido uma década perdida, porque a taxa de crescimento do país foi inferior à de 70, a renda *per capita* foi uma das menores comparada aos países desenvolvidos. Desse modo, ficaram assim postos os desafios e conflitos a enfrentar. O discurso do novo, da Nova República, o Cruzado II, a Constituição de 1988. Um “Brasil Novo” foi anunciado no final do ano de 1989. Diante de tantos “novos” modelos, ao se apagarem as luzes da década de 1980, após 30 anos, foi eleito pelo voto direto, Fernando Collor de Melo.

II.2 | Cenários: luz no fim do túnel

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 2003, p. 20).

Luz no fim do túnel, título de uma reportagem do final dos anos 1970, do *Jornal do Commercio*, representou a expectativa por mudanças mediante o fim da Ditadura Militar. As expressões, já citadas, *nova década* e *acertos de contas com o passado* trazem em si a ideia de renovação e de vontade de justiça. Do ponto de vista político, os primeiros passos foram dados para o fim da Ditadura.

Este texto pretende articular narrativas produzidas nesse período a comportamentos, movimentos sociais e urbanidades no Recife à ideia de confiança e de sonhos por um futuro menos imperfeito. Ou seja, acontecimentos que se misturam entre sociabilidades e práticas espaciais de transformação. Não é possível desvincular estudos acerca da década de 1980 se retirando questionamentos marcantes das ideias que então circulavam.

Algumas fontes pesquisadas recorreram a textos que introduzem e concluem acontecimentos relacionados ao plano internacional e ao Brasil, do ponto de vista político, econômico e social. As narrativas do final da década de 1970 e início década de 1980 denotam sentimentos sociais aflorados, especificamente dos cronistas, jornalistas e literatos, cujas opiniões demonstram tensões, medos, angústias, descrença e também esperança.

O modelo socialista amedrontava a sociedade e os caminhos para a mundialização do capital traziam reflexões, desejos e medos. As fontes dos jornais da época indicam movimentos que comparavam modelos associando a concentração de renda, o empobrecimento da sociedade, a miséria e a violência aos

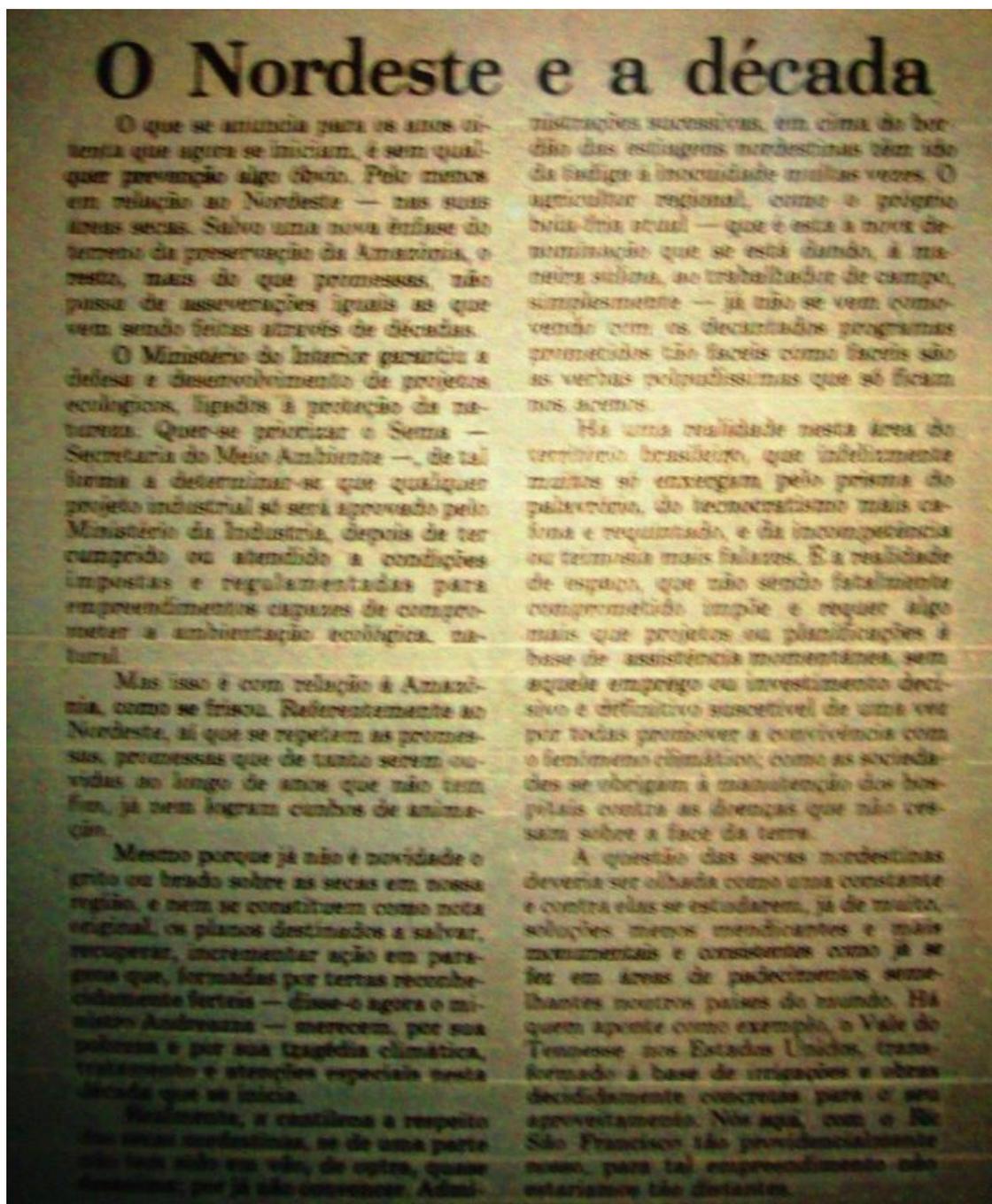
males do capitalismo. Do ponto de vista social, o Recife apresentava altos índices de violência.

Tais reflexões emergem em diversas narrativas da época. *As cidades e a esperança* é uma dessas reflexões publicadas no primeiro dia do ano de 1980. O Brasil refletia sobre a revisão de modelo socioeconômico. Angustiam os recifenses os problemas que as injustiças sociais traziam às pessoas, pois a cidade parecia se transformar em campos de batalha onde “sobreviver ao cotidiano era questão de pura sorte” (Diário de Pernambuco, 1/1/1980). O então governador de Pernambuco, Marco Maciel, reafirmou as dificuldades, mas depositou “a crença intocável no futuro, com fidelidade à nossa história”, porque, apesar de o momento ser de crise, não faltava aos pernambucanos o “espírito de luta e vocação para grandes desafios” (Diário de Pernambuco, 1/1/1980). Essas ideias perpassam quase toda a década.

No Recife, famílias inteiras se aglomeravam nas ruas a pedir esmolas. Crianças e adolescentes atuavam em grupos para assaltar os transeuntes, principalmente no centro da cidade. A classe média reclamava dos altos impostos. Empobrecimento pela desvalorização da moeda e conseqüente decréscimo do poder de compra e de consumo. A economia informal invadiu as ruas. Os jornais da época publicaram notas dos leitores que expressaram suas opiniões acerca desses problemas.

A prefeitura e o governo estadual tentaram dar soluções que se tornaram paliativos diante da gravidade dos problemas da sociedade e da cidade. O Recife no início dos anos 1980 era uma cidade com graves problemas sociais. A violência era a maior consequência deles, junto à criminalidade entre jovens e menores. A Fundação do Bem-estar do Menor (Febem) registrou que, ao final da década de 1970 foram atendidos mais de 20 mil menores carentes, abandonados e delinquentes.

Imagem 30 | O Nordeste e a década



Neste artigo publicado no Diário de Pernambuco no início da década de 1980 informa que nada de novo estava previsto para o Nordeste além das promessas antigas. Fonte: Diário de Pernambuco, 1980.

Imagem 31 | Tempos de agora e de dantes



A autora relata um panorama acerca da vida social do período, das eleições diretas, das condições da sociedade. Elabora uma comparação entre os comportamentos e mudanças ocorridas em diferentes momentos da história do Brasil no século XX. Fonte: Artigo publicado no Diário de Pernambuco em 1989.

Agravavam-se, também, problemas ligados ao uso de drogas e à prostituição entre os adolescentes que viviam nas ruas do Recife. Para isso, o governo do estado e a prefeitura lançaram campanhas para apoio aos mesmos. Todavia, o problema se tornou bastante complexo por toda a década, pois envolvia outros problemas, como a desestruturação das famílias, desemprego e falta de assistência. Um contingente de menores abandonados residia no centro do Recife.

Agravavam-se, também, problemas ligados ao uso de drogas e à prostituição entre os adolescentes que viviam nas ruas do Recife. Para isso, o governo do estado e a prefeitura lançaram campanhas para apoio aos mesmos. Todavia, o problema se tornou bastante complexo por toda a década, pois envolvia outros problemas, como a desestruturação das famílias, desemprego e falta de assistência. Um contingente de menores abandonados residia no centro do Recife.

Imagem 32 | Febem atendeu a 20 mil menores no ano passado



Artigo que denota os problemas com o aumento de menores infratores no Recife. Fonte: Diário de Pernambuco, 1984, p. 4.

O simples transitar pelo centro da cidade, cuja centralidade se encontrava nos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, causava medo. Muitos menores atacavam os transeuntes para roubar relógios, bolsas, óculos, carteiras, capangas. Eles andavam em grupos. Muitos cheiravam cola de sapateiro, e logo foram denominados “cheira-colas”. As mulheres e as pessoas idosas eram as maiores

vítimas desses grupos. A situação do centro do Recife ficou tão insegura que grande parte da população passou a evitar ir ao centro.

Para solucionar o problema, foram propostas a construção do Departamento de Formação para o Trabalho, com o apoio dos sindicatos, e a criação de Centros Sociais Urbanos, para atender a população de baixa renda. Enquanto o mundo globalizado se expandia, o Recife se revelava uma cidade violenta e muitos problemas decorrentes da falta de conservação e abandono dos espaços públicos.

Imagem 33 | Menino de rua aprende a evitar Aids



Foi na década de 1980 que apareceram os primeiros casos de AIDS no Brasil. Os jornais informam em diversas reportagens o que se sabia sobre a doença, ainda sem possibilidade de tratamento. O avanço da doença em todos os meios sociais fez o governo elaborar diversas campanhas de prevenção. Os menores carentes foram também vítimas da contaminação. Fonte: Diário de Pernambuco. Ano: 1984.

Imagem 34 | Paralisação de táxis contra a violência



As imagem acima denotam a movimentação dos motoristas de taxi a solicitar do oder público providências contra a violência mediante roubos, assaltos e assassinatos a motoristas. Fonte: Diário de Pernambuco, 1980.

Nesse contexto, os taxistas foram um dos grupos mais atingidos pela onda de violência que tomou conta da cidade. Diante dos inúmeros assassinatos, foram realizados movimentos sociais e paralisações em protesto contra a falta de segurança. As farmácias e supermercados também foram vítimas da onda de violência. Desse modo, violência e o medo apavoravam os recifenses. As reportagens da época deixam claro o cenário sombrio que se descortinava com a sociedade mergulhada no medo, mas, ao mesmo tempo, acreditando nas mudanças.

A violência se estendeu aos transportes públicos, que também passaram a ser alvo de roubos coletivos. Nos bairros, também cresceram os assaltos à mão armada e às casas. A reação das pessoas para se defender muitas vezes transformou os assaltos em tragédias, em que morriam tanto os assaltantes quanto as vítimas. Nesse sentido, diversos movimentos da sociedade foram realizados, contudo os resultados não foram alcançados.

O Centro do Recife se volta para as mudanças de usos e de atividades, com novos edifícios comerciais e de serviços, ou galerias de lojas que concentravam serviços e comércio diversificados. As fontes indicam que essas transformações não aconteceram sem passar por estágios diferenciados, abandono, sujeira e violências diversas. A cidade se expandia, mas também crescia a pobreza e a violência, atingindo índices muito elevados.

Os espaços públicos, abandonados pelos órgãos públicos, eram os principais locais para afirmação da violência. Assaltos, lixo e degradação afastavam as pessoas das praças. A prefeitura do Recife, no *Projeto Um por todos*, convidava os cidadãos a realizarem melhorias nas calçadas e ruas da cidade. Oferecia materiais para a execução dos serviços em que o povo participava com a mão de obra. Além desse programa para a cidade, repetiram-se antigas promessas, que não trouxeram melhorias efetivas.

As praias despontaram como o lugar de muitas sociabilidades. Na década de 1980, o local de maiores encontros e interações eram as praias. Como apontou Carlos Drummond de Andrade, “a juventude queria se divertir”. Tecendo uma crítica forte à alienação de muitos jovens, em uma de suas crônicas Drummond se refere

às praias das cidades brasileiras como o lugar de muitos encontros sem comprometimento com os problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil, com as necessidades de mudanças e as injustiças sociais.

No meio urbano, havia movimentos para adequar a cidade aos modelos vigentes. O turismo se apresenta como uma das maneiras de atrair lucro e consumo. Contudo, a carência de planejamento e políticas direcionadas ao turismo se perdia muito para outros estados, como Rio e Bahia. Apesar de o Recife ter um porto que favorecia desembarques, muitas vezes foi noticiado que os turistas que aqui chegavam muitas vezes nem desciam do navio. Aos poucos a Empresa Pernambucana de Turismo (Empetur) organizava e direcionava também os centros do interior para serem incluídos em programas para valorizar as programações e festividades culturais e religiosas para o estado.

Imagem 36 | Turismo



As praias despontam como lugar de sociabilidade. Empreendimentos turísticos destacam essa forma de lazer para o Recife. Fonte: Diário de Pernambuco. Ano: 1984.

Imagem 37 | Recife terá o porto mais moderno de todo o Nordeste



A cidade se prepara para o comércio exterior com a construção de um complexo portuário. Fonte: Diário de Pernambuco. Ano: 1984.

Andrade (1984) também pontuou a perda dos cinemas e as novas práticas de exibição de vídeos nas casas. Para ele, a perda dos cinemas nas cidades representava a perda das possibilidades de encontros e interações. Tais perdas davam margem para as formas de individualismos cuja tendência foi progressiva, pois as tecnologias cada vez mais avançaram de modo a possibilitar que as pessoas assistissem a filmes isoladas. Nos cinemas que resistiam, voltavam-se à exibição de filmes com apelo à violência e à pornografia.

Os discursos midiáticos passaram a tratar a violência como um dos problemas mais relevantes e difíceis da década, que causava medos urbanos diversificados. Aos poucos, as praças se tornaram local de sujeira e dos marginalizados. A perda das praças como pontos de convivência e de encontros sociais é notada e, de certo modo, lamentada pelos recifenses.

Aliadas às ideias de medo emergem as de segurança. As mídias da época alinham os discursos em torno da segurança à forma segura de se viver em edificações multifamiliares que os empreendimentos imobiliários ofereciam para venda. A tendência era convencer o público-alvo de que, mesmo morando em apartamentos, era possível ter a liberdade e o conforto que as habitações unifamiliares ofereciam.

Por outro lado, no decorrer da década de 1980 as transformações e o crescimento da cidade fortaleceram a tendência para as mudanças e a expansão da cidade para os bairros do Espinheiro, Encruzilhada, Graças, Aflitos, Boa Viagem, Casa Forte e Aldeia. Nos interstícios de muitos bairros e em áreas próximas a rios e mangues, cresceram novas favelas. Na coluna Classificados, do Diário de Pernambuco, observa-se o movimento das ofertas de compra e venda no mercado imobiliário. Nesse contexto, o bairro de Boa Viagem se tornou ponto atrativo para grandes adensamentos voltados para o comércio e moradia.

Imagem 38 | Espaço Vital



ESPACO VITAL

Quando Deus criou o mundo, não largou suas criaturas entre quatro paredes de concreto. Aliás, muito pelo contrário: a principal preocupação Divina foi justamente dar muito espaço para os homens. Espaço agora é coisa rara nesse mundo. Por isso você tem que comprar logo seu terreno em Espaço 21, áreas modulares residenciais de até 5.000 m², em Aldeia local mais nobre do grande Recife. Al você terá espaço suficiente para construir sua casa e viver a vida que pediu a Deus. Mais de mil famílias já descobriram isso.

Em Aldeia, difundiu-se a ideia de liberdade e de uma vida mais saudável, longe dos incômodos dos grandes centros. No Recife, os bairros próximos ao centro foram adensados pela construção de edifícios multifamiliares. Fonte: Jornal Diário de Pernambuco, 1985.

Mas a cidade que se atualizava precisava de mais espaço. *Espaço Vital* é uma página imobiliária que se mobilizava voltando-se para a expansão da cidade. As páginas dos *Classificados* do *Diário de Pernambuco* ofereciam os discursos necessários à construção e expansão da cidade — *Suape tem o imóvel que você quer!*. O mercado imobiliário do Recife se expandia. Havia ofertas de venda em diversos bairros e de áreas na Região Metropolitana.

A construção do primeiro *shopping center* do Recife no bairro de Boa Viagem foi um empreendimento atrativo que ofereceu oportunidades e motivação para levar ao bairro famílias, empresas, comércios e serviços. Em volta do *shopping* foram construídos diversos edifícios de apartamentos e empresariais. As mídias do período divulgaram tais empreendimentos.

A sociedade dos anos 1980 percebia a crise de valores, as novas realidades, aceitava e encarava a diversidade, a pluralidade. Enfrentava o caos urbano e os medos dele decorrentes. Os anos 1980 marcaram, também, o final de muitas utopias, incluindo-se as elaboradas pelo movimento Moderno, e elegeram as cidades e as metrópoles como lugares para viver e se socializar, ancoradas no senso crítico que analisa e compara, interrogando a realidade existente. Contudo, no Brasil, a autonomia que obteve pela redemocratização foi, de certa maneira, eclipsada pelos graves problemas econômicos, com altos índices de inflação, o que gerou descrença no País, na política e nos políticos.

Imagem 39 | Shopping cresce apesar da incerteza



O Shopping Center Recife trouxe novos modelos de sociabilidades. Tornaram-se pontos de encontro, lazer, serviços diversificados e de compras, sempre relacionados à ideia de conforto e de segurança. Fonte: Diário de Pernambuco. Ano: 1989.

Em meio a essas transformações, outros lugares e práticas de sociabilidades e diversidade se adaptaram, ou se transformaram, para conviver com os avanços da ciência e da tecnologia. Foi na década de 1980 que aconteceram os primeiros encontros com a automação, o poder da informação e do conhecimento. Na reordenação social e de suas práticas, no universo global, o poder fica para quem sabe mais, como assinala uma reportagem do período. A tecnologia despontava como o paradigma à comunicação entre as pessoas. Em tal cenário, as mudanças

na cidade e as produções arquitetônicas permitem também leituras que se relacionam às ideias do período, à produção do espaço e modos de interação sociais.

Capítulo III | **As Cidades e suas Arquiteturas – Construções**

Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu, descobrindo o muito que não teve e o que não terá (CALVINO, 2003, p. 31).

No início do século XX, a expressão *menos é mais* foi adotada pelo arquiteto Mies Van Der Rohe³⁶ para explicitar um dos pressupostos do Movimento Moderno e validar a supressão dos ornamentos na Arquitetura. Fortalecidos pela corrente racionalista e pela organicista, os modernistas afirmaram sua crença no progresso³⁷, na produção industrial e na melhoria das condições da vida social. Os programas arquitetônicos desse período também organizaram os ambientes por meio de zoneamentos segundo necessidades e fluxos.

Os programas arquitetônicos passaram a prever amplos ambientes de interação nos quais a sociedade, com maior igualdade, conviveria e dividiria suas experiências de vida. O ser humano seria uma máquina a viver, trabalhar e desfrutar do lazer em lugares funcionais e setorizados, planejados segundo diferentes atividades. Para tal, a Arquitetura revelaria a verdade estrutural, a dos materiais, e organizaria a vida das pessoas em edificações com vãos livres, panos de vidro, lajes planas, edifícios isolados dominando a paisagem.

As experiências desse período, tratadas com seriedade e crença em um futuro melhor, resultaram em muitas experiências exitosas, fruto de um trabalho exaustivo para contribuir para a formação de ambientes melhores, em meio ao caos do pós-guerra, aos cenários de destruição e à superlotação das cidades. A Arquitetura Moderna emergiu nesse cenário, utilizando novos programas, materiais de construção e inovações nas técnicas construtivas.

³⁶ Arquiteto, precursor do Movimento Moderno na Arquitetura, um dos responsáveis pela difusão dos princípios modernistas e autor de projetos de Arquitetura em diversos países.

³⁷ Contribuíram para o fortalecimento do ideário modernista a valorização das ciências e os pressupostos de limpeza, higiene, organização e planejamento.

Na década de 1980, outra máxima surgiu em oposição aos ideais modernistas. A expressão *menos é chato*, utilizada pelo arquiteto Robert Venturi³⁸, rebateu críticas formuladas acerca da produção da Arquitetura Pós-Moderna, que se esboçou no cenário internacional no final dos anos 1970 e se fortaleceu nos anos 1980, contrapondo-se ao pragmatismo modernista, à monotonia das formas e soluções urbano-arquitetônicas. Essa expressão buscou referências no repertório formal e decorativo dos estilos historicistas, ou *Revivals*. Ecletismos modernos? Ou Modernidade reflexiva?

Passados alguns anos das experiências do Modernismo, em meio a distintos cenários políticos, econômicos e sociais, surgiram os primeiros sinais de críticas e de reflexões. Na década de 1980, abre-se esse espaço ao debate que sinalizou os caminhos a serem trilhados por arquitetos e urbanistas no mundo Ocidental. Estavam postas, assim, as condições pós-modernas: diversidade, pluralidade, fragmentação, descontinuidades.

A Arquitetura Pós-Moderna emergiu em meio a esse panorama. Relacionou-se menos com os avanços das técnicas construtivas que com as mudanças de visão de mundo. Ou mesmo se contrapôs ao determinismo da modernidade em contestações que deixaram transparecer, também, a sociedade em transformação de valores e modos de viver. Um universo multicultural, tecnológico e globalizado se acendeu e se voltou, cada vez mais, em direção à produção e ao consumo.

Pensar a vida social nas cidades requer considerar as relações capitalistas em que o dinheiro circula e torna possível a qualidade e a quantidade. (FRÚGOLI (2007). Nas cidades que entraram no circuito mundial de transações financeiras, colocou-se aos arquitetos e urbanistas o desafio de implementar mudanças. Entretanto, essas alterações não podem ser compreendidas quando se toma apenas a década de 1980. Para esse olhar, faz-se mister reconhecer as condições que propiciaram a emergência das mesmas, com princípios que têm seus lugares nos anos 1960 e 1970.

Considerando-se essas associações, os motivos que dão significado à elaboração deste capítulo derivam da necessidade de lançar luz sobre a construção

³⁸ Arquiteto e um dos responsáveis pela difusão do movimento pós-moderno no mundo.

de caminhos para compreender a cidade e suas arquiteturas a partir das décadas de 1960 e 1970, no plano internacional e nacional, pois esse cenário trouxe mudanças significativas para a sociedade. A partir disso, será possível elaborar a síntese dos acontecimentos e a construção das sociabilidades nos espaços urbano-arquitetônicos do Recife durante a década de 1980.

Para melhor situarmos o Recife, foi necessário lançar o olhar sobre questões conceituais e teóricas relativas às cidades e arquiteturas nos recortes temporais citados, para incluir temas ligados às metrópoles brasileiras que se preparavam para se inserir e se enquadrar nos padrões do mundo globalizado. Nesse sentido, inicialmente teceremos considerações sobre o contexto e princípios que norteavam as produções urbano-arquitetônicas no plano internacional e que propiciaram as configurações das cidades e das arquiteturas nessas décadas.

Destacam-se, também, os caminhos nesse campo para o Brasil à luz de autores que elaboraram pesquisas na área, a fim de embasar e relacionar aos estudos à produção da cidade “neoliberal” e a produção da Arquitetura entre as décadas de 1960 e 1970 no País. Esses temas são importantes porque revelam as diferentes dimensões interligadas às construções nos ambientes urbanos que possibilitaram o estudo das sociabilidades e relações socioespaciais no Recife durante a década de 1980.

No que concerne aos anos 1960, alguns movimentos trouxeram mudanças sociais significativas. Extrapolaram a esfera local e se difundiram em diferentes lugares pelo mundo. Vários movimentos, como o *pop*, o *hippie*, o feminista e diversas manifestações ligadas à arte, criaram ambientes propícios a inquietações no âmbito cultural e à interlocução de ideias. Além disso, esses movimentos abriram espaço para mudanças sociais, permitiram a expansão da ideia de liberdade, de pensar formas de ser, de viver, costumes e comportamentos que divergiam de valores tradicionais vigentes na época (BASTOS e ZEIN, 2011).

Entre as mudanças e os questionamentos legados pela geração dos anos de 1960, a crença de que o progresso tecnológico traria mudanças e qualidade de vida para a sociedade nas grandes cidades foi amplamente questionada. A industrialização ocasionou avanços, mudanças de hábitos, costumes e consumo.

Ocasionalmente, também, problemas sociais, violência urbana, déficit habitacional e caos nos sistemas de transporte urbano ainda não sanados em muitos países na contemporaneidade (SEGAWA, 2014).

No âmbito das cidades e da Arquitetura, o debate e as apreciações dos pressupostos do Modernismo aconteceram em diversas partes do mundo. Tais críticas recaíram sobre as produções espaciais, que dedicaram muita atenção aos aspectos funcionais e estéticos dos ambientes e menos às dimensões simbólicas e físico-psicológicas dos espaços urbanos. No mesmo período, iniciaram-se debates acerca das intervenções nas cidades tomando-se como parâmetro a mobilidade e as grandes concentrações populacionais urbanas (BASTOS e ZEIN, 2011).

A tônica passou a divergir dos ideais modernos quando se adotou a construção de conjuntos de arranha-céus polifuncionais de grandes proporções com ênfase na concentração e aglomeração de pessoas e de edifícios, com muitos serviços indispensáveis ao funcionamento das cidades. Segundo Raja (2004, p. 35), a construção de edificações para consumo, com capacidade para moradia, concentração de pessoas em construções pré-fabricadas e industrializadas ou “empilhamento” passou a ser o novo ideal pós 1960.

A partir da década de 1970, buscaram-se soluções para a crise da sociedade nas grandes cidades, com causas intrinsecamente vinculadas às formas capitalista e industrial de produção. Do ponto de vista do fazer urbano, esses novos modelos de construção trouxeram algumas vantagens ao poder público, como a racionalização da infraestrutura urbana, economia de área e cobranças vantajosas de impostos (RAJA, 2004).

No mesmo período, observam-se mudanças no sentido de valorizar as estruturas urbanas antigas com apelo ao turismo e à necessidade de economia na construção. Nesses debates é importante salientar que se colocam questões importantes acerca das operações urbanas, das intervenções que destruíam áreas históricas depositárias da memória das sociedades e da cultura dos lugares.

Os olhares se voltaram para as formas históricas construídas ao longo do tempo e às organizações das cidades antigas, com valorização das ruas e praças.

No campo da construção, intervenções urbanas e Arquitetura, esgotam-se modelos preconizados pelo Modernismo fundamentados no racionalismo. Nesse contexto, entre as décadas de 1970 e 1980 se difundiram os conceitos de *sociedade pós-industrial* e de *Arquitetura Pós-Moderna* (RAJA, 2004).

Segundo Raja (op. cit.), considerando a produção realizada a partir da década de 1970, algumas mudanças no repertório da Arquitetura sinalizam posições que se contrapõem às posturas modernistas. A Arquitetura Pós-Moderna — e seus resultados formais — é considerada por alguns autores uma tendência da cultura de elite para as massas. No cenário mundial, colocou-se como a estética dos anos 1980, por moda ou por reação ao sistema instituído.

A estética Pós-Moderna na Arquitetura, em termos conceituais, serviu-se do repertório clássico como resposta formal. Resultado: essa estética não foi bem aceita por grande parte dos teóricos da Arquitetura, porque se encontra inter-relacionada a repertórios historicistas e ornamentações já rejeitadas pelas concepções modernistas, com princípios bem definidos e difundidos no mundo. Sob esse ponto de vista, alguns teóricos da Arquitetura preferem compreendê-la como a produção de uma sociedade em crise tanto ideológica quanto econômica³⁹ (RAJA, 2004).

No âmbito da cidade, passaram a fazer parte das discussões os planos urbanos para as metrópoles, que deveriam possuir capacidade para abrigar contingentes de pessoas cada vez maiores por meio da construção de grandes estruturas e edifícios, verdadeiros conglomerados urbanos capazes de suportar concentrações humanas. Alinhados às soluções espaciais, os planos urbanos passaram a valorizar a construção de grandes vias para comunicação e para solucionar os problemas com o tráfego e a mobilidade nas cidades (RAJA, 2004).

As grandes aglomerações, o adensamento nas metrópoles e os problemas deles decorrentes deram ensejo a reflexões acerca de um conceito difundido entre as décadas de 1970 e 1980: o de *cidade neoliberal*. O discurso para esse tipo de

³⁹ Raja (2004), Segawa (2014) e Bastos e Zein (2011) apontam haver uma lacuna acerca de estudos sobre esse período. No campo do Urbanismo e da Arquitetura no Brasil, há necessidade de pesquisas das produções desse período, realização de estudos históricos, aprofundamentos conceituais e teóricos inter-relacionados a contextos mundiais e locais.

cidade está ligado à noção de globalização e de cidade global. A partir da globalização, pode-se perceber a modificação das relações econômicas na esfera mundial e desdobramentos socioculturais dela decorrentes (SEGAWA, 2014).

A criação de organizações de informação e de comunicação cada vez mais abrangentes e interconectadas permitiu a aproximação entre mercados nacionais e internacionais. Segundo Harvey (2012), isso possibilitou a ativação de investimentos de mercados financeiros e imobiliários de países subdesenvolvidos e a concentração de recursos.

O conceito de *cidade global* surgiu a partir da conexão das bolsas de valores de Londres, Nova York e Tóquio na década de 1980. Nessa perspectiva, esse conceito resulta da disseminação espacial de transações econômicas de mercados municipais, nacionais e internacionais associados à globalização, necessitando de atualização de novas demandas, como formas de centralização territorial para controle e gestão dessas atividades. Esse período de crise apontou as condições pós-modernas, que levaram a confrontações no âmbito sociocultural (BASTOS e ZEIN, 2011).

A cidade global, por ser um espaço concreto da modernização capitalista, não apresenta fronteiras delimitadas às transações financeiras. Ou seja, trabalha no plano dos fluxos econômicos, financeiros e de mercadorias. Essa noção interfere, também, no imaginário social das pessoas que se relacionam nos ambientes físicos das cidades e no campo virtual, por estar em conexão a todo momento com o mundo. Posteriormente, os avanços tecnológicos permitiram ultrapassar, ou mesmo suprimir, as fronteiras territoriais por meio da Internet (HARVEY, 2014).

Esse modelo enfraqueceu as fronteiras comerciais, compôs blocos econômicos amplos, expandiu as direções de circulação de bens e de dinheiro, concentração de recursos nas esferas local, nacional e global em metrópoles já consolidadas por todo o mundo. Essas grandes cidades, interconectadas, sem fronteiras delimitadas, configuravam-se também como redes e lugares virtuais, dispersas pelo mundo, e passaram a exercer um novo papel na economia mundial (HARVEY, 2012).

Essa tendência de expansão de fronteiras de transações financeiras, de informações, de mercadorias e de pessoas aumentou nas últimas duas décadas, originando uma rede de megacidades organizadas e controladas dentro de uma hierarquia, funcionando no “novo espaço virtual” das finanças e da informação, ao mesmo tempo, no antigo recinto territorial, ou seja, no ambiente urbano.

Do ponto de vista das práticas sociais no meio urbano, alguns autores alinham esses modelos à “cidade líquido-moderna” (BAUMAN, 2007, p. 87), em que noções sobre globalização, tecnologia, informação, comunicação, fluxos, ciberespaço, descontinuidades, identidade e cultura participam da construção de sociabilidades. A partir desse período, ficaram estabelecidas ordens diferentes: centros econômicos passaram a interagir simultaneamente e formar composições de mercados planetários.

A ambiguidade se apresenta com mediação e trocas entre mercados e pessoas: a cidade, enquanto espaço visível, e as negociações políticas e sociais submetidas a condições materiais e simbólicas do modelo capitalista. Admite-se aqui o conceito de Pós-Modernidade, ou Modernidade Tardia, segundo compreende Bauman (2007), por ser um período interligado à era da automação, informatização, dos avanços dos meios de comunicação virtual em redes, das inovações tecnológicas e da globalização.

É nesse cenário mundial que o Brasil dá continuidade às pesquisas e experiências na construção das cidades e de suas arquiteturas. Para os arquitetos que participaram da construção e da introdução da estética modernista como contribuição às renovações no repertório da arquitetura brasileira. Na visão de Artigas (1985)⁴⁰, o período da Ditadura Militar representou uma interrupção de aproximadamente 10 anos nos processos de discussão, debates e proposições para resolver os grandes problemas sociais do País.

É neste cenário global que a Arquitetura e as cidades brasileiras tiveram, portanto, que se inserir. Consolidado o movimento moderno, o período da Ditadura Militar fragmentou as discussões com o mundo, porque muitos problemas nem

⁴⁰ Documentário *Arquitetura Moderna no Brasil*. Ano de produção: 1985. Produção: Instituto dos Arquitetos do Brasil. Exibido em 05/12/2015 no Canal Curta.

sempre pertenciam à nossa realidade. O Brasil passava por um processo de industrialização e urbanização acelerados, os problemas das desigualdades sociais eram grandes, o cenário político era de instabilidades.

Nesse sentido, tudo o que representava a vanguarda, significava também a construção de objetos para a venda e o consumo. Assim, as cidades brasileiras cresceram, perpetuando nossos problemas e as desigualdades sociais. Segundo Bastos e Zein (2011), no Brasil abre-se espaço para a crítica junto às conexões com as experiências Latino-americanas. Além disso, as produções passaram a ter, no planejamento urbano, grande representatividade nas discussões como um campo multidisciplinar que colocou o arquiteto no centro das discussões desse complexo produzido nos anos 1980.

III.1 | **Continuidades e Rupturas: rumos das Cidades e da Arquitetura no Brasil – 1960 | 1980**

A cidade se embebe, como uma esponja, dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 2003, p. 15-16).

É consenso entre os estudiosos da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil que, a partir de 1933, os campos da Arquitetura e do Urbanismo começaram a se fortalecer enquanto disciplinas autônomas por meio da disseminação do ensino e do fortalecimento dos cursos nas Escolas de Belas Artes existentes em diversos estados do Brasil. A partir de 1945, foram implantados cursos de Arquitetura no Rio de Janeiro (1945), em Minas Gerais (1946) e em São Paulo, a Mackenzie (1947) em 1948, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que incluiu disciplinas de Urbanismo ainda durante a Graduação⁴¹.

Os cursos de Arquitetura foram reformulados no decorrer da década de 1950 e deixaram de ser uma especialização dentro do curso de Engenharia ou de Belas Artes, a exemplo do curso de Arquitetura no estado do Rio Grande do Sul, em 1951, da criação do curso na Bahia e da Faculdade de Arquitetura do Recife, em 1959, que se integrou ao de Belas Artes já existente em Pernambuco desde 1945. Entre 1961 e 1965, foram criadas escolas de Arquitetura em Brasília, Curitiba e Fortaleza.

Esses cursos disseminaram o ensino e possibilitaram o intercâmbio de ideias e deslocamento de arquitetos e professores entre as diversas faculdades do País. Nesse período, observa-se o fortalecimento da profissão com a proeminência de

⁴¹ Após 1945, o Brasil passou por momentos de otimismo nacional-desenvolvimentistas, e os arquitetos trabalharam mediante as possibilidades de transformação do País em direção ao progresso, que traria, também, mudanças sociais. As pesquisas teóricas e conceituais do período apontam para o ensaio de modelos em direção a uma sociedade democrática (SEGAWA, 2014).

alguns arquitetos, nem sempre professores, mas que participaram da difusão do ideário modernista no Brasil. Nessa perspectiva, a construção de Brasília nos anos 1950 representou um marco para a expansão das ideias modernistas, segundo apontam vários pesquisadores da área.

Brasília se tornou, assim, um modelo paradigmático e ideal que representava as ideias do período. A cidade deveria ser concebida como espaço democrático, de convivência social e de encontros, com redução de espaços privados. Tal ideário passou a ser divulgado por revistas especializadas na área, que já circulavam no Brasil desde as décadas de 1940 e 1950. Foi um período rico em debates, seminários e na circulação de ideias.

As publicações contribuíam para a divulgação e valorização da produção brasileira e dos arquitetos. As revistas divulgavam a moderna arquitetura brasileira no plano nacional, legitimando e tornando públicas à sociedade, inovações técnicas, projetuais e formais. Uma vez com aceitação social, criaram-se modismos entre engenheiros e mestres construtores populares, ainda que não se compreendessem os princípios e as bases conceituais sobre os quais o pensamento nesse campo se fundamenta.

As concepções arquitetônicas e urbanas modernistas se interligam ao discurso em torno de um ideal que era o da Arquitetura — contribuir para mudar o cenário de desigualdades e miséria da população brasileira. Arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemayer e Villanova Artigas enfatizaram em depoimentos a necessidade da mudança social e da participação do arquiteto na construção de uma sociedade mais justa, assim como da função social da Arquitetura e do Urbanismo enquanto construções capazes de mudar e melhorar a vida das pessoas.

Tais percepções ideológicas e resultados urbano-arquitetônicos idealizados pelo Movimento Moderno muito influenciaram na formação de gerações de arquitetos brasileiros. Para além das soluções formais, estéticas, da utilização de novas tecnologias e da produção industrial, existiam premissas ideológicas que

nortearam durante algum tempo as produções das décadas de 1950 e 1960⁴², que consolidaram a Arquitetura do Brasil no cenário Internacional (SEGAWA, 2014).

Esse rico período foi interrompido em 1965⁴³, após o golpe de 1964. Várias revistas especializadas deixaram de ser publicadas. A formação de gerações de novos arquitetos, os movimentos em direção ao fazer e ao pensar no campo urbano-arquitetônico permaneceram fragmentados até o final dos anos 1970⁴⁴. No período da Ditadura Militar, excluiu-se a possibilidade de debater, discutir e de propor soluções para os problemas das cidades brasileiras e ao discurso da produção da Arquitetura (SEGAWA, 2014).

Até o final da década de 1970, assistiu-se à estagnação dos debates. Nesse sentido, podemos observar uma fratura no plano das discussões teóricas e uma lacuna de estudos e circulação do conhecimento, pois se fecharam os canais que propiciavam os debates, até então enriquecedores, para as discussões sobre urbanização, industrialização, novos materiais, programas e projetos. Logicamente, essa recessão se aprofundou ainda mais durante o período mais rígido da Ditadura Militar.

Contudo, as experiências e a atuação dos arquitetos, ora individualmente, ora em conjunto, contribuíram para a formação de escolas importantes, formadas com bases teórico-conceituais modernistas. Esses experimentos possibilitam a construção de particularidades em diferentes regiões brasileiras, destacando-se a escola paulista, a carioca, a produção no norte do País, a gaúcha e a pernambucana⁴⁵, cujos estudos e deslocamentos para as diversas regiões brasileiras fortaleceram ideias que se adequaram às diferentes realidades brasileiras.

⁴² Estudos sobre o debate da produção urbana e arquitetônica das décadas de 1970 e 1980 foram elaborados por Raja (2004), Bastos e Zein (2011) e Segawa (2014) tomando-se por marco balizador a criação de Brasília.

⁴³ Dentre as revistas que pararam de circular a partir de 1965 Segawa (2014) destaca a *Revista Arquitetura e Engenharia* (1946–1965), a *Revista Habitat* (1950–1965), a *Revista Módulo* (1955–1965), a *Revista Acrópole* (1941–1971), a *Revista Brasília* (1957–1961) e a *Revista Arquitetura* (1961–1969).

⁴⁴ Documentário *Arquitetura Moderna no Brasil*. Ano de produção: 1985. Produção: Instituto dos Arquitetos do Brasil. Exibido em 05/12/2015 no Canal Curta.

⁴⁵ Os arquitetos Luiz Amorim, Fernando Diniz e Guillah têm uma produção significativa acerca da produção pernambucana no século XX, com destaque para obras de alguns arquitetos. Muitos dos exemplares estudados são edificações unifamiliares e estão sendo destruídas para a construção de edifícios ou torres com diversos pavimentos.

A diluição desses exemplos veio após 1965. De acordo com Segawa (2014), o arquiteto Sérgio Ferro, intelectual engajado com o pensamento de esquerda e militante dissidente do Partido Comunista Brasileiro, em 1968 se posicionou contra os caminhos adotados por muitos arquitetos de sua geração. Nesse ano, a difícil crise política se agravou mediante dificuldades econômicas e o endurecimento do governo militar. Sua crítica recaiu sobre a produção das novas gerações de arquitetos.

[...] O futuro parecia conter promessas próximas que requeriam novos instrumentos. As propostas, supostamente passíveis de aproveitamento quase imediato, procuram colocar-se às disponibilidades concretas do nosso meio e às carências do nosso subdesenvolvimento. É o que distingue os trabalhos de Niemeyer e Artigas: avançaram uma arquitetura sóbria e direta, armada com todos os recursos adequados à situação brasileira. Equiparam-se com a clareza, a abertura e a coragem construtiva próprias para as transformações vagamente anunciadas. Brasília marcou o apogeu e a interrupção destas esperanças: logo freamos nossos tímidos e ilusórios avanços sociais e atendemos ao toque militar de recolher (FERRO, 1968 apud SEGAWA, 2014).

Entre 1969 e 1979, Ferro⁴⁶, exilado na França, produziu textos críticos que circularam de modo clandestino no Brasil. Suas posturas são compreendidas face ao contexto da época que, em seu discurso faz críticas ao modo de vida burguês, é contrário às formas de exploração dos operários pelo modelo capitalista, denuncia as deformações da modernidade, a repressão e a produção da época.

As ideias de Ferro difundiram-se no Brasil, e passaram a ser referência para uma oposição ao sistema por meio da recusa de fazer projetos. Ferro apontou um desvirtuamento no uso da técnica, do fazer arquitetônico e do planejamento, que se utilizava da ideia de mudança, do comércio e da propaganda de produtos diversificados e, muitas vezes, desnecessários, como novidades para estimular o consumo, uma arquitetura que passava a servir como agenciadora de produtos para a venda⁴⁷.

⁴⁶ Segundo Segawa (2014), é importante observar que, após passado o período da ditadura no Brasil Sérgio Ferro esclareceu que, como outros intelectuais deste período, algumas posturas e textos de leitura e compreensão difíceis, foram escritos com uso de figuras de linguagem por medo de perseguições.

⁴⁷ A crise e o silenciamento dos arquitetos do período do golpe militar de certo modo prejudicaram a produção dos arquitetos, mesmo assim muitos seguiram caminhos individuais com exemplos de

É consenso entre os autores afirmar que a industrialização e a crescente, rápida e desordenada urbanização das cidades brasileiras, despreparadas para receber e administrar as transformações e o contingente populacional que se amontoava nos centros urbanos, acarretaram o crescimento e a criação de novas favelas assim como inúmeros problemas para nossas cidades. O modelo de desenvolvimento adotado no período priorizou dar condições às cidades para crescer. Segawa (2014) destaca a produção no interior do Brasil, no Amazonas e em Mato Grosso.

A partir de 1964 e durante a década de 1970, diversas cidades brasileiras passaram por transformações derivadas de operações urbanas que foram projetadas para receber os automóveis, as empresas multinacionais, bancos e sedes de instituições governamentais. A estética modernista foi utilizada para a construção de edifícios públicos, como escolas, hospitais, delegacias, auditórios, *campi* universitários, agências bancárias, terminais rodoviários, igrejas, edificações residenciais, galpões industriais, viadutos, entre outros programas.

Segawa (2014) aponta que o emprego das concepções formais e soluções técnicas decorrentes dos diversos programas levaram à banalização do modelo, outrora imbuído de conteúdo teórico e ideológico, de coesão, reflexão e coerências projetuais. A fratura e as proibições no decorrer do golpe militar prejudicaram a continuidade dos trabalhos em função da escassez de pesquisas, de congressos, debates, de revistas especializadas na área e de trocas de experiências e interações com os debates teóricos que aconteciam em diversos países do mundo naquele período.

Por outro lado, algumas questões importantes puderam ser elaboradas de 1965 em diante, como a edificação de conjuntos habitacionais para as classes pobres, necessários em face do crescimento das cidades durante o período. Destacam-se, também, as discussões em torno das renovações urbanas, que, como em muitos países europeus, aconteceram em prol da valorização da história de

construção das cidades e dos tecidos históricos construídos ao longo do tempo, pensados como guardiões da memória da sociedade brasileira (RAJA, 2004).

As transformações decorrentes da industrialização são bem identificadas pelo percentual de habitantes que passaram a viver nas metrópoles brasileiras. Em 1950, com uma população de aproximadamente 52 milhões de pessoas, 63,9% residia no campo. Mas em 1970, com 93 milhões de habitantes, esse contingente se inverteu: o percentual caiu para 44%. Ou seja, 56% dos brasileiros passaram a viver nas cidades. Essa mudança causou forte pressão demográfica, sobretudo nas capitais. Até 1970, de acordo com Segawa (2014), grandes obras foram realizadas para as indústrias de automóvel, química, têxtil e alimentícias.

Muitos dos projetos para a construção das indústrias vieram prontos e foram adaptados ao local no qual iriam se instalar. Alguns deles não previam ampliações, não obedeciam à legislação local e foram implantados desconectados do plano diretor dos complexos industriais. Ainda com dificuldades, na década de 1970 os arquitetos brasileiros puderam ter maior participação no desenvolvimento dos projetos, o que resultou na construção de um acervo de edificações significativas para a História da Arquitetura no Brasil.

Nesse veio de grandes obras edificadas no Brasil⁴⁸ durante a Ditadura Militar, destacam-se, também, hidrelétricas, aeroportos, estações rodoviárias, terminais metroviários, centrais de abastecimento, escolas, universidades e centros político-administrativos. As transformações urbanas tentaram adequar as cidades brasileiras a realidades novas, ainda que sem planejamento adequado, sem infraestrutura para suportar o crescimento rápido e os adensamentos populacionais.

Nesse período, diversos planos pretendiam minimizar os problemas das classes pobres com relação à moradia popular. Segawa (2014) pontua que a partir da década de 1970 os problemas nas cidades brasileiras se agravaram, muitos deles decorrentes do adensamento humano nas cidades sem idealização adequada,

⁴⁸ Nas construções do poder público do período, observa-se o predomínio da utilização de armações em concreto armado ou protendido, aparente, com exploração das possibilidades desse material e acabamentos em tijolo aparente. Segundo Segawa (2014), seguiu pressupostos da Arquitetura Brutalista, traduzida em formas puras, retas, planas, pesadas, síntese do contexto da época.

cuja estrutura e configuração espacial não foram produzidas para atender às demandas da modernidade que se esboçaram nas cidades.

Imagem 40 | Programas de Cooperativas Habitacionais do BNH



**inocoop
guararapes**

PROGRAMA DE COOPERATIVAS HABITACIONAIS DO BNH.

Para o mutuário, o Inocoop Guararapes, oferece uma série de opções para a aquisição da moradia própria, já a partir da próxima segunda-feira, em seus diversos empreendimentos habitacionais. Antes da relação das unidades residenciais que iremos divulgar, esclarecamos que no Inocoop, na Praça do Derby, 191 uma equipe de funcionários da instituição, estará à disposição do público para qualquer tipo de informação.

Entendemos que no começo de um ano novo, um apartamento próprio a preço de custo dentro das normas do BNH, é realmente uma solução das mais importantes, se considerarmos que os aluguéis estão cada vez mais altos e quase acima dos orçamentos familiares. Portanto, a compra de um desses apartamentos, é evidentemente lógica para o público, já que os contratos de financiamento são distribuídos em vários sistemas, sempre ao alcance dos interessados, nos agentes financeiros.

ENTREGA IMEDIATA

Mostramos agora um quadro de disponibilidades habitacionais, cujas unidades fazem parte de diversos conjuntos localizados nos bairros principais e região metropolitana.

Na Avenida Recife, por exemplo, o usuário poderá adquirir um apartamento no Conjunto "Ignez Andrezza", da Cooperativa Santa Luzia. A prestação do Tipo A é de Cr\$ 73.070,00 (três quartos e demais dependências) com a Renda Familiar exigida de Cr\$ 181.801,72. Os do Tipo B têm dois quartos com prestação de Cr\$ 61.503,38. Neste caso, a Renda Familiar é na base de Cr\$ 158.135,78.

A Cooperativa Habitacional do Fote — Seção III — em Edsonia, dispõe de três tipos: A, B e C. A prestação do Tipo A é de Cr\$ 85.921,11 e a Renda Mensal indicada é de Cr\$ 217.389,71. Tipo B, Cr\$ 74.931,81 com Renda Mensal de Cr\$ 194.905,14 e finalmente os do Tipo C, com prestações de Cr\$... 62.841,84 e Renda Mensal de Cr\$... 170.028,87.

Coop. Hab. Coxangá — Seção II. Local: Barra de Jangoca. Tipo A: Prestação de Cr\$ 85.126,12 — Renda Mensal: 243.399,03. Tipo B: Mensalidade de Cr\$ 68.111,02 e Renda Mensal: Cr\$ 182.463,21 e finalmente as residências de Tipo C, com Renda Familiar de Cr\$ 168.222,57 e prestações de Cr\$ 54.228,06. — E agora, o quadro mostrando os apartamentos em fase de construção.

	TIPO	RENDA FAMILIAR	PRESTAÇÃO
BARRA I (JANGOCA)	A	Cr\$ 201.102,13	Cr\$ 127.121,94
	B	Cr\$ 223.245,18	Cr\$ 88.128,88
	C	Cr\$ 207.192,97	Cr\$ 61.503,77
	D	Cr\$ 174.297,75	Cr\$ 65.294,75
SANTA LUZIA I (EDSONIA)	A	Cr\$ 208.289,82	Cr\$ 104.287,82
	B	Cr\$ 228.222,42	Cr\$ 88.222,42
SANTA LUZIA II (EDSONIA)	A	Cr\$ 208.289,82	Cr\$ 104.287,82
	B	Cr\$ 228.222,42	Cr\$ 88.222,42
SANTA LUZIA III (EDSONIA)	A	Cr\$ 208.289,82	Cr\$ 104.287,82
	B	Cr\$ 228.222,42	Cr\$ 88.222,42

No Recife, os habitacionais foram edificados em diversas áreas do Recife com opções Tipo 'A', 'B' e 'C' de acordo com a renda dos futuros compradores. Fonte: Jornal do Commercio, 1985.

Imagem 41 | "Realeza", nova favela às margens do Capibaribe



Reportagem anuncia o surgimento da Favela Realeza no Recife. Fonte: Diário de Pernambuco, 1985.

Imagem 42 | "Dancing Days" recebe ajuda da Prefeitura

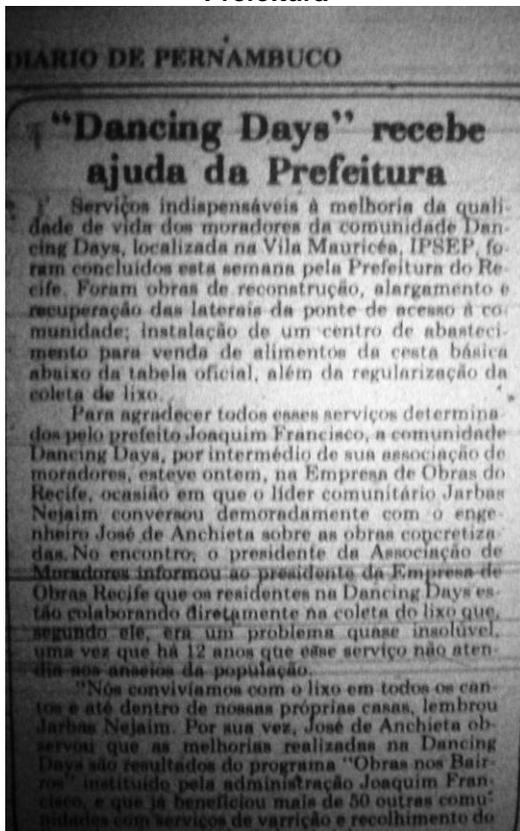
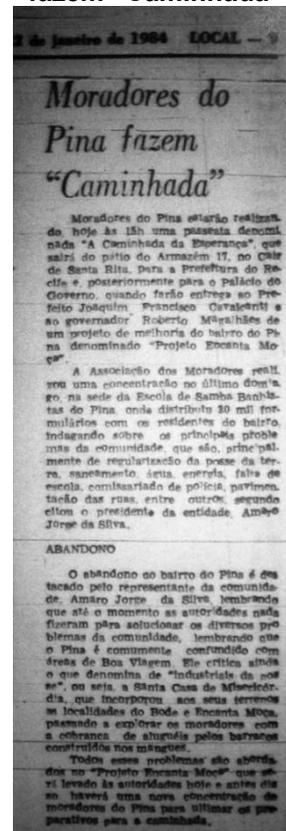


Imagem 43 | Moradores do Pina fazem "Caminhada"



A Favela “Dancing Days”, no IPSEP, teve ocupação nos anos 70 e se consolidou na década de 1980. O prefeito Joaquim Francisco, eleito de forma indireta, recebeu agradecimentos da comunidade por ter feito melhorias no local, dentre elas a coleta de lixo. Em 12 anos era a primeira vez que isto ocorria. O nome faz referência à novela *Dancing Days* da Rede Globo de Televisão. A comunidade de Brasília Teimosa mobilizou-se para solicitar do Governadores Roberto Magalhães e do Prefeito Joaquim Francisco melhorias para o local, como pavimentação de ruas, drenagem, esgoto, luz, policiamento, dentre outros serviços. (Diário de Pernambuco, 1983 e 1984).

Além disso, o crescimento das cidades e o acúmulo de pessoas nos centros acarretou déficit habitacional. Para absorver a mão de obra não qualificada e minimizar os altos índices de desemprego nas cidades, grandes conjuntos para habitação popular foram construídos pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), criado em 1965. Porém, esse programa produziu edificações de qualidade construtiva muito baixa e não contribuiu para solucionar os problemas habitacionais urbanos nem para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Imagem 44| Casas em palafitas na localidade dos Coelhos - Recife

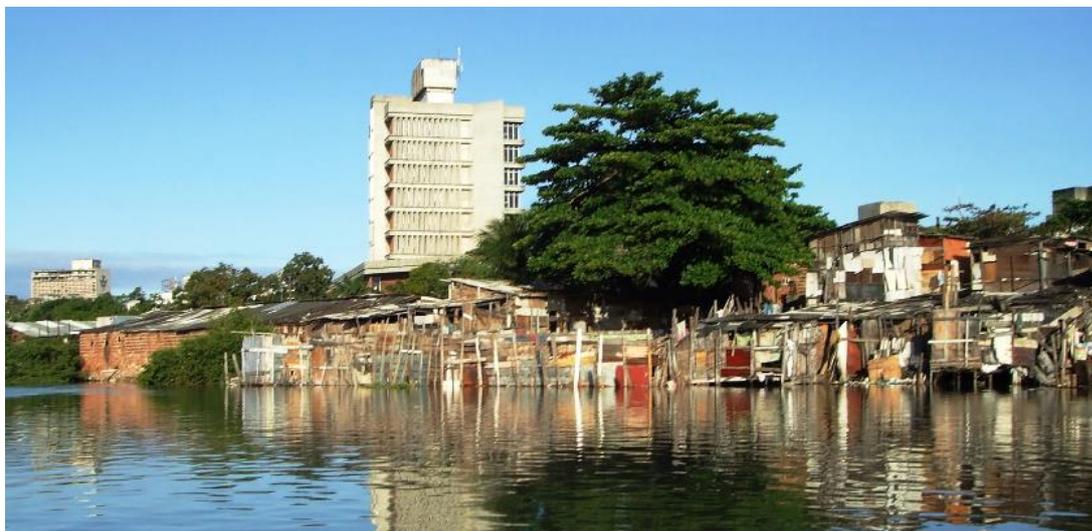


Imagem das construções em palafitas que servem de moradia. Ano: 2007. Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Coelhos,+Recife+-+PE/@-8.067769>. Acesso em 1/07/2015 às 01:45h.

Imagem 45 | Palafitas no Cabanga - Recife

Imagem das palafitas que servem de moradia na localidade do Cabanga. Ano: 2015. Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-8.0835904>. Acesso em 17/06/2016.

Muitos conjuntos habitacionais⁴⁹ foram edificados nas periferias das cidades, sem infraestrutura apropriada e com custo baixo. Os conglomerados se deterioraram ao longo do tempo e instituíram a exclusão de segmentos populares isolados dos contextos urbanos. Em função disso, nos centros urbanos agravaram-se os problemas de moradia para as camadas pobres, cresceram favelas, áreas desocupadas ou abandonadas foram invadidas e loteamentos clandestinos foram criados sem atender às condições mínimas de higiene, conforto e qualidade.

No Recife, à beira dos rios se amontoavam e cresciam comunidades em assentamentos irregulares a construir casebres feitos com as sobras de materiais que eram jogados nos lixos urbanos. A vida das pessoas nesses locais impróprios à moradia era insalubre, sem condições mínimas de conforto, higiene e dimensionamento. Comunidades estavam sujeitas às mudanças de tempo, chuvas, doenças e inundações. Na atualidade é possível observar que estas formas de morar reproduzem-se.

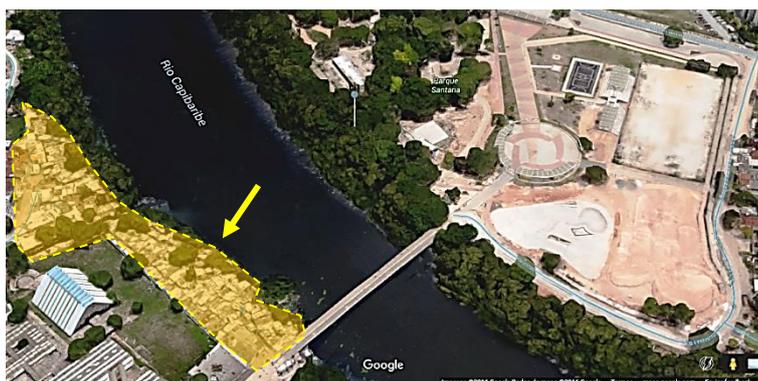
Ao final da década de 1970, o Brasil se readequava ao processo de mudanças com a abertura política. No campo da Arquitetura, a linguagem moderna

⁴⁹ De acordo com Segawa (op. cit.), alguns autores associam a construção dos conjuntos habitacionais a leituras equivocadas das “superquadras” e das “unidades habitacionais” formuladas pelo Movimento Moderno para enfrentar os problemas de acomodação de contingentes humanos adensados nas cidades.

consolidada no mundo e no Brasil começou a ser questionada. Na virada dos anos 1970 para os anos 1980 ocorreu uma desaceleração das iniciativas governamentais na construção civil, simultaneamente ao processo de redemocratização. Por outro lado, cresceram as iniciativas do setor privado no Brasil.

A crise mundial, a recessão econômica e o esgotamento da política econômica centralizadora do autoritário governo militar se refletiram na construção civil. Adventos que contribuíram para esfriar o debate no campo das produções urbano-arquitetônicas. O Estado reduziu investimentos em obras públicas, freando o período de intensa urbanização que marcou as décadas de 1960 e 1970. Muitos viadutos do Recife passaram a ser moradia de sem-tetos.

Imagem 46 | Comunidade de Santa Luzia à beira do Rio Capibaribe – 2016



Notar os aglomerados de barracos em que famílias moram. Na outra crescem os empreendimentos imobiliários de luxo. <https://www.google.com.br/maps/@-8.05654,-34.8704551,237m/data=!3m1!1e3>.

Imagem 47 | Comunidade do Pilar no Bairro do Recife – 2016



Imagem 48 | Comunidade do Pilar no Bairro do Recife – 2016



A comunidade do Pilar no Bairro do Recife contempla os piores índices de IDH do Recife. Encontra-se localizada em uma das áreas que tem recebido incentivos governamentais, empresariais, de informática, dentre outros, e desponta como um dos polos para o turismo da cidade. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-8.05654,-34.8704551,237m/data=!3m1!1e3>. Acesso em 19/07/2016.

Todos esses acontecimentos contribuíram para que outros questionamentos fossem lançados às novas gerações de arquitetos e urbanistas. Ao se iniciar a década de 1980, contudo, despontaram novos cenários, entre os quais problemáticas colocadas ao Urbanismo. Denotava-se o acirramento de críticas aos fracassos das premissas modernistas, com problemas objetivos enunciados por questões e elementos pertinentes ao novo panorama político, social e econômico no mundo e no Brasil.

No campo da Arquitetura, os olhares se voltaram para o debate sobre os caminhos a se considerar mediante as mudanças da sociedade e das cidades, pois a discussão acerca das condições pós-modernas chegara aos países “subdesenvolvidos”, ou “em desenvolvimento”, conforme terminologias correlatas ao período. Contudo, na esteira desses acontecimentos os arquitetos brasileiros estavam envolvidos com discussões relacionadas às peculiaridades do fazer e pensar da produção urbano-arquitetônica no Brasil.

Nessa perspectiva, Bastos e Zein (2011) se referem a um período do “vale tudo” (op. cit., p. 195). Uma segunda via propõe embasar pesquisas e respostas formais tendo como referência modelos do passado, valores que ainda pudessem representar a identidade brasileira, revisitando, inclusive, modelos da tradição vernacular. De todo esse período resultaram tendências diversificadas, pertinentes à crise da modernidade e na qual se colocam questões e condições pós-modernas,

quais sejam: negação dos princípios modernos, necessidade de inserção de novas referências, incertezas e aceitação da pluralidade.

A crítica foi realizada principalmente considerando-se os aspectos de rupturas e continuidades, os quais não se excluem mutuamente. Avaliaram-se, desse modo, as produções e contribuições relevantes para a Arquitetura e, em paralelo, as questões do Urbanismo que, necessariamente, tiveram que ser pensadas e reavaliadas à luz dos novos cenários postos em debate (BASTOS e ZEIN, 2011).

Nesse contexto, para o campo da Arquitetura e do Urbanismo a complexidade revelou que a interdisciplinaridade é imprescindível. Dela se filtram os conhecimentos técnicos e a criatividade, vinculando-os a repertórios tipológicos e estéticos. Além disso, havia uma nova geração, que questionava e tinha outras expectativas. Materiais novos lançados no mercado que, junto aos avanços tecnológicos, passaram a fazer parte das ferramentas para desenhar e projetar, como o AutoCAD⁵⁰, cuja primeira versão foi lançada em 1982, e no Brasil, no final dos anos 80.

No caso do Brasil e de alguns países latino-americanos, as especificidades locais com realidades complexas se diferenciavam dos países europeus e da norte-americana. Nos países da América Latina, algumas situações alinhavam os contextos desses países: quase todos ligados a governos ou ditaduras fortes e nacionalismos exacerbados, cuja ênfase foi dada ao modelo desenvolvimentista. No campo da Arquitetura e do Urbanismo, resultaram dessas gestões muitos investimentos em obras de grande porte (BASTOS e ZEIN, 2011).

O fim da Ditadura Militar no Brasil possibilitou a reintrodução da produção e publicação de revistas especializadas na área, como a *Módulo*, *Pampulha*, *Projeto*, *AU* (Arquitetura e Urbanismo) e *Construção*. Para além de publicar e divulgar projetos realizados no Brasil, esses periódicos fomentaram debates no campo teórico-conceitual das obras, apresentando materiais novos e possibilitando estudos e crítica.

⁵⁰ O AutoCAD, ou CAD, projeto e desenho auxiliados por computador, é um programa, ou *software*, criado e comercializado pela Autodesk Inc para utilização nos campos da Engenharia e da Arquitetura na elaboração de projetos. Desde 1982, a cada ano novas versões são lançadas no mercado mundial com atualizações. (Disponível em <http://www.autodesk.com.br/products/autocad-architecture/overview> e <http://www.jrrio.com.br/software/autocad.html>.) Acesso em 27/03/2016, às 16:55h.

Nessa década, outro papel relevante foi a publicação de livros de autores brasileiros e estrangeiros que, de certa maneira, possibilitaram o intercâmbio de ideias. Nesse contexto, o Brasil pode aprofundar os debates sobre a produção da Arquitetura Pós-Moderna projetada no exterior. Assim, observou-se a variedade conceitual e estética das criações brasileiras. Segundo Bastos e Zein (2011), essa diversidade possibilitou a correspondência e a visibilidade da produção entre regiões brasileiras, debates enriquecedores para o conhecimento e troca de experiências.

A partir dos anos 1980, também no Brasil abriu-se espaço para o discurso crítico e teórico acerca de elementos que deveriam estar presentes na construção da Arquitetura e das cidades brasileiras. Entende-se a partir de então o sentido de continuidade com relação às experiências do Movimento Moderno, a separação do discurso político-ideológico da Arquitetura, que afastou a utopia do fazer e da experiência prática da construção da cidade interligando-se às comunidades e formas de expressão e criação populares.

Entre as diversas reflexões podem ser destacadas a revalorização dos ambientes urbanos tradicionais e as novas experiências, reconhecendo e considerando as diversidades territoriais e suas peculiaridades, sem perder o diálogo com as experiências internacionais e com os avanços e as contribuições permitidas por novos materiais e técnicas construtivas. Era importante reconhecer os erros do passado, em especial os mitos criados pela Arquitetura Moderna e por discursos que, muitas vezes, relegaram as construções do passado.

Do ponto de vista teórico e da forma produzida para a arquitetura e as cidades, os valores da memória dos lugares foram reavaliados. Os valores ecléticos e da Arquitetura Protomodernista, junto à revisão de textos que fundamentaram os atributos das arquiteturas de vanguarda das primeiras décadas do século XX, incluindo-se as produções internacionais do mesmo período. Os temas relativos à cidade e à cultura se tornaram maiores referências que o tema natureza e máquina, preconizados pelo Modernismo.

Na década de 1980, a cidade passou a ser estudada como lugar de acúmulo de experiências que valorizam e enriquecem os ambientes urbanos. Dentro de modelos da globalização, o turismo cultural se tornou a solução para a

sustentabilidade desses lugares. E o Brasil, particularmente Pernambuco, na década de 1980 reivindicou melhorias gerais para fortalecer algumas cidades do estado. No entanto, as práticas no Brasil se voltaram quase sempre para o turismo especulativo, exploratório e degradador.

Nos diálogos com a produção no plano internacional, a aproximação com as produções latino-americanas foi valorizada, alinhando a ideia de desenvolvimento das técnicas construtivas desde que adequadas às realidades locais. Os materiais tradicionais, e não apenas o concreto e o vidro, deram tom e cor a muitas experiências, muitas vezes evitando-se o uso do concreto, até porque, em virtude das diferenças climáticas inter-regionais, esse material muitas vezes não era o mais adequado.

Nesse contexto, é possível compreender que a produção em um ambiente de crescimento acelerado com migrações e deslocamento de profissionais que contribuíram para a afirmação da diversidade da produção brasileira no campo da Arquitetura e do Urbanismo sedimentaram as bases para a produção na década de 1980. A coerência construtiva, a adequação ao clima e a preocupação com os custos das obras podem ser destacadas como pertinentes ao período de crise política, econômica e social (RAJA, 2004).

Em meio a esses repertórios e caminhos, a verticalização das cidades aparece entre um dos problemas mais relevantes junto à construção de moradias populares. A verticalização em massa trouxe um resultado visual caótico ao cenário urbano brasileiro. A instituição de taxas de ocupação e de coeficientes de utilização empreendeu parâmetros urbanísticos que logo tenderam a se transformar em modelos com prejuízo ao partido arquitetônico (BASTOS e ZEIN, 2011).

A iniciativa privada posteriormente assumiu o papel de fomentadora do crescimento alinhada ao pensamento do modelo neoliberal. No início dos anos 1980, após a redemocratização, o ideário neoliberal ficou fortalecido no Brasil. Até então, a pressa para atingir o crescimento, para a produção em quantidade de certa maneira blindaram debates relativos à crise mediante o avanço do neoliberalismo.

Imagem 49 | Shopping Center Recife em 1987/88



O 1º *Shopping Center* do Recife foi construído na década de 80 no bairro de Boa Viagem em meio ao mangue e ao lado de assentamento de comunidades carentes. Foto – Alcir Lacerda. Disponível em <http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2014/03/12/fotografias-historicas-de-alcir-lacerda-shopping-recife/>. Acesso em 15/07/2016, às 03:23h.

Imagem 50 | Shopping Center Recife – Ano: 2013



O Shopping Centre Recife em 2013 conta com diversas etapas e se transformou em um dos maiores centros de compras, serviços e lazer privado do Brasil. Compararem-se as duas imagens para observar que a comunidade pobre ficou cercada por edifícios habitacionais e empresariais verticalizados. Houve adensamento e verticalização no entorno. Foto – Wilton Marcelino. Disponível em <http://hoteisabeiramar.com.br/shopping-recife-o-lugar-ideal-para-compras-nas-ferias-em-recife/>. Acesso em 15/07/2016, às 03:23h.

De modo contraditório, os conjuntos habitacionais foram criticados, mas a especulação imobiliária reinvestiu nessa ideia e começou a criar edificações condominiais para as classes média e alta. As transformações dos centros instituídas pela verticalização tinham por base a taxa de ocupação e os coeficientes de aproveitamento do terreno e fragmentaram as cidades e seus centros tradicionais. Os edifícios passaram a “gritar lado a lado em discursos individuais” (BASTOS e ZEIN, 2011, p. 218) e perderam as conexões com o entorno urbano.

No que concerne aos campos formais e estéticos específicos da Arquitetura, o debate acerca da Arquitetura Pós-Moderna aconteceu nos primeiros anos da década de 1980, com posições antagônicas e pouca aceitação por grande parte dos arquitetos brasileiros. Para o arquiteto Éolo Maia, a linguagem pós-moderna nasceu a partir da exaustão do repertório formal da Arquitetura Moderna. Assim, tentou-se retirar das diferentes formas de expressão o que era útil para cada região ou história do lugar. Segundo Maia:

Agora todo mundo pensa que Arquitetura Pós-Moderna é botar coluna grega, pórticos... não é só isso, pode até ser... mas não é só isso, é uma coisa mais ampla, ninguém sabe direito o que é, essa discussão é até mundial. ...antes o pessoal não discutia Arquitetura, era só seguir o modelo; então está se tornando perigoso porque vai ter muito arquiteto novo que vai pegar essas leituras mais fáceis, e sem maior discussão, e vai começar a fazer... pós-modernoso (MAIA, apud BASTOS e ZEIN, 2011).

Notadamente, o clima da época permite a observação de crise, de mal-estar em que os grupos não encontram conexões e não se aceitam. A linguagem moderna conseguiu estabelecer certa unanimidade, dentro das especificidades. O pós-moderno trouxe contradição, desconforto e mesmo incertezas. Não descarta a possibilidade de utilizar princípios modernistas, mas também de incorporar repertórios do passado. Foi a linguagem que a especulação imobiliária adotou para a construção de vários edifícios no Brasil (BASTOS e ZEIN, 2011).

Desse período, algumas sínteses podem ser anunciadas. A crise sinalizou a necessidade de reflexões e mudanças. A visão de que o moderno, quando se institucionalizou, entrou em crise pode ser avaliada. A década de 1980 pode ser assimilada como um período de reflexões mediante as novas realidades que se

apresentaram tanto no panorama global quanto local. Mas também de transformações sociais importantes decorrentes da globalização.

Inserido em uma lógica de movimento, de informações e de trocas entre culturas, de mudanças contínuas, criam-se instabilidades e a crise da identidade (HALL 2011). Até então, os estudos se dedicaram a falar e observar sociedades bem localizadas no tempo e no espaço para as quais o lugar tem sentido para quem o habita e o vivencia e sobre o mesmo é possível ter-se um domínio geral e compreensão nos quais os laços são identitários, relacionais e históricos. A Pós-Modernidade rompeu esses elos, criou instabilidades, certos desequilíbrios e a necessidade de dar sentido a tudo de novo.

A alteração do ritmo das vidas das pessoas os constantes deslocamentos necessários às diversas formas de interação promovidas pela mundialização do capital e pelas novas formas de se relacionar entre territórios diferentes tanto reais quanto virtuais facilitados por uma série de dispositivos dentre os quais os avanços dos meios de transportes e de deslocamento levou à necessidade de criação de espaços propícios aos novos modos de viver.

Ao estudar a noção de lugar e transformações na vida das pessoas, Augé (2010) coloca a noção de “não lugar” que seria, segundo ele, o oposto ao lugar. Ou seja, espaços propícios aos deslocamentos próprios ao modo de vida em movimento transitório, instável. Um espaço que nunca se completa totalmente: “palimpsestos em que se reinscreve sem cessar o jogo embaralhado da identidade e da relação” (op. cit., p. 74). Ou seja, “a supermodernidade é produtora de *não lugares*” (op. cit., p. 73).

Nesse sentido, no Brasil as transformações, as remodelações da cidade, as renovações e as operações urbanas foram realizadas a fim de inserir o País no meio dos movimentos mundiais. As empresas multinacionais e mesmo as transnacionais passaram a integrar essa rede que se estabeleceu no Brasil. Junto com elas, as transformações o aparelhamento da cidade para os aeroportos, estações rodoviárias e ferroviárias, hotéis, *shoppings* e grandes parques de lazer a criar a complexa rede que interligou a todos e também aumentou o número de favelas.

No Recife, nas áreas de exclusão e de pobreza cresceram favelas e assentamentos irregulares em meio aos bairros atendidos por serviços como infraestrutura, abastecimento de água, esgotamento, energia, os denominados *bairros nobres* do Recife. Desse modo, a violência e os medos urbanos dela decorrentes atingem todas as camadas da população, transformando não apenas as ações sociais, mas também transformaram os espaços. Essa realidade teve rebatimentos diretos sobre a vida e o cotidiano da população.

As transformações da cidade prepararam o Recife para crescer, colocaram a cidade em conexão com o mundo e a globalização, com mudanças que passaram a fazer parte das preocupações sociais de defesa aos medos diversos, inserindo elementos de controle, adotando equipamentos e dispositivos para vigilância, segurança e proteção cada vez mais sofisticados. Essas condições alteraram os modos de habitar, pela destruição de quarteirões de casas unifamiliares para a verticalização e adensamento de muitos bairros seguindo os movimentos do mercado imobiliário do Recife.

III.2 | Recife

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 2003, p. 20).

O Recife, capital do estado de Pernambuco e centro da Região Metropolitana, formada por 13 municípios⁵¹, concentra 41,67% da população ocupada em atividades econômicas. Segundo dados do IBGE, em 2010 tinha uma população de aproximadamente 1.537.700 milhões de habitantes. É um centro atrativo e polo de atividades diversificadas para comércio e serviços. Ocupa posição de evidência no contexto da Região Nordeste do Brasil, e seu nome está intrinsecamente ligado aos arrecifes, que possibilitaram a construção do porto e a formação do núcleo urbano no século XVI.

Como bem demonstrou José Antônio Gonçalves de Mello, *arrecife* é a forma antiga do vocábulo *recife*, ambos originários do árabe *ar-raçif*, que significa *calçada, caminho pavimentado, linha de escolhos, dique, paredão, cais, molhe* (SILVA, 2000, p. 20).

Ao longo dos últimos 10 anos, a cidade consolidou esse caráter de proeminência, destacando-se nos setores ligados a atividades portuárias, saúde e médico-hospitalares, educacionais e tecnológicas⁵², com relevância para grandes empreendimentos, como o Complexo Industrial Portuário de Suape e a implantação da indústria de automóveis Fiat. Apesar disso, o baixo Índice de Desenvolvimento Humano persiste, pois parte significativa da população não possui condições básicas, considerando-se os indicadores do IDHM⁵³.

⁵¹ Olinda, Abreu e Lima, Paulista, Igarassu, Itapissuma, Ilha de Itamaracá, Araçoiaba, Camaragibe, São Lourenço da Mata, Moreno, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca.

⁵² www.recife.pe.gov.br. Acesso em 21/09/2014, às 18:39h.

⁵³ O IDHM é composto pela longevidade (expectativa de vida ao nascer), educação (escolaridade da população adulta, fluxo escolar da população jovem) e renda (renda *per capita*). Esse conjunto de indicadores compõe os índices IDHM-L (Longevidade), IDHM-E (Educação) e IDHM-R (Renda). O

QUADRO I – DADOS SOBRE O RECIFE – 2010

População		Divisão territorial		Composição da área territorial	
População estimada 2014	1.608.488	Regiões Político-Administrativas (RPAs)	06 Regionais	Morros	67,43%
População 2010	1.537.704	Microrregiões Político-Administrativas	18	Planícies	23,26%
Densidade demográfica (hab./km ²)	7.039,64	Número de bairros	94	Aquáticas	9,31%
Taxa média geométrica de crescimento da população	0,78 % a.a (2000/2010)	Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS).	66 (70,21% do número de bairros)	Zonas Especiais de Preservação Ambiental (ZEPAs)	5,58%
Área	218,50 Km ²				

Observe-se a quantidade de ZEIS – Zonas de Especial Interesse Social, que correspondem a mais de 70% do número total de bairros do Recife. Fonte: <http://www.cptec.inpe.br/>. Acesso em 13/03/2012, às 22:32h.

A cidade apresenta dados paradoxais: foi a capital nordestina com menor crescimento populacional (1991–2000, 0,92% ao ano) e é uma das cidades do Brasil com maiores índices de desigualdades sociais e de concentração de renda. Em 2010, foi a segunda cidade do Nordeste com maior proporção de adolescentes de 15 a 17 anos com filhos, possuía o menor índice de crianças nascidas vivas, alta taxa de mortalidade infantil e elevado índice de homicídios.

QUADRO 02 | AS ZEIS NO RECIFE

Zonas Especiais de Interesse Social do Recife (66 ZEIS)			
Nas ZEIS concentram-se as populações mais carentes do Recife. Nenhuma delas recebe integralmente os serviços públicos básicos como água, luz, esgoto, drenagem, posto policial e coleta de lixo. Nesses locais, também desassistidos por áreas de lazer, as formas de associação e interação são realizadas nas ruas, quase todos se conhecem e se comunicam. Quando existem escolas, centros comunitários, estes se tornam pontos de encontro.			
01 Coque	18 Campo do Vila	34 Vila Arraes	50 Jardim São Paulo (A Baixa)
02 Santo Amaro	19 Apípicos	35 Caranguejo/ Tabaiães	51 Pina
03 Coelhos	20 Vila Macionila/ Mussum	36 Brasilit	52 Brasília Teimosa
04 João de Barros	21 Vila Redenção	37 Areias	53 Entra Apulso
05 Ilha de Joaneiro	22 Vietnã	38 Barro	54 Borborema
06 Casa Amarela	23 Torrões	39 Cápua	55 Ibura/Jordão
07 Alto do Mandu/Alto Sta. Izabel	24 Prado	40 Caçote	56 Coronel Fabriciano
08 Dois Unidos	25 Sítio do Berardo	41 Mangueira	57 Sítio Grande
09 Linha do Tiro	26 Novo Prado	42 Afogados	58 Aritana
10 Fundão de Fora	27 Sítio do Cardoso	43 Mustardinha	59 Ilha do Destino
11 Campo Grande	28 Mangueira da Torre	44 Rua do Rio/Iraque	60 Greve Geral
12 Vila Esperança/Cabocó	29 Campo do Banco	45 Beirinha	61 UR 5/Três Carneiros
13 Vila São João	30 Vila Felicidade	46 Jardim Uchoa	62 Ilha de Deus
14 Poço da Panela	31 Sítio Wanderley	47 Planeta dos Macacos	63 Alto da Jaqueira
15 Vila Inaldo Martins	32 Rosa Selvagem	48 Vila do Siri	64 Cavaleiro
16 Vila do Vintém	33 Vila União	49 Jardim São Paulo (Rua Souza)	65 Tejiptó
17 Tamarineira			66 Coqueiral
Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/mapa_udh.jpg . Acesso em 20/07/2016, às 01:02h.			

IDHM é um número que varia entre o (zero) e 1 (um). Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano do município. Os indicadores sociais apontam para altos índices de adolescentes e crianças que não frequentam a escola e de adolescentes mães (com idade de 10 a 17 anos) e de adolescentes que já são chefes de família com a idade de até 15 anos. A maior concentração de pessoas morando em favela se encontra em Santo Amaro (13.886 no ano 2000), Imbiribeira (12.896) e Ilha Joana Bezerra (10.019). (Disponível em <http://www.cptec.inpe.br/>. Acesso em 13/03/2012, às 22:32h. (Pnud/Ipea/FJP).

Essas desigualdades destacam um território urbano que revela complexidades que compõem um difícil quadro social com diversas faces que contrastam. As desigualdades e as conformações de modelos de exclusão social se localizam em territórios muito próximos a bairros com altos índices de IDHM. As cartografias da cidade mostram áreas de pobreza e de riqueza próximas umas das outras. Ou seja: em meio a áreas de exclusão, estão áreas nas quais reside parte da sociedade com elevados indicadores de inclusão.

Imagem 51 | Zonas Especiais do Recife

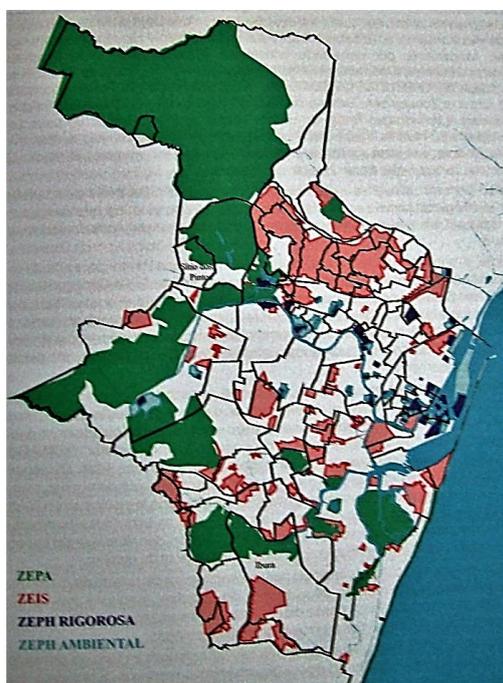
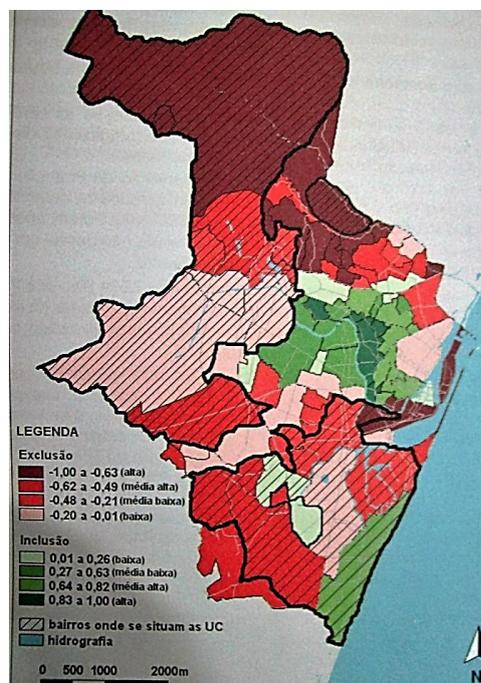


Imagem 52 | Áreas de Inclusão e Exclusão no Recife

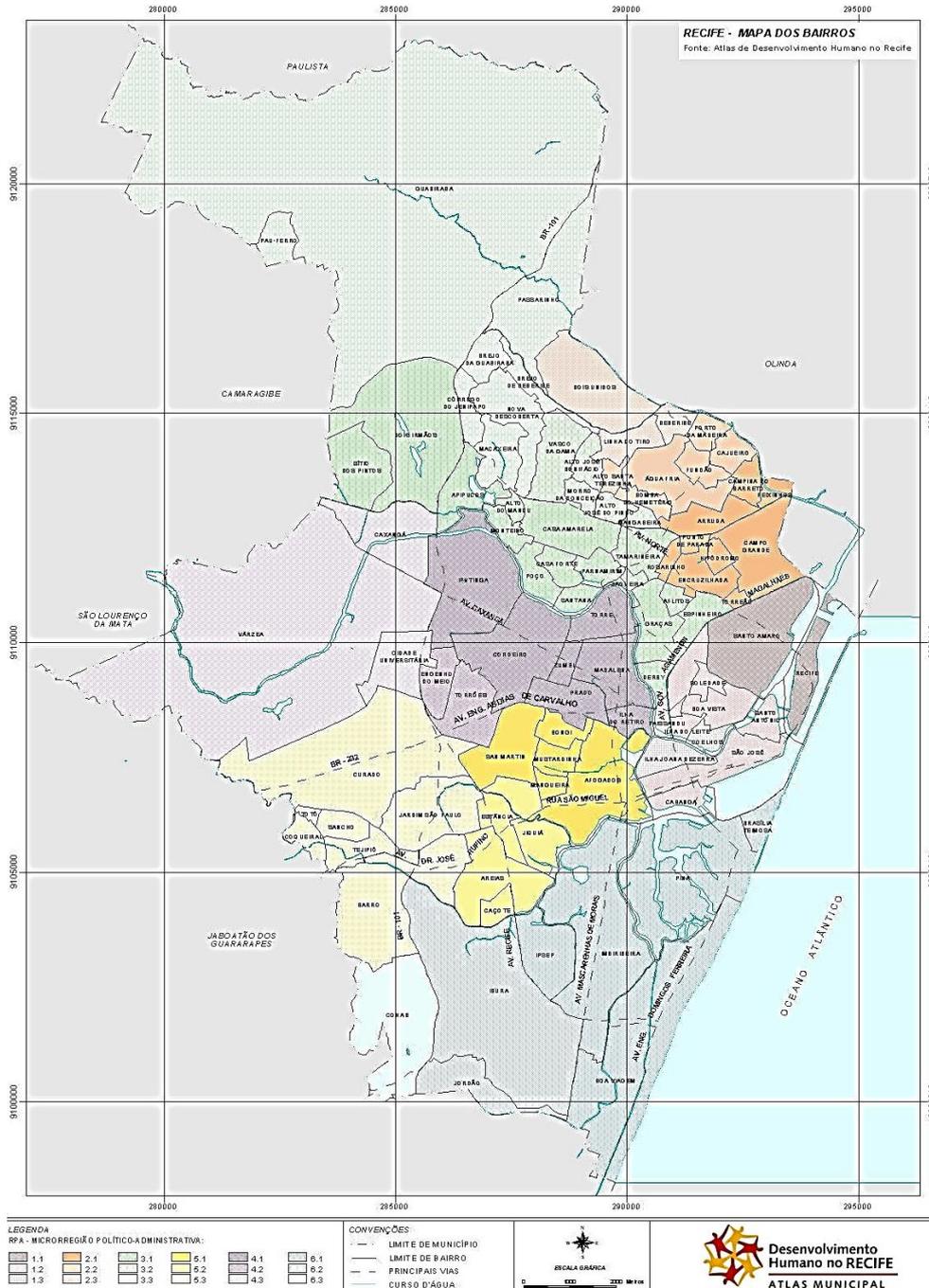


Observe-se que as Zonas de Interesse Social, nas quais residem populações mais carentes, localizam-se dispersas no território urbano. Muitas estão inseridas entre as áreas de maior inclusão, contudo, concentram altos índices de exclusão. As áreas de exclusão, em grande parte, não possuem serviços de água, esgoto sanitário, drenagem, luz, coleta regular de lixo e equipamentos urbanos, incluindo-se ausência de áreas de lazer. São também as que possuem os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano. Fonte: CAVALCANTI, LYRA e AVELINO, 2008 (Base Cartográfica: Prefeitura do Recife - Ano: 2007).

Os indicadores de exclusão e de inclusão podem ser verificados não apenas pelos dados de condições de sobrevivência, escolaridade e renda, mas também pelos setores da cidade que são atendidos (ou não) por serviços públicos como infraestrutura urbana, coleta de lixo, sistemas de água, luz, drenagem e esgoto, qualidade dos espaços públicos, segurança e áreas de lazer. A população que vive

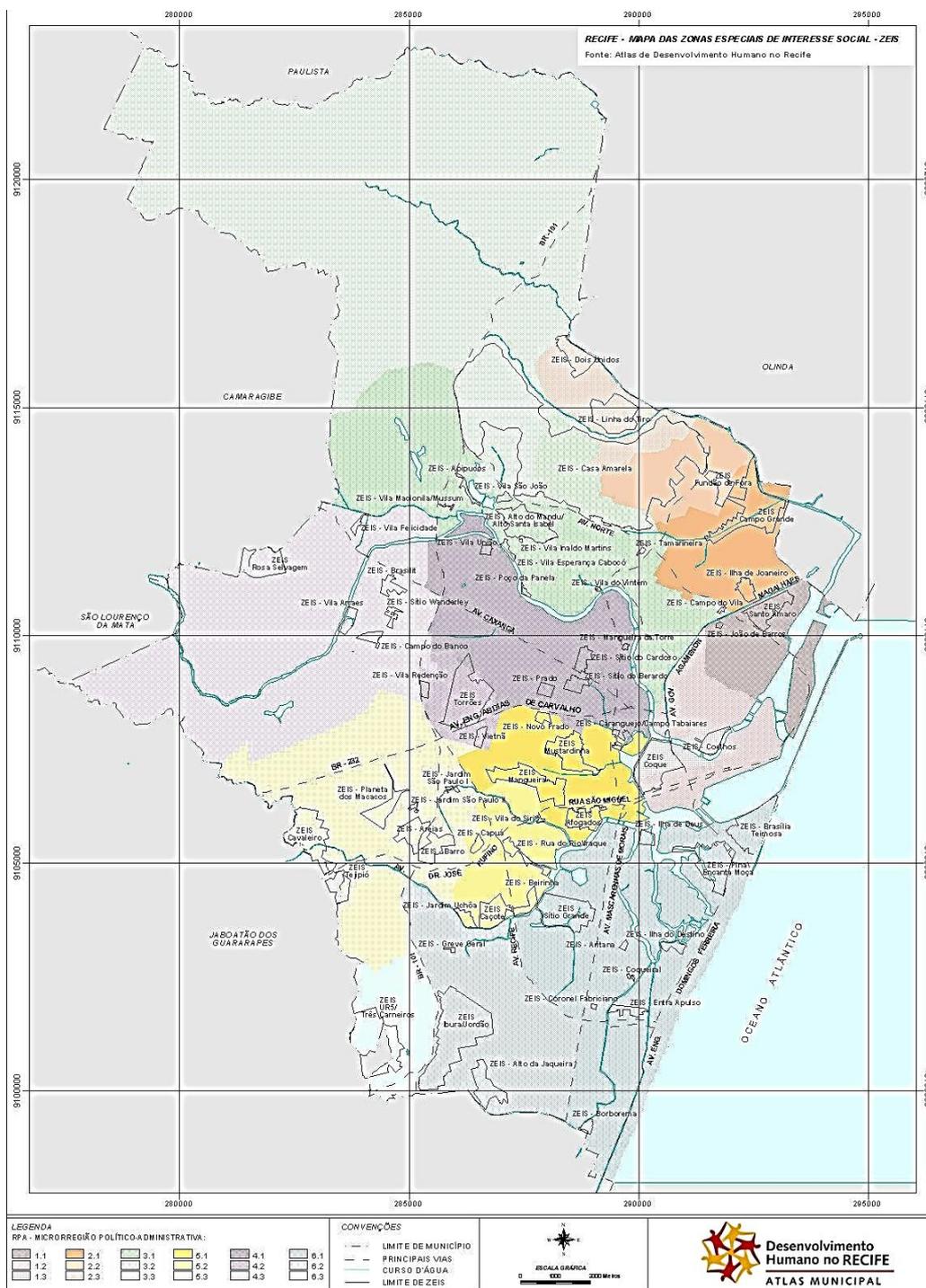
em bairros atendidos por esses serviços pode utilizá-los em sua vida cotidiana. Mas próximos a esses bairros há locais pobres desassistidos desses serviços.

Imagem 53 | Mapa dos Bairros do Recife



Na década de 1980 houve crescimento no número de favelas no Recife e Região Metropolitana. http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/mapa_bairros.jpg. Acesso em 14/02/2016 às 22:25h.

Imagem 54 | Mapa das ZEIS do Recife – Zonas Especiais de Interesse Social – 2005



O Recife possui **66 ZEIS** distribuídas pelo território da cidade, em áreas de morro,, nas áreas ribeirinhas e entre bairros de classe média e alta. Dados relativos ao ano de 2005. Disponível em:http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/mapa_udh.jpg. Acesso em 20/07/2016, às 01:02h.

Do ponto de vista da divisão territorial, observa-se que a cartografia social da cidade e região metropolitana reflete as condições da sociedade brasileira e as formas como a elite tomou decisões estruturais, já estudadas por diversos autores, com mecanismos que reproduziram, ao longo do tempo, as desigualdades⁵⁴, ainda que diversas intervenções tenham sido realizadas na cidade, principalmente as efetuadas no decorrer do século XX (PRADO, 1966; HOLANDA, 1993; FURTADO, 1981; FERNANDES, 1977 apud CAVALCANTI, LYRA & AVELINO, 2008).

O território brasileiro é local de profundas contradições e desigualdades, e os problemas atingem um grande número de habitantes. Nas regiões metropolitanas, é possível perceber as maneiras predatórias de ocupação do território. Esses processos transparecem no Recife, cidade brasileira com o maior percentual de moradores de favela que se configuraram no decorrer do crescimento da cidade, principalmente a partir da metade do século XX, quando se intensificou o processo de urbanização.

O crescimento das cidades no Brasil foi realizado com base em relações de opressão e monopólio que tornou difícil a perspectiva de superação da pobreza considerando-se apenas problemas ligados à economia. Ao longo do tempo, cresceram territorialidades acompanhadas de vários processos de subordinação das populações mais pobres, que transparecem até os dias de hoje na cidade. Isso possibilitou a ocupação das áreas às margens do Rio Capibaribe, próximas aos bairros com assentamentos regulares. (CAVALCANTI, LYRA & AVELINO, 2008).

A ocupação das áreas do Recife e as direções que tomaram para o crescimento se vincularam aos antigos engenhos de açúcar, que, por sua vez, seguiram os caminhos de penetração natural do território por meio dos rios, prioritariamente realizado por embarcações. Aos poucos, foram surgindo os caminhos por terra, muitos dos quais se tornaram vias de ligação entre os diferentes assentamentos urbanos do território. Desse modo, pode-se compreender que a

⁵⁴ São exemplos destas cartografias a Ilha de Joana Bezerra, os Coelhos (próximas ao polo empresarial médico hospitalar e residencial); a Imbiribeira (próxima ao bairro de Boa Viagem); a Comunidade do Pilar (no Recife, que desponta como grande centro empresarial e de informática do Nordeste); com diversos localizados às margens do rio Capibaribe); diversas comunidades localizadas às margens esquerda e direita do Capibaribe (compreendendo parte dos bairros das Graças, Torre, Cordeiro, Jaqueira, Casa Forte, Poço da Panela e Apipucos).

presença de rios e canais propiciou a ocupação do território (CAVALCANTI, LYRA & AVELINO, 2008).

Essa lógica de ocupação prevaleceu até o século XIX. Diversos elementos contribuíram para transformações. Entre eles se destacam o início dos processos de industrialização no estado, a construção das ferrovias e, posteriormente, os processos de urbanização. Considerando-se sua configuração territorial e a presença dos rios, as áreas ribeirinhas se tornaram locais propícios aos assentamentos dos mais pobres. Observando-se as cartografias sociais de ocupação territorial no Recife, é possível afirmar que a cidade cresceu no decorrer do século XX, mantendo uma lógica de exclusão e de inclusão que permanece até os dias de hoje. (CAVALCANTI, LYRA & AVELINO, 2008).

A urbanização da cidade se deu a partir do Bairro do Recife, com crescimento intensificado no século XIX, que, de certo modo, conduziu os adensamentos ao longo do século XX para as direções norte, sul, sudeste, oeste e noroeste, para interligar o núcleo urbano inicial e os antigos engenhos. Se até o século XIX o crescimento se dava por adição, ao longo do tempo, no século XX, a industrialização e o processo de urbanização acelerado trouxeram perdas à cidade, não apenas do ponto de vista dos ambientes, mas quanto à qualidade dos ambientes mais pobres e à maneira como a sociedade vivenciava os espaços.

Isso posto, torna-se possível verificar que muitas intervenções realizadas no Recife desde o início do século XX junto à ideia de modernização, não resolveram as carências nas comunidades mais pobres. Nas plantas do início do século XX já é possível observar as mudanças e as marcas sobre o território. O crescimento da cidade resultou na formação dos bairros periféricos e municípios vizinhos.

No século XX, as transformações para modernização da cidade e adequações para a industrialização acarretaram mudanças. A modernidade trouxe formas de pensar, viver e vivenciar a cidade pautada em necessidades sociais. Nas primeiras décadas do século XX, uma reforma coordenada por Saturnino de Brito mudou a configuração do Bairro do Recife com ações modernizadoras, entre elas o

saneamento, bem aceito por médicos e sanitaristas da época, preocupados com a insalubridade e epidemias (CARVALHO, 2010).⁵⁵

Nesse contexto, novas tipologias e atualização da legislação foram realizadas para a cidade do Recife, utilizando produtos industrializados, com melhoria à qualidade de vida das pessoas mais abastadas e de suas residências, como água encanada, luz elétrica e esgotamento sanitário. Essas inovações representaram novidades bem acolhidas pela população do Recife, que se tornou cidade estratégica para a introdução das novidades em virtude do porto (op. cit.).

A reforma do porto substituiu grande parte do casario antigo por edificações ecléticas e avenidas à luz de padrões europeus e do capital privado. Ao mesmo tempo, as habitações coletivas, os edifícios de muitos andares, possibilitam a valorização do capital, do território habitável e o lucro. A sociedade recifense, no decorrer do século XX, iniciou um caminho com mudanças cada vez mais rápidas. A cidade, cujo crescimento, que se dava ao longo do tempo, passou a ter adaptações da estrutura urbana às mudanças modernizadoras, como aponta Carvalho:

Nesse processo, as aparentes ações para controlar a especulação não foram mais do que simulacros, pois as vantagens técnico-ambientais e de salubridade se somavam à melhoria do comércio local e internacional. E tudo se dava graças às obras de saneamento, de pavimentação das ruas e reestruturação do porto. Era o poder público promovendo uma festa para o capital privado em todos os níveis, gerando novos padrões de ocupação e implantando estéticas que mudaram definitivamente a feição da cidade do Recife (op. cit., p. 26).

Essa maneira de crescimento e de organização da cidade também está bem identificada no seu território, pois existem grandes diferenças entre a qualidade de vida das populações carentes de uma margem e da outra na cidade. Em 1939, alguns decretos municipais instituíram a proibição da construção de mocambos no perímetro urbano. Essa política, realizada por Agamenon Magalhães, conhecida como *Liga Social contra o Mocambo*, tinha por base a concepção higienista de modernização e levou à valorização de áreas antes ocupadas pelas comunidades pobres.

⁵⁵ A cidade possui dimensões sujeitas a leituras diversificadas: espaço de convivência, de sonhos, memórias, recordações, saudades, anseios e medos. Portanto, cada indivíduo traz uma visão e um sentimento de cidade particular.

As intervenções na década de 1940 no centro do Recife aconteceram sob protestos dos recifenses, consideradas uma das intervenções mais demolidoras para a cidade para a construção da Avenida Dantas Barreto e conexões com a Avenida Conde da Boa Vista. Observa-se também o movimento do estado e da municipalidade para realizar obras nas áreas pobres do Recife, assim como os problemas decorrentes de intervenções em áreas tradicionais, incluindo-se edificações com valores históricos.

Entre as décadas de 1950 e 1960, mudanças na organização da sociedade do Recife influenciaram a procura por moradias em apartamentos. A proximidade com o centro da cidade facilitava deslocamentos entre a casa, o trabalho, escolas e serviços. Tornaram-se justificativas convincentes para essas escolhas. O processo de metropolização se consolidou a partir da segunda metade do século XX com a expansão do crescimento para Olinda.

Desde algum tempo, o Recife era objeto de diversas intervenções que desfiguravam e configuravam a sua composição urbana a cada passar de uma década, quase sempre definidas e redefinidas por uma lógica modernizante moldada conforme as demandas de cada estágio da economia capitalista. A lógica da Avenida Dantas Barreto, à época de Augusto Lucena, não era mais a de décadas passadas que a projetaram e/ou das grandes reformas urbanas nos Bairro do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista de décadas anteriores. A lógica do então prefeito era dotar a cidade de uma infraestrutura viária capaz de proporcionar uma mobilidade territorial aos interessados numa locomoção rápida e eficaz e capaz de encurtar as distâncias e de contrair o tempo de locomoção: os proprietários de automóvel (DOMINGUES, 2005).

A partir dos anos 1970, iniciou-se na cidade uma fase de crescimento conhecido por *milagre econômico*, período em que se configurou a conurbação, que formou a Região Metropolitana do Recife, com a criação dos distritos industriais ao longo dos eixos rodoviários (BR-101 e BR-232), além da construção de grandes conjuntos habitacionais, com o financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH).

Nos anos 1970, os empreendimentos promovidos durante a Ditadura Militar prepararam a cidade com infraestrutura, drenagem, esgoto e redes elétricas como plano modernizador. A construção da Avenida Agamenon Magalhães envolveu também uma série de intervenções em áreas pobres do Recife. Conforme estudos

do historiador Luís Manuel Domingues, durante a gestão de Geraldo Magalhães foi elaborado um plano urbanístico com jardins, áreas de lazer, de esportes e postos de combustíveis.

Conforme Domingues (2005)⁵⁶ pontuou, foram muitas obras no Recife dos anos 1970, como as do Derby, realizadas na gestão de Augusto Lucena (1971–1976), o viaduto da Avenida Norte, a Avenida Agamenon Magalhães (antiga Avenida Canal), o viaduto do Cabanga e a outra ponte do Pina. Ainda de acordo com esse historiador, o objetivo principal era viabilizar os deslocamentos da cidade e do centro em direção a Boa Viagem e à Imbiribeira, locais de vida e trabalho do empresariado e das empresas multinacionais que vieram montar seus empreendimentos no estado.

Imagem 55 | A Avenida Canal – atual Agamenon Magalhães – 1980



Foto: ACERVO FUNDAJ/DIVULGAÇÃO. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=imagem+da+avenida+canal+no+recife+ anos+ 80&biw](https://www.google.com.br/search?q=imagem+da+avenida+canal+no+recife+anos+ 80&biw). Acesso em 20/01/2016 às 02:39h.

⁵⁶ Disponível em <http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2012/agamenon/historia.shtml>. DOMINGUES, 2005. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Acesso em 25/12/2015, às 22:54h).

Imagem 56 | Avenida Agamenon Magalhães - 1980



Vista parcial da Avenida Agamenon Magalhães em direção ao bairro de Boa Viagem – 1980. Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagem+da+avenida+agamenon+magalhaes+no+recife+anos+80>. Acesso em 20/01/2016 às 02:39h.

Em 1975, o Recife sofreu uma cheia que atingiu a sociedade como um todo. Foram necessários recursos federais para sanar diversos problemas. Apesar da gravidade e dos danos causados, muitos moradores pobres permaneceram nos locais ribeirinhos, que cresceram cada vez mais no decorrer dos anos seguintes e deram origem, na década de 1980, a novas favelas, como Skylab I e II; Detran e Santa Marta (em 1989), e Ayrton Senna, em 1994, no Sítio Barbalho.

Em 1979, durante o governo municipal do Prefeito Gustavo Krause (1979–1982), é formulado o Projeto Recife com um conjunto de ações específicas destinadas às áreas pobres situadas às margens do Rio Capibaribe, vinculado ao Programa de Revitalização do Capibaribe. Este projeto insere-se nos marcos da Lei do Plano de Desenvolvimento do Recife (Lei nº 14.110/79, sancionada pelo prefeito Gustavo Krause), apontando para a ação municipal dos anos de 1980–1983. A lei previa a organização do espaço do Recife, no que tange à “criação de reservas urbanas” voltadas para obras públicas, e o “tratamento especial aos aglomerados pobres” voltado para a instalação de projetos sociais com a “participação ativa das comunidades”. O tratamento especial aos aglomerados pobres representava uma adequação dos moldes da gestão municipal para implantação do Programa *Promorar*, criado em 1979, pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Proposta que se desdobrará na definição de Áreas Especiais e, posteriormente, na criação das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), definidas na Lei de Uso e Ocupação do Solo (Lei nº 14.511/83), seguida do Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (PREZEIS), institucionalizado através da Lei nº 14.394/87 (Disponível em www.recife.pe.gov.br. Acesso em 10/07/2015, às 03:31h).

O agravamento da situação das populações mais pobres, a exploração dos recursos naturais, a degradação do meio ambiente e o processo de urbanização acelerado e sem planejamento adequado facilitaram o agravamento dos problemas, incluindo-se os decorrentes da violência urbana. Em parte, isso se deve às políticas públicas adotadas no Brasil e a crises mundiais na economia. Tal agravamento levou à realização de estudos sobre a sociedade residente nas áreas ribeirinhas do Recife.

Na década de 1980, foram realizados estudos para diagnosticar e tentar resolver os problemas, mas eles persistiram ou mesmo se agravaram. Conforme apontam Cavalcanti, Lyra e Avelino (2008), são exemplos o *Programa de Saúde e Nutrição*, do Instituto Nacional de Nutrição (Inan), que resultou em estimativas a serem implantadas em populações que viviam no Recife em extrema pobreza. Outro estudo, elaborado em 1984, o *Mapa da Fome*, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ofereceu apoio à Campanha Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, lançada no final da década de 1980, por Herbert de Souza, do Instituto Brasileiro de Análises Sociais (Ibase) ⁵⁷.

No ano de 2005, a Prefeitura do Recife elaborou o *Atlas Municipal do Recife*, com base no Índice de Desenvolvimento Humano, usando indicadores locais de desenvolvimento por Regiões Político-Administrativas (RPAs), Microrregiões intraurbanas e Unidade de Desenvolvimento Humano (UDH), a fim de aumentar o conhecimento acerca dos problemas sociais do Recife e de subsidiar a implementação de políticas públicas e programas sociais, que também não conseguiram erradicar muitos problemas nas comunidades pobres da cidade.

Estudos demonstraram que as condições de vida na cidade se relacionam com o processo de modernização e urbanização das metrópoles do Nordeste, pois foram socialmente excludentes. Cavalcanti, Lyra e Avelino (2008) afirmam que a forma para compreender esse tipo de modernização se equipara ao que Harvey (2010) identifica como “cidade vodu”, na qual, por trás de sua fisionomia iluminada e sedutora, encontramos grandes áreas de exclusão. Essa urbanização de vitrine tem criado as novas paisagens de muitas capitais do Nordeste do Brasil.

⁵⁷ Em 1985 a *Ação da Cidadania contra a fome e a miséria e pela vida*, criada por Henfil, conclamou o povo brasileiro para erradicar a fome no País. Discutiu-se no Brasil um dos mais graves problemas brasileiros do período. Contudo, até o final dos anos 1980 parte da população brasileira vivia abaixo da linha de pobreza.

O Recife, entre outras cidades do Brasil, cada vez mais se agrupa à visão pós-moderna da fragmentação que denota as diferenças entre o estado real da urbanização e aquilo que se projeta no plano virtual. Teoria e prática não se encontram. Os assentamentos irregulares onde predominam pobreza e miséria estão a uma distância de menos de 2 km dos bairros considerados de inclusão. Essas áreas, atendidas pelo poder público e com população abastada, atraem as populações mais pobres, que buscam oportunidade para sobreviver por meio de atividades diversas (CAVALCANTI, LYRA E AVELINO, 2008).

Esse cenário pode ser visto pela má conservação do lugar, tipologia das habitações, presença de lixo, carência de infraestrutura básica, adensamentos das favelas, palafitas e áreas de muitos subúrbios. Os processos de transformação e de modernização da cidade, ainda que resultassem em transformações sociais, ambientais e tecnológicas e que incluíssem significativas parcelas de recursos financeiros, não foram suficientes para resolver os graves problemas sociais das áreas ribeirinhas localizadas nos bairros tradicionais⁵⁸ que cresceram às margens do Capibaribe.

Do ponto de vista do acesso aos serviços de infraestrutura urbana, poucos bairros do Recife possuem serviço de coleta de lixo regular, como Derby, Graças, Aflitos, Casa Forte, Cabanga, Hipódromo, Ilha do Leite, Jaqueira, Boa Viagem, Paissandu, Rosarinho, Santo Antônio e Torreão. Diversos bairros da cidade não possuem água encanada⁵⁹. Sabe-se dos desdobramentos dessas disparidades: violência, delinquência juvenil, epidemias, desestabilidade familiar, problemas ambientais, etc.

Em 2011, outro estudo foi realizado para o Recife: o Plano de Desapropriação e Reassentamento Involuntário (PDRI), segunda fase de intervenção do *Projeto Capibaribe Melhor* (Subsistemas Viários A, B, C e E, urbanização da ZEIS Vila Esperança). A Empresa Geosistemas Engenharia e Planejamento Ltda. apresentou

⁵⁸ Por bairros tradicionais designamos os formados no decorrer do crescimento da cidade, nos arrabaldes do Recife, como Espinheiro, Graças, Aflitos, Madalena, Torre, Casa Forte, Poço da Panela, que cresceram margeando o Rio Capibaribe, ao longo do tempo, e que não fazem parte do Antigo Centro, como o Bairro do Recife.

⁵⁹ PDRI – PLANO DE DESAPROPRIAÇÃO E REASSENTAMENTO INVOLUNTÁRIO. 2011. Disponível em <http://docplayer.com.br/8430531-Pdri-plano-de-desapropriacao-e-reassentamento-involuntario.html> e www.recife.pe.gov.br. Acesso em 21/09/2014, às 18:39h.

proposta de intervenção no Capibaribe com o objetivo de “assegurar condições de acesso adequado ao local de moradia e de habitabilidade para as famílias ali residentes”⁶⁰.

No curso da história urbana do Recife, os espaços situados no raio de abrangência do *Projeto Capibaribe Melhor*, foram ocupados em tempos diversos e de forma diferenciada, em razão de um conjunto de fatores vivenciados no tecido urbano, tais como o processo econômico e consequente alternâncias e oscilações entre surtos açucareiros e algodoeiros associados ao movimento do capital mundial que gerava momento de florescência e queda; a concentração da propriedade da terra; a existência de vias terrestres, o deslocamento da população do campo para a cidade, entre outros fatores. Historicamente, a margem esquerda acolheu a população mais abastada e o seu processo de ocupação antecedeu ao da margem direita do Rio Capibaribe... Mas diferenciações demarcaram desde cedo a ocupação da margem esquerda, onde floresceu a burguesia açucareira, em relação à margem direita que absorveu, paulatinamente, a população deslocada da zona rural e mais pobre. Processo que se acentua como integrante da corrente migratória para o Recife, intensamente registrada entre as décadas de 1940 a 1960 (PDRI, 2011).

Esse plano tinha como objetivo melhorar os espaços nas margens do rio com grande quantidade de assentamentos irregulares e condições de moradia de baixa qualidade. Previa, também, a relocação das famílias afetadas pela execução das obras, para tornar mínimos os impactos das intervenções e propiciar ações para melhorar as condições de vida e trabalho nesses locais e nas habitações e seus moradores.

O empobrecimento e alguns arranjos da contemporaneidade mostram um Recife em que se repetem práticas de uma sociedade de massas, conforme aponta Rezende (2005). O morar em casas com recuos, isoladas no terreno, tornou, de certo modo, a vida individualizada, independente da vizinhança. Na década de 1940, outras transformações modificaram os bairros de Santo Antônio e São José.

Os estudos elaborados nos anos 1980 sobre a miséria, a pobreza, a delinquência infantil e a violência no Recife, serviram para reafirmar dados acerca das desigualdades sociais que ainda não foram erradicados. A maior parte das mudanças agregou maior valor e infraestrutura às áreas do Recife com melhores condições sem, contudo, eliminar os problemas historicamente existentes.

⁶⁰ Disponível em <http://docplayer.com.br/8430531-Pdri-plano-de-desapropriacao-e-reassentamento-involuntario.html>. Acesso em 21/09/2014, às 18:39h.

O projeto previa a melhoria do local, do saneamento a ser implementado na gestão do prefeito Joaquim Francisco (1983–1985). Contudo, como os demais, não foi concluído. Entre tantos problemas, um deles foi apontado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Recife e Olinda, que apoiou os moradores do local, destacando o interesse da especulação imobiliária para construção de habitações para a população abastada e construção de áreas de lazer às margens do Capibaribe (PDRI, 2011).

As sucessivas lógicas modernizantes faziam emergir na cidade do Recife uma fugacidade de que todas as coisas iriam aos poucos perder as suas qualidades e referências de uso para que o seu caráter fetichista se sobrepusesse de forma quase totalizante a tudo. Até o que era moderno e novo ontem já seria arcaico no momento seguinte com o esvaziamento do seu caráter fetichista. As coisas não se conservavam mais pelas suas qualidades e usos, mas pelo seu caráter fetichista e pela capacidade de alienação e coisificação que podiam ter (DOMINGUES, 2005, p.78).

Alguns autores têm apontado que certos procedimentos nas áreas ribeirinhas tiveram, também, a intenção de deixar a área livre para o poder público e as classes mais abastadas com vistas à construção de espaços para uso delas mesmas. Parte dos processos de transformação e de propostas para melhorar os ambientes mais pobres do Recife, no decorrer do século XX, foram acompanhados por mudanças nos espaços públicos da cidade. Apesar disso, nenhum deles efetivamente promoveu a erradicação das condições de pobreza.

Muitas destas transformações trouxeram mudanças significativas às formas de convivência entre as pessoas. A fragmentação dos ambientes da cidade alterou as formas de sociabilidade assim como a dinâmica de interação entre os diferentes lugares. As praças, tradicionais locais de encontros e de diferentes trocas associativas no Recife, negligenciadas pelo poder público, muitas vezes se tornaram ambientes que a sociedade passou a ter medo de frequentar em virtude da violência.

Os locais mais pobres, ainda que localizados nos limites, continuam carentes de áreas de lazer. As ruas muito estreitas, as casas pequenas e a falta de infraestrutura levam a comunidade a se adequar, ou moldar alguns espaços para as interações. Grande parte dos encontros nas comunidades populares acontece nas calçadas e nas ruas. As classes menos favorecidas não contempladas com

melhorias usufruem a reboque o que é realizado para os interesses das classes mais favorecidas, configurando o modelo para a cidade neoliberal.

O Recife mudou, mas não transformou relações de exclusões sociais historicamente constituídas. As intervenções na década de 1970, assim como as concluídas nos anos 1980, contribuíram para adequar e inserir a cidade nas conexões e condições da pós-modernidade. Ou seja, prepararam o Recife, reconfiguraram espaços da cidade de interesse para as transformações e transações comerciais com o mundo que se consolidaram no decorrer das décadas de 1980 e 1990 e início do século XXI, quando novas propostas surgiram para construção de um projeto denominado “Novo Recife”⁶¹.

⁶¹ Durante a gestão do prefeito do Recife João da Costa (2009 -2012) o projeto já estava em discussão pela sociedade pelas mídias, com intensa discussão pela internet. Foi apresentado à Prefeitura para análise em 2012 e foi apoiado pelo atual prefeito da cidade, Geraldo Júlio, quando eleito a partir de 2013.

IV | **A cidade e a vida para o consumo: o Recife dos Anos 1980**

Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu, descobrindo o muito que não teve e o que não terá (CALVINO, 2003, p. 31).

Ao longo do tempo, os processos de urbanização, industrialização e modernização transformaram muitas cidades brasileiras em locais de expressão, representação e reprodução das sociedades capitalistas por meio das diversas maneiras como a expansão desse modelo se manifesta e se rebate sobre as relações sociais e sobre os espaços das cidades. No Brasil, a partir da década de 1980, esse modelo se associou ao conceito de *cidade neoliberal*. O discurso da cidade neoliberal está ligado à noção de globalização e de cidade global.

A partir da globalização, pode-se perceber a modificação das relações econômicas na esfera mundial e desdobramentos socioculturais como a criação de um conjunto de ações e empreendimentos para possibilitar e favorecer os movimentos de circulação de pessoas, de transações entre grandes corporações mundiais e tipologias específicas para absorver essas formas produção, comercialização e consumo. Criaram-se também organizações de informação e de comunicação cada vez mais abrangentes e interconectadas que permitiram a aproximação entre os mercados internacionais. (SEGAWA, 2014).

A partir de na década de 1980 observou-se a disseminação espacial de transações econômicas de mercados municipais, nacionais e internacionais associados à globalização, necessitando de atualização de novas demandas, como formas de centralização territorial para controle e gestão dessas atividades. Este modelo enfraqueceu as fronteiras comerciais, compôs blocos econômicos amplos, ampliou as direções de circulação de bens e de dinheiro, concentração de recursos nas esferas local, nacional e global em metrópoles já consolidadas em quase todo o mundo. (HARVEY, 2014).

Segundo Harvey (op. cit.), a cidade global trabalha no plano dos fluxos econômicos, financeiros, de mercadorias e no imaginário social, que se relacionam nos ambientes físicos das cidades e nos constituídos no campo virtual. A expansão de fronteiras de transações financeiras, de informações, de mercadorias e de pessoas aumentou nas últimas três décadas, originando uma rede de megacidades organizadas e controladas dentro de certa hierarquia, funcionando no “novo espaço virtual” e no recinto territorial do ambiente urbano.

Esse modelo se reflete no espaço urbano. Alinhados, avanços tecnológicos, as transformações e operações urbanas trouxeram outras formas de sociabilidades. As ruas se tornaram espaços imprescindíveis à circulação de transportes e de mercadorias. A onda de violência urbana, a real e a difundida pelos meios de comunicação de massa, colaborou para a difusão do medo nas cidades. Em meio a esse contexto cresceu o aparelhamento social para defesa, com dispositivos, programas, espaços e tipologias arquitetônicas com fins voltados à proteção.

Não se pode deixar de enfatizar que, desde a década de 1960, conforme observou Hall (2011), ocorreram mudanças de visões de mundo e a ruptura de padrões. A sociedade questionou, do mesmo modo, a ideia de que o progresso e a ordem delimitariam as condutas humanas e conduziriam a uma vida melhor. A partir de então, assistir-se-á a um encadeamento de transformações mediante problemas sociais nas grandes cidades e à crise de identidade cultural, entre outros problemas interligados à globalização.

De acordo com Augé (2010), este processo também aponta para a profusão de acontecimentos. Para ele, a multiplicação de eventos variados, divulgados e visualizados mundialmente, gerou diversos movimentos que atingiram todas as formas de conhecimento, abrindo espaço para os imprevistos, gerando incertezas, inseguranças e instabilidades no mundo e disseminando-as nos territórios interligados a esse modelo.

Inserido na lógica do movimento, do excesso de informações, de trocas, de interações entre culturas e de mudanças contínuas criaram-se instabilidades (HALL 2011). As sociedades possuem laços identitários, relacionais e históricos com o lugar ao longo do tempo, o sentido está interligado à cultura local, que é referência

para quem o vivencia. Nesse contexto, a identidade cultural se constrói e se afirma a partir das trocas e experiências do cotidiano ao longo do tempo.

A Pós-Modernidade rompeu esses elos, criou inconstâncias e certo desequilíbrio. A alteração do ritmo da vida das pessoas, os constantes deslocamentos necessários às diversas formas de interação entre territórios culturais diferentes, tanto reais quanto virtuais, foram facilitados por uma série de dispositivos. Para possibilitar as interconexões foram criados espaços propícios aos novos modos de viver e de se relacionar.

O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente — palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação. Os não lugares, contudo, são a medida da época: medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias e os domicílios móveis considerados meios de transporte (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grandes superfícies de distribuição... (op. cit., p. 74).

Nos não lugares multiplicam-se “em modalidades luxuosas ou desumanas” (op. cit., p. 74), locais de trânsito, hotéis, apart-hotéis, *flats*, áreas invadidas, organizações de lazer, acampamento de refugiados e as favelas. Nas cidades brasileiras, os fenômenos do medo e da violência urbana deixaram de ser problemas tratados apenas no plano social, passaram a ser observados e delimitados sobre o território das cidades, criando-se, assim, diversas áreas de exclusão, configurando guetos nos interstícios da cidade.

Conforme pontuou Rossi (1989), as cidades são resultado de forças diversas atuantes na sociedade. Na maior parte dos exemplos, as forças dominantes reafirmam continuamente o seu poder de ação e atuação. No Recife, mediante tal cenário, as forças anunciadas por ideais modernizadores vieram reafirmar formas de atuação que tinham um ambiente propício ao florescimento dessas ideias.

Esses modelos e as transformações dele decorrentes marcaram a forma de viver, e destruíram concepções urbanas tradicionais e modos de vivenciar a cidade. O modelo capitalista foi aplicado no Recife com o intuito de liberar a cidade de seus entraves aos empreendimentos observados sob a ótica da livre circulação de

mercadorias, e de veículos, ainda que promovessem a destruição de acervos urbanos com valores intrínsecos à identidade e à memória da cidade.

Junto a esses novos empreendimentos, outros espaços ou ambientes de sociabilidades foram configurados segundo os modelos do capitalismo, que precisa de espaço, não apenas para circulação de mercadorias, mas para os centros de comércio, lojas e serviços diversos. Essa visão foi bem aceita socialmente, considerando-se a vocação da cidade e aspirações das elites dominantes. Em meio a esse processo, o casario do centro tradicional se esvaziou e deu lugar ao comércio e a serviços diversificados.

Até a década de 1980, o centro do Recife congregava grande parte das atividades sociais e das formas de sociabilidades como cultura, lazer, cinemas, cartórios, instituições educacionais, comércio, serviços, consistindo ainda em local no qual se celebravam grande parte das comemorações e ritos religiosos cristãos. No plano das sociabilidades, parte dos encontros aconteciam nas praias, bares, cinemas e ruas que ainda funcionavam no antigo centro.

Alinhado ao deslocamento, intensificou-se o processo de verticalização, a destruição das casas, a desconfiguração dos lotes, a transformação de habitações em galerias comerciais, bancos, bares, boutiques. Esse foi o início de um percurso ainda não superado na cidade, cujos investimentos privilegiam os interesses da classe média alta e dos grandes grupos empresariais e modificam a paisagem formada ao longo do tempo. Estas transformações interferem nos modos de se relacionar porque mexem com muitas ideias ao mesmo tempo.

Ao lançar luz sobre a década de 1980 no Recife, encontramos movimentos que discutiram questões relevantes que ligam as relações humanas às cidades, em que ruas e praças aparecem como cenários de reivindicações por melhores condições para vida, liberdade de expressão, como também denotam haver miséria, diferenças sociais, desestruturação social e violência urbana.

O Recife atravessou as crises pontuadas para as cidades e suas arquiteturas. Tais conjunturas influenciaram de modo marcante as formas de viver em sociedade, de vivenciar ruas, praças e diversos ambientes urbanos. Absorvemos as

transformações urbanas do centro antigo, o esvaziamento dos bairros, a velocidade da verticalização que levou aos problemas de mobilidade dentro da cidade.

As intervenções públicas não foram suficientes para pôr fim aos problemas sociais. As leis, em especial, a de loteamento, também não conseguiram organizar ou disciplinar ocupações irregulares nas áreas às margens dos rios, canais e nos morros da região metropolitana. Por outro lado, o Recife rico em desigualdades cresceu. Fortalecidas pela vocação mercantil da cidade, posturas neoliberais encontraram ambiente propício para atuação.

As praças dos bairros, cinemas e redutos de encontros de sociabilidades diversificadas rapidamente perderam parte de sua importância no centro antigo do Recife. Muitos cinemas fecharam. Em 1989, a construção do Shopping Center Recife, no bairro de Boa Viagem, transformou o local em um polo empresarial, de comércio e de serviços. Muitas transformações colocaram o bairro no foco atrativo e promissor a empreendimentos imobiliários para as classes média e a alta.

O poder atrativo do *shopping* e o poder das mídias tornaram a praça de alimentação do *shopping* local atrativo para a sociedade recifense. Os cinemas também se deslocaram para as proximidades dos *shoppings* e dos centros empresariais, diversificaram-se os atrativos dentro dos *shoppings*, incluindo-se a ampliação de vagas para estacionamento seguro. Essas mudanças sinalizam as transformações das formas de viver no Recife.

Ao observar os pontos nos quais se cruzam interferências e conexões com o mundo globalizado, o Recife, a vida social e as novas formas de representação social nos lugares foram reelaboradas. Visualizamos uma cidade sob o domínio da economia neoliberal, a velocidade das transformações, a privatização de formas de lazer com lugares de exclusão e de segregação e para o consumo.

Pode-se dizer que o consumismo é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, neutros quanto ao regime, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais [...] (BAUMAN, 2007, p. 41).

Dentro desse ambiente, a sociedade passou a sentir que nas ruas as pessoas estavam vulneráveis a violências diversas. À medida que se disseminou a violência urbana e os perigos nas ruas, atestados por assaltos constantes e assassinatos, ocorreu a inserção no mercado de novos aparelhos eletrônicos, como vídeos cassetes e *videogames*, locadoras de filmes, que passaram a ser modos mais seguros de lazer com a possibilidade de utilização nos lares e por grupos mais restritos.

A propagação da violência gerou na sociedade medos coletivos. Difundiram-se as formas seguras de morar, com a construção de unidades habitacionais dimensionadas para os compradores sentirem a liberdade de quem mora em uma habitação unifamiliar. O esvaziamento paulatino das residências trouxe mudanças de usos e adaptações por reformas para serviços, galerias de lojas comerciais e consultórios. Muitas perderam a função social dentro do contexto urbano e propiciaram demolições.

O medo da violência e os assaltos às casas, além do discurso midiático realizado pelos empreendedores da época constantemente reforçam os valores da necessidade de segurança e de conforto. O adensamento dos bairros centrais e o crescimento da quantidade de automóveis propiciou que as ruas do Recife se tornassem estacionamento. A legislação municipal não acompanhou a demanda existente na época.

É nesse contexto que podemos compreender as relações sociais na cidade e interações com os ambientes urbanos e suas arquiteturas. Grande parte dos ambientes edificados ao longo do tempo, fragmentados por avenidas, instalação de novas tipologias em substituição aos modelos preexistentes, construção de polos empresariais, *shoppings* e privatização do lazer, auxiliados por técnicas de manipulação de massas pela publicidade a fim de potencializar o consumo.

As sociabilidades, conforme Simmel (2006) as definiu, seriam uma espécie de forma de convivência que deveriam ter prioritariamente fins que servissem à sociedade como um todo, de modo igualitário, sem a atuação de interesses pessoais que não fosse o bem comum. Simmel (op. cit.) também pontuou os problemas das

sociedades nas cidades que mantinham relações de trocas com moldes capitalistas, cujo fim seria necessariamente produzir, obter lucros e consumir.

As sociabilidades urbanas, conforme Frúgoli (2007) destacou, são especificamente as relações de trocas que transcorrem nas grandes cidades, metrópoles que receberam equipamentos urbanos e tipologias projetadas para tais finalidades. Nesse contexto, os ambientes urbanos foram redefinidos para esses fins. Tais transformações foram alcançadas a partir da industrialização e aceleração do processo de urbanização da cidade, movimentos relacionados aos avanços do modelo capitalista difundido mundialmente.

O crescimento do Recife está entrelaçado aos condicionantes culturais, sociais e territoriais que permitiram a construção dos ambientes, relacionados à visão de mundo da sociedade que o edificou. Como resultado, legou um acervo urbano-arquitetônico que resiste, em parte, às transformações empreendidas pelo poder público ao longo do tempo. O estudo da História Urbana do Recife aponta que significativas operações urbanas, transformadoras e demolidoras ocorreram no decorrer do século XX.

Estava posta, assim, a cidade do Recife dos anos 1980, reestruturada para a vida voltada para o consumo, reafirmando as condições da Pós-Modernidade com a construção de não lugares e ampliação de ambientes desumanos decorrentes das desigualdades sociais. Nesse ambiente, com novas tipologias urbano-arquitetônicas, as relações e interações foram transformadas, alteradas ou reelaboradas, tendo como pano de fundo interesses especulativos, produção e consumo nos quais permaneceram exclusões, pobreza, subempregos e violências diversas.

IV.1 | **Os Classificados: a construção de lugares de sociabilidades no Recife dos anos 1980**

[...] As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa (CALVINO, 2003, p. 46).

Na década de 1980 as cartografias sociais e territoriais que se formaram no Recife reafirmam configurações que evidenciam modelos de uma economia em crise e em transição mediante o advento da globalização. Os modelos dentro desse contexto para interações, conexões e trocas serão predominantemente os que se fundam em trocas e interesses pessoais ou das elites dominantes. Transparecem nos desenhos da cidade e nas formas como foram ocupados os assentamentos regulares e não regulares.

As transformações dos modos de viver e de se relacionar socialmente definidos também foram acompanhadas pela introdução de tipologias novas na cidade, com anúncios de publicidade que criaram tendências cujo sentido era a concretização de venda e consumo. O Recife adquiriu novas paisagens no decorrer do século XX, com mudanças nos modos de interação social.

Assim também podemos compreender as formas produzidas na década de 1980, já introduzidas no decorrer dos anos 1970 em meio a mudanças tanto decorrentes de crises no plano internacional quanto na própria experiência política e na história econômica e social do Brasil. As mudanças e adequações do Recife são marcas impressas em seu território com diversos problemas que ainda não foram resolvidos.

Nas sociedades e cidades em que se perpetuam desigualdades sociais, como o Recife, os interesses foram definidos pelos poderes dominantes. A tônica para a década de 1980 não foi pensar na construção de uma sociedade com interesses pautados pela ética e pelo bem comum. O Recife que se construiu ao longo dessa

década foi uma cidade com espaços preparados para as interconexões necessárias à globalização, com degradação ambiental e repetição de modelos antigos reproduzidos sem êxito para solucionar as necessárias mudanças sociais.

Junto aos processos e às crises internacionais e internas, a década de 1980 nos situou em uma economia de mercado, mundialmente conectada, com urbanização inadequada ao território e às necessidades econômicas, sociais e culturais dos recifenses. Desse modelo, com ambientes e tipologias que vieram direcionar ou condicionar as escolhas e novas formas de viver, não necessariamente eliminando as antigas.

Sinalizam as mudanças: a coexistência de valores diferentes, de pontos de referência antagônicos, de modelos conflitantes, de valorização das formas individuais e particularizadas, a valorização e reafirmação das diferenças, a aceitação do caos que, de certo modo, acomoda o grande complexo da modernidade tardia ainda pouco estudada para o Recife dos anos 1980. Não sem razão, artigos publicados nos jornais no decorrer dessa década anunciam que o Recife encontra-se estagnado e tem pressa para crescer.

Desse modo, o movimento, a disseminação de medos, sentimentos de insegurança no meio social, a violência, a insegurança de caminhar nas ruas, as contradições a valorizar o novo (e não identificar que este novo era repetição) e ao mesmo tempo as tradições, a transformação dos lugares, os aparelhamentos em direção à construção de não lugares (AUGÉ, 2010) são condições que sinalizam o Recife em meio à crise da Pós-Modernidade.

As reorganizações, as vias de contorno por fora do centro urbano levam os produtos, interligam os lugares turísticos que paulatinamente serão centros de fragilidades das metrópoles. A legislação para proteção dos centros históricos perpassa a ideia de fortalecimento das identidades locais com vistas ao turismo cultural, ainda predatório e destruidor dos acervos urbano-arquitetônicos e das reservas de mananciais.

Mediante esse cenário, aqui estudamos, mais especificamente, os modelos de morar e as direções para as quais no Recife observou-se crescimento sem

garantir melhorias às comunidades mais carentes, desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida. Nesse contexto, destacamos os modelos de morar e de viver mais difundidos e edificados na década de 1980, as edificações verticais como novos modelos de morar.

A construção dos edifícios de apartamentos multifamiliares e condomínios verticais se tornou produto bastante divulgado nos jornais. Cada um com características voltadas a atender seu respectivo público-alvo, criando a necessidade e o desejo de compra, vendendo a ideia de segurança, bem-estar, realização de sonhos pessoais. Essas novas formas de habitar movimentaram a construção civil e o mercado imobiliário do Recife com tendência ao crescimento.

Imagem 57 | Edifício Clarice Lispector

ESCRITÓRIO IMOBILIÁRIO
EDUARDO FEITOSA
 FONES: 326.5585, 341.2569 E 325.5952 **O NOME DO MELHOR NEGÓCIO**

**EM BOA VIAGEM, À BEIRA MAR,
 PARA POUCOS PRIVILEGIADOS.**
Edifício
CLARICE LISPECTOR

- 3 Quartos (1 Suite)
- Varanda
- Sala p/2 Ambientes
- Copa/Cozinha
- Dependência Completa
- 2 Elevadores
- Garagem Privativa

**AV. BOA VIAGEM,
 2804
 COM PLANTÃO
 NO LOCAL.**

**120M² DE ÁREA ÚTIL.
 CONSTRUÇÃO DE EXCELENTE PADRÃO
 E NUNCA HABITADO.**

Destaca-se a localização – à beira-mar em Boa Viagem – e o programa arquitetônico, incluindo-se garagem privativa. Um diferencial que nos edifícios da década de 1970 não possuía, porque a maior parte das famílias possuíam apenas um automóvel. Fonte: Diário de Pernambuco, 1987, p.4.

Os empreendedores imobiliários investiram capital de propaganda por meio das mídias jornalísticas do período e difundiram esses novos modelos habitacionais. Nesse sentido, os anúncios veiculados nos classificados dos jornais mais vendidos na cidade e na Região Metropolitana — *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio* — adotaram a estratégia de atrair e convencer os futuros consumidores por meio de um conjunto das ideias disseminadas nos anos 1980, tais como: segurança, conforto, luxo.

As publicações constituem importante acervo de dados e fontes para conhecimento de estratégias para venda de apartamentos a um segmento social. Sob esse ponto de vista, apresentam-se como potenciais fontes de pesquisa aos estudos por serem representações das variadas formas do viver social dentro de contextos espaço-temporais peculiares ao momento em que foram produzidas. Pode oferecer contribuições relevantes para analisar peculiaridades para a compreensão de significados intrínsecos a contextos específicos.

Imagem 58| Edifício Beethoven



Observe-se que se destaca a localização e o programa arquitetônico. Fonte: *Diário de Pernambuco*, 1984, p.5.

Assim, ligam-se conceito e linguagem, que, pela representação, produzem sentido, porque oferecem condições de compreender leituras acerca das coisas, das pessoas e do mundo. Os processos de relação entre as coisas e os conceitos, discursos ou representações mentais, segundo Hall (op. cit.), constituem sistemas de representações que compõem um complexo de conceitos ou visões de mundo, individuais e coletivos, que abarcam modos de organizar estabelecendo-se, assim, os elos.

É dentro desse complexo de estudos e conceitos que se tentou compreender em que medida as formas de publicidade podem ser utilizadas na construção de ideias, para ampliar a compreensão do universo das coisas representadas em um complexo interligado às visões de mundo, nas quais quadros sociais, identidades e mentalidades podem ser examinadas. Sob esse ponto de vista, podem ser compreendidas como formas de linguagem, passíveis de análise, porque oferecem contribuições relevantes para estudar aspectos que enriqueçam a compreensão de significados intrínsecos a contextos específicos.

A década de 1980 foi relevante para o aumento de estudos das imagens no campo das ciências sociais. Fotografias, iconografias, vídeos e cinema são utilizados com maior frequência como fontes documentais, produtos de pesquisa e veículo de intervenção política e cultural. Da preocupação em discutir a relação entre arte e imagem se ressalta a importância do olhar, compreendido como socialmente construído, no qual as noções de estética não podem ser avaliadas fora do contexto histórico específico a cada sociedade e tempo histórico.

A representação é concebida pelo uso da linguagem para produzir um determinado sentido sobre alguma coisa, e que, de certo modo, permite falar de uma sociedade para outras pessoas. Assim, é pertinente pensar em estudos da produção publicitária por filtros diversos, perceber o pensamento que permeia a produção na década de 80, pois a sociedade constrói visões de objetos a partir de esquemas de conhecimento edificados socialmente.

Faz-se necessário, portanto, identificar e estudar sem os limites colocados por esquemas estilísticos, estéticos ou miméticos. Ou seja, compreender o conjunto de relações que participaram da construção do sentido para uma sociedade em seu

contexto, deixando espaço para a reflexão sobre produtores e produtos. Como aponta Menezes (2013), dos sistemas que possibilitaram ou que possuem ligações com tais produções.

Imagem 59 | Um empreendimento único

A ÚLTIMA OPORTUNIDADE NO EDIFÍCIO ITAOCA

Opportunities in Itaipava, in the heart of the city, in a unique building, in a unique location, in a unique environment. It represents a unique opportunity for those who want to invest in a unique project. The building is located in Itaipava, in the heart of the city, in a unique building, in a unique location, in a unique environment. It represents a unique opportunity for those who want to invest in a unique project. The building is located in Itaipava, in the heart of the city, in a unique building, in a unique location, in a unique environment. It represents a unique opportunity for those who want to invest in a unique project.

NOVAS OPORTUNIDADES - EDIFÍCIO ITAUNA

Para quem quer morar no Centro, com o mesmo padrão PlanteC em todos os detalhes. Tem tudo de Itaipava, aqui dentro: melhor acabamento, e ainda do seu ideal de conforto e bom gosto. Um andar elevado com pedras portuguesas, duas elevatórias, garagem privativa. Apartamentos espaçosa, com terraço, grande sala em "L", sala de recreação privada, churrasqueira, cozinha com bancada com dois cozinheiros e armários. O ambiente, construído por Luiz Carlos de Mello, Miguel Couto e Afonso Orlando - em área privilegiada e bem situada - próximo à Praça do Centro, PlanteC no local. Fones: 222-4012 e 268-2574

Invista num loteamento onde a segurança é o forte.

Para comprar as Incorporações de alto nível de segurança: HUBERTO FERREIRA PALMEIRA e CARLOS BENÍCIO MONTENEGRO DE MELO. Depois, da segurança patrimonial, sem foro. Finalmente, você vai pagar o menor preço por metro quadrado de lotaracão.

ILHAMAR

• Estrada do Forte Orange
• Água e luz a porta
• Pista asfaltada cortando o loteamento
• Ruas abertas
• Quadras e lotes demarcados
• Todos os lotes com vista para o mar.

LOTES A PARTIR DE Cr\$ 133.400, PRESTAÇÃO A PARTIR DE Cr\$ 1.733, FINANCIAMENTO EM 60 MESES, PREÇO FIXO - SEM JUROS

Incorporação: HUBERTO FERREIRA PALMEIRA CARLOS BENÍCIO MONTENEGRO DE MELO

UM EMPREENDIMENTO ÚNICO!

CLASSE, UNIDA AO REQUINTE DO BOM GOSTO.

São poucos os projetos que conseguem dar ao empreendimento características tão marcantes. Somente um visionário Artista faz de obra uma grande arte. É um grande investimento.

Edifício Maria Betânia

O APARTAMENTO POR INTEIRO.

O Edifício Maria Betânia é ter o direito de ser especial, com toda naturalidade. Mais do que um privilégio é uma conquista.

- Dois metros por andar. Acabamento de luxo
- 3 quartos, sendo uma suite com varanda
- Chuveiro
- Banheiro social
- Sala ampla para 2 ambientes
- Cozinha e dependências completas de serviço
- Armários embutidos e despensa
- Central de gás
- Insulção
- Dois elevadores Atlas
- Hall social, aquilhões de alumínio
- Antena coletiva para TV e correio e Fax
- Garagem subterrânea
- Gerador próprio

O local do Edifício Maria Betânia é também o melhor. Equipado, na Rua do Recife com Rua da Hora. Edifício Maria Betânia - para quem sabe o que é bom.

Mais um empreendimento

construtora quezar góvilis s.a.

Vendas em: **SUAPE**

CONSTRUTORA DE PLANTÃO NO LOCAL, EXCLUSIVAMENTE

Mapa e Stand de Vendas no Local.

Nos anúncios publicitários na década de 1980 pode-se observar abordagem sobre a temática da segurança como uma das razões para se morar em edifícios multifamiliares. Luxo, conforto e amplos espaços, são também anunciados como diferenciais. Fonte: Diário de Pernambuco, 1987, p.6.

Nessa perspectiva, é necessário, também, observar e compreender os valores sociais presentes ou ausentes em cada tempo, compreender os problemas sociais considerando as subjetividades que dela podem surgir, perceber como as ideias foram passadas e que efeitos provocam, buscar apreender nas imagens os tipos de relações sociais postos na sociedade e compreender a construção do olhar

e as inter-relações entre o que se produziu alinhando-se aos objetivos pretendidos que propiciaram a construções dessas formas de como representação.

Imagem 60 | Edifício Paganini

**Obra prima em 7 pavimentos
para família e convidados**

EDIFÍCIO
PAGANINI
Rua Ernesto de Paiva Santos, junto ao nº 365

Poupança fixa em 20 meses
Sinal a partir de Cr\$ 30.000,00
Prestações a partir de Cr\$ 4.500,00

Um edifício com localização nobre, concepção harmoniosa e acabamento primoroso: piloto, hall social em mármore, dois elevadores, antena coletiva para TV e FM, interfone, edificado em terreno próprio.

Varanda • Sala de estar e jantar • 3 dormitórios sociais (sendo 1 suite) alicatados • Lavabo decorado • 2 WC sociais decorados • Cozinha com balcão em mármore e pia em aço inox • Área de serviço • Dependências completas para empregados.

PLANTÃO DIARIAMENTE NO LOCAL ATÉ 18 HORAS

Destaque para o local do empreendimento, para o programa arquitetônico: salas amplas, três quartos com um suite, copa, cozinha, Hal, dependências para empregados, garagem privativa. Este foi em geral o programa básico para os apartamentos para a classe média e média alta. Note-se também o padrão da família. Fonte: Diário de Pernambuco, 1987, p.6.

A representação é o processo pelo qual as sociedades usam a linguagem para produzir sentido. O sentido está ligado à relação entre as coisas do mundo, ou seja, pessoas, objetos e acontecimentos a sistemas conceituais que atuam como representações mentais de si mesmos. As pessoas usam a linguagem para produzir

sentido e, desse modo, são capazes de compartilhar deduções ou visões. É por meio da cultura que se constroem os sentidos, ou que os mesmos podem ser reconhecidos e trocados. Nos casos das publicidades para os empreendimentos imobiliários no Recife, as estratégias empregadas tinham como alvo um público e utilizam leituras e estereótipos com os quais o público poderia se reconhecer e identificar com os modelos oferecidos.

Imagem 61 | Leia a ficha deste jovem

Leia a ficha deste jovem.

Nome: Edifício Gerânios
 Endereço: Rua Professor Augusto Lins e Silva,
 esquina com a rua Mário Souto Maior (siga o mapa)
 Bairro: Boa Viagem
 Estado (de construção) civil: bastante definido
 Profissão: prédio residencial
 Instrução: Nível superior
 Tipo sanguíneo: sangue azul positivo
 Filiação: Roberto Castro Soares, arquiteto e
 Concal-Engenharia e Empreendimentos Ltda.
 Sinais particulares: sobre pilotis, revestimento
 externo em pastilhas, hall social,
 estacionamento próprio e mezanino com bar,
 sanitário social e área de lazer.
 Apenas 2 apartamentos por andar.
 Citar dependências: 3 dormitórios sociais
 (1 suite), salas de jantar e estar, varanda,
 WC social e cozinha com azulejos
 decorados do piso ao teto, área de serviço
 e dependência completa para empregada.

SINAL: 140.613, MENSAL: 19.760,



Empresária Associada e ADEM

CONCAL
 Engenharia e Empreendimentos Ltda.

Paulista Alvarado

Imagem 62 | Edifício Casa Grande de Santana

É uma pena esta senhora não ter conhecido o edifício Casa Grande de Sant'Anna.

Ela iria se sentir muito à vontade em um dos seus apartamentos.

Para quem sempre viveu em locais aristocráticos, este edifício oferece apartamentos decorados com gosto, ao gosto muito à vontade no Edifício Casa Grande de Sant'Anna. Este edifício oferece apartamentos decorados, em harmonia, ao gosto. São apartamentos bem decorados, com salões de estar, quartos de sono, banheiros, cozinha de salão, playground, jardim e uma área de lazer para um excelente lazer residencial.

O seu apartamento possui um amplo salão e cozinha (1 suite), WC social, estufa, área de serviço e dependência completa para empregada. Aluga-se ou compra-se a todo gosto.

Atende-se a todo gosto.

Para mais detalhes e valores, consulte o Edital.

Rua do Comércio, 111 - Centro - Recife - PE

Telefone: 41.490.00 - Anexo: 22.130.00

EDIFÍCIO Casa Grande DE SANT'ANNA

CONSTRUTORA CONSTRUTORA DE SANT'ANNA

Os anúncios acima tentam estabelecer a comunicação pela criação de um tipo a ser reconhecido pela sociedade. Fonte: Diário de Pernambuco, 1985, p.4.

A Arquitetura é resultado de construções humanas e nasce, ou se justifica a partir das necessidades humanas. Sem os indivíduos, ela não cumpre sua função social, ou seja, requer técnica, arte e funcionalidade, atributos sem os quais perde o

sentido. No universo de pesquisa da História da Arquitetura e do Urbanismo, o espaço sobre o qual o ser humano interfere se constitui como principal objeto de investigação aos estudos urbanos e arquitetônicos para compreender as variações e modos de produção do espaço pelas diferentes sociedades ao longo do tempo.

Sendo assim, o estudo da produção de imagens pela leitura das mídias na década de 1980 no Recife permite que se visualizem discursos específicos com a finalidade de suscitar o desejo de consumo dos modelos habitacionais e dos comerciais. Os incorporadores trabalharam com estratégias diversificadas, tendo em vista que, no início da década de 1980, grande parte da sociedade residia em casas e trabalhava em edificações adaptadas ao comércio. O conjunto de imagens produzidas nesse período apresenta diferenças. Para cada tipo colocado à venda, havia um público-alvo, ou seja, o futuro consumidor.

De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma operação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar, almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores, destacada (alienada) dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a sociedade de consumidores em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolhas e condutas individuais (BAUMAN, 2007, p. 41).

Uma parte volta-se para as preocupações com a segurança. As propagandas de edifícios deixavam clara a ideia de necessidade de segurança, pois até os anos 1970, a maior parte dos edifícios não possuía guarita, as entradas principais eram desprovidas de portões de segurança. A medida que os assaltos a apartamentos aumenta, difundem-se dispositivos de segurança e as guaritas passam a ser edificadas na entrada dos edifícios com a finalidade de barrar e identificar possíveis estranhos ao edifício e aos moradores do local.

Dentre as estratégias publicitárias na produção de ideias para atrair e convencer os consumidores o alvo passa a ser a classe média alta para adquirirem apartamento. Em geral, as classes mais abastadas residiam em casas amplas com terrenos grandes. Os moradores mantinham a privacidade de habitar em unidades unifamiliares isoladas. Ao mudar para um edifício, o novo morador teria perdas do

ponto de vista do espaço individual. Nestes casos, observa-se a construção de apartamentos muito amplos em que a noção de espaço é destacada.

No Recife, morava-se prioritariamente em casas. Os apartamentos, de certo modo, reduzem a liberdade e individualidade das famílias. Os discursos empregados por empresas voltadas para o ramo imobiliário muitas vezes utilizam o argumento da segurança. Ao mesmo tempo, buscava-se mostrar que os apartamentos eram grandes, o que faria o cliente se sentir em casa: “O Edifício Josefa Roque — além de todo o luxo — tem o conforto do espaço” (Jornal do Commercio, 1983, p. 5).

Na época, os apartamentos edificados eram bem dimensionados, com amplos espaços para salas, quartos e banheiros. É de se notar a estratégia utilizada pelas imobiliárias com vistas a estimular os consumidores e atrair futuros clientes. Nas operações e nos discursos imobiliários, as propagandas para o Edifício Casa Grande de Santana destacam, no bairro de Casa Forte, o requinte aristocrático, a tranquilidade e o fato de o bairro ter a maior área verde do Recife.

Casa Grande de Santana: aristocrático, tranquilo e valorizado como o bairro em que nasceu Casa Forte. More do edifício de maior área verde do Recife – 6.000 m² de área. (Diário de Pernambuco - Classificados, 1986, p.4).

Essa constatação, no discurso midiático, observa-se bastante em projetos de edifícios cujos apartamentos possuíam área privativa ampla. Assim, a falta do espaço da casa unifamiliar deveria ser menos percebida. Nesse momento, a preocupação com as áreas condominiais não se voltaram para as interações entre condôminos. A sensação de ter privacidade, conforto e segurança eram indispensáveis. O luxo, o conforto e o emprego de novos materiais de construção foram diferenciais para convencer os futuros moradores. No bairro de Boa Viagem, surgem os condomínios com edifícios maiores e mais luxuosos.

Edifício com localização nobre, concepção harmoniosa, acabamento primoroso, pilotis, *hall* social em mármore, dois elevadores, antena coletiva para TV e FM, interfone, varanda, 3 quartos, um suíte e alcatifados, 2 wc decorados, sala de estar e jantar, cozinha com balcão em mármore e cubas inox, área de serviço e dependência de empregados (*Classificados*, Diário de Pernambuco, 1987, p.5).

A relação que se estabeleceu entre novas tipologias, tanto habitacionais quanto a de comércio e de serviços com a segurança, a propagação de um estado de violência que tomava conta da cidade, provocavam medos diversos na sociedade. Novamente, os empreendimentos utilizaram a segurança como maior artifício para a venda de seus produtos. Não seriam primordiais os encontros interpessoais, mas a certeza de se estar protegido. Esse contexto deve ser considerado principalmente pelos efeitos que produziam nos leitores (MENEZES, 2013).

Imagem 63 | A publicidade que valoriza o local

More de frente para o mar
COM MENSALIDADE DE
ALUGUEL
ÚLTIMAS UNIDADES
No Edifício
GRÇA DJAS

12 m² de 4 a sua casa, no ponto mais seguro (e protegido por ar-condicionado) na praia de CASA CAIADA - OLINDA.

Área total - 2 por andar, 3 dormitórios sociais, sendo 1 suíte com varanda. Exibindo sala para 2 ambientes, varanda para 1 dia. Cozinha equipada. Banheiro, ar-condicionado, antena coletiva para FM/TV, 1ª paragem de elevador, 4 unidades de elevador e elevador. 2 piscinas exteriores. Próprio estacionamento exclusivo para serviços e deparação para visitantes. Seguro no condomínio.

SINAL: 129.000,
Mas um empreendimento da Construtora e Incorporadora R.R. Ltda.

Patrimônio
Imobiliária
F. 2222-2222

NA RUA DOS SONHOS UM SONHO DE APARTAMENTO
No Edifício
FRANCISCO LOUREIRO

Prédio sobre pilotis, com garagem. Acabamento externo, inclusive o pilotis em pastilha, esquadrias de alumínio, sala para dois ambientes em assoalho com varanda, três dormitórios sociais (1 suíte), totalmente acabados, ampla cozinha com azulejo decorado de piso a teto, com pia em inox, antena coletiva para TV e FM.

SINAL: 49.000,

MENSAL: MENOS QUE O ALUGUEL
BRANDENGE EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA.

Av. S. VIEIRA DE NELO

Patrimônio
Imobiliária
F. 2222-2222

Duas frentes de ação nos padrões de vendas, uma para o local, para os atributos do Apartamento, e outro para a compra de terras em locais mais distantes do Recife, como Aldeia, por exemplo.

Imagem 64 | A expansão do mercado imobiliário no Recife na década de 1980

LANÇAMENTO CONDOMÍNIO ED. SHEILA REGINA - Rua Mariz e Costa, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

LANÇAMENTO ED. VIGOR ED. CAPRICHO - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

LANÇAMENTO ED. SENEZA - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

CONDOMÍNIO ED. CASA GRANDE SUL ESTRELA - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

CONDOMÍNIO ED. CENTRO - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

CONDOMÍNIO ED. BARRAGEM - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

CONDOMÍNIO ED. SENEZA FORTA - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

CONDOMÍNIO ED. CANAL - Rua Manoel Gomes de Sá, 100 - Bairro Santa Theresinha, 100 metros quadrados, 12 apartamentos, 2 vagas de garagem, 1 piscina, elevador, salão de festas, sala de jogos e academia, 2 anos de construção, 4 unidades em construção.

ANO NOVO, CASA NOVA.

INAB
FONE: 231-1234

Observe-se o número de lançamentos de edifícios condominiais na década de 80. Os empreendimentos para a classe média alta nos bairros centrais da cidade e centro estendido, transformaram em pouco tempo o bairro do Espinheiro, por exemplo. Fonte: Jornal do Commercio. Ano: 1984.

Imagem 65: A publicidade que valoriza o loteamento



Duas frentes de ação nos padrões de vendas, uma para o local, para os atributos do Apartamento, e outro para a compra de terras em locais mais distantes do Recife, como Aldeia, por exemplo. Observe-se a informação do programa arquitetônico amplo. Fonte: Jornal do Commercio, 1987.

Imagem 66: Imagens e construção de modelos para moradia no Recife. Década de 1980.

Os maiores e mais luxuosos empreendimentos focaram no Bairro de Boa Viagem, Espinheiro, Casa Forte e Parnamirim. Muitos destruíram casas ou conjunto de casas representativas para a sociedade. Essas demolições levaram à promulgação, nos anos 1990, de leis especiais para imóveis patrimoniais, para os 12 bairros centrais e para construção em áreas próximas às praças, restringindo-se os coeficientes permitidos para construção e definindo a taxa de áreas verde. Fonte: Diário de Pernambuco. Ano: 1984.

Os estudos de mercado estavam sempre em sintonia com as mudanças sociais, mas não só isso. Conforme apontou Bauman (1989), a sociedade formada para a criação de consumidores cria as necessidades para que seus produtos sejam desejados. É comum as reportagens associarem valores essenciais à vida das pessoas às imagens e explicações sobre os edifícios a serem comercializados. Muitos anúncios de empreendimentos na Boa Vista prometem resolver todos os problemas de “economia e conforto”.

Imagem 67 | Anúncio para venda de terrenos em Aldeia.

SOLTE SEU FILHO

Não deixe seu filho entre quatro paredes de um apartamento. SOLTE-O. Dê mais espaço para ele, para você, para sua família. Dê espaço 21. Áreas modulares residenciais de até 5.000 m², com clima de montanha, muito verde, perto da cidade e de fácil acesso. Mais de mil famílias já estão construindo lá.

Localização

5% de Entrada.
Financiamento direto em 60 meses.
Preço fixo.
Prestação mensal a partir de Cr\$ 1.900,00

EPACOM

MM Incorporação e Vendas
M.M.LACERDA LTDA
Rua Saldanha Marinho, 19
Edif. Zikar, c. 810
Tels. 221-9796 e 221-6048
Projeto: Ana Lúcia Barros
Norma Gonçalves
Sueli J. Mattel

Férias a vista inerte

Nota-se que a produção midiática assumiu posturas antagônicas. Criou as necessidades para sair das casas unifamiliares nos bairros centrais da cidade e criou apelos para que se faça a opção pela moradia em locais distantes do centro do Recife. Fonte: Jornal do Commercio, 1985, p.5.

Na expansão dos bairros e verticalização, as mídias tentaram convencer compradores que viviam em casas unifamiliares, com jardins, quintais, individualidade e privacidade. Mas o Recife se expandiu para lugares mais distantes, como Aldeia, que se transformou na opção mais indicada para refúgio dos centros agitados. As mídias colocaram Aldeia como o local mais nobre do grande Recife, com loteamentos novos e terrenos com 5.000 m² de área livre. Os anúncios dos classificados dos jornais estimulam a compra de terras em suas propagandas.

Este crescimento distancia-se para o sul, em direção a Candeias, que promete os avanços nas técnicas de edificar como diferencial para o edifício, que teriam garagem, edifício sobre pilotis, acabamento externo, esquadrias de alumínio,

salas para dois ambientes, em assoalho, com varanda, quartos alcatifados, cozinha ampla, azulejos de piso a teto, pias inox e antena coletiva para TV e FM. Em paralelo, aumenta-se o valor do *Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU*. E ainda, observa-se também uma política de valorização de algumas áreas da cidade em que os empreendedores imobiliários atuavam.

Imagem 68 | Anúncio de edifícios à venda no Recife

The image displays six real estate advertisements for buildings in Recife, Brazil. Each advertisement includes the name of the building, its location, and key features.

- São José:** Located in São José, it features a sign that says "NO EDIFÍCIO SÃO JOSÉ VOCÊ SÓ ENCONTRA UM DEFEITO: É NÃO TER DO QUE RECLAMAR." The price is R\$ 66,000.00 (Sinal) and R\$ 16,457.00 (Mensal).
- Veronese:** Located in Rio Doce, it features a sign that says "Na quadra do mar, o menor preço no maior espaço. Nada mal para quem quer morar bem." The price is R\$ 60,000.00 (SINAL) and R\$ 18,821.00 (MENSAL).
- Dr. José Silveira:** Located in Boa Viagem, it features a sign that says "Edifício Dr. José Silveira. Sem dívida o melhor." The price is R\$ 15,000.00 (SINAL) and R\$ 15,819.00 (MENSAL).
- Paraná:** Located in Tamarineira, it features a sign that says "NA TAMARINEIRA LOUCO É QUEM NÃO MORAR NO PARANÁ." The price is R\$ 40,000.00 (SINAL) and R\$ 10,438.00 (MENSAL).
- Marujá:** Located in Marujá, it features a sign that says "CONHEÇA A CLASSE DO BEM MORAR NO NOVO PRADO." The price is R\$ 15,000.00 (SINAL) and R\$ 15,819.00 (MENSAL).
- Vercelli:** Located in Boa Viagem, it features a sign that says "Pague apenas 15.868,00 mensais e só depois que estiver morando em Boa Viagem." The price is R\$ 43,000.00 (Sinal).

O adensamento do Recife de bairros que tangenciam os bairros mais valorizados pelo mercado imobiliário.

As construções foram postas. Ao longo da década, a afirmação desses modelos se intensificaram, novos contextos sociais e lugares de sociabilidades foram configurados, incluindo-se os centros de compras, ou *shoppings centers*. A construção das sociabilidades no Recife da década de 1980 apresenta conexões com a vida e as mudanças sociais. Elas estão bem relacionadas a novos modelos de vida e à construção de ideais coletivos amparados na ideia de medo e de necessidade de proteção da violência urbana que se disseminou na cidade, também propagada continuamente pelas mídias dos jornais e da televisão.

Imagem 69 | A expansão do mercado imobiliário e da construção civil nos bairros mais perto do Centro Principal do Recife

<p>BOA VIAGEM</p> <p>LANÇAMENTO RECIFE FLAT SERVICE</p> <p>APARTAMENTOS DE QUARTO - E - SALA 2 QUARTOS COM SUÍTE E COBERTURA COM PISCINA</p>	<p>Aqui está a relação dos plantões de vendas de Paulo Miranda.</p>	<p>OLINDA</p> <p>BEIRA-MAR MARLIN ROYAL FLAT</p> <p>AV. BEIRA MAR - MARIA FARINHA PADRÃO 3 ESTRELAS</p>	
<p>PARNAMIRIM</p> <p>EDIFÍCIO PRAIA DE GENIPABU</p> <p>SALA EM CERÂMICA, VARANDA, TRÊS QUARTOS, PRONTO PARA MORAR PRÓXIMO AO PARQUE DA JAQUEIRA</p>	<p>PARNAMIRIM</p> <p>EDIFÍCIO LE CHATEAU BRISSAC</p> <p>SALA DE ESTAR E JANTAR, 3 QUARTOS (1 SUÍTE) - RUA CHAVES (COUTINHO) 304</p>	<p>BOA VISTA</p> <p>EDIFÍCIO MORADA DA BOA VISTA</p> <p>SALÃO EM L, 3 QUARTOS (1 SUÍTE) - RUA JORNALISTA EDUARDO BITTENCOURT 5ª TRAVESSA DA RUA JOSE DE ALENCAR</p>	
<p>MADALENA</p> <p>EDIFÍCIO PRINCEPE DE VERONA</p> <p>SALA PARA 3 AMBIENTES, 3 QUARTOS (1 SUÍTE) - AV. BEIRA RIO, 55</p>	<p>BOA VIAGEM</p> <p>EDIFÍCIO RIO AMAZONAS</p> <p>ACABAMENTO DE MADEIRA 3 QUARTOS (1 SUÍTE) - VARANDA EM L 2 GARAGENS - RUA AQUIDABA</p>	<p>CASA FORTE</p> <p>EDIFÍCIO FLOR DE SANTANA</p> <p>DUAS AMPLAS SALAS, 4 QUARTOS (2 SUÍTES) - AV. 17 DE AGOSTO, 712</p>	
<p>BOA VIAGEM</p> <p>EDIFÍCIO LE CHATEAU D'ANGERS</p> <p>SALA PARA 2 AMBIENTES, 2 QUARTOS (1 SUÍTE) - RUA RUBENS DE BRITO PERTO DO SHOPPING CENTER RECIFE</p>	<p>CASA FORTE</p> <p>EDIFÍCIO PORTA D'ÁGUA</p> <p>3 SALÕES, 4 QUARTOS (2 SUÍTES) - RUA 19 DE ABRIL, 30</p>	<p>PARNAMIRIM</p> <p>EDIFÍCIO VIOLETA</p> <p>3 QUARTOS (1 SUÍTE) COM 165M² ÁREA UTIL - ESTRADA DO ARRAIAL COM JOSÉ CARVALHEIRA</p>	
<p>PARNAMIRIM</p> <p>EDIFÍCIO LE CHATEAU SERRANT</p> <p>SALA EM L, 3 QUARTOS (1 SUÍTE) RUA ABRAÃO LINCOLN</p>	<p>BOA VIAGEM</p> <p>EDIFÍCIO DANIELA</p> <p>SALA PARA DOIS AMBIENTES, VARANDA, DOIS QUARTOS E GARAGEM RUA ELADIO RAMOS, 101</p>	<p>MADALENA</p> <p>EDIFÍCIO VITÓRIA RÉGIA</p> <p>APARTAMENTO COM 3 SALÕES, 4 QUARTOS (4 SUÍTES) - AV. BEIRA RIO</p>	
<p>IMÓVEIS USADOS PAULO MIRANDA</p>		<p>NEGÓCIO FECHADO</p> <p>Para comprar ou vender imóvel usado, procure Paulo Miranda Imóveis. Você conta com especialistas para avaliação, anúncio no portal, acompanhamento de todo o processo de venda, assistência jurídica e a melhor rede de corretores para vender seu imóvel. Para fechar negócio com seu imóvel usado, conte com Paulo Miranda.</p>	<p>PAULO MIRANDA IMÓVEIS</p>

A imagem acima denota o crescimento dos bairros denominados 'nobres' do Recife em que é possível observar o adensamento dos bairros no Recife na década de 1980.

Fonte: Diário de Pernambuco, 1985, p. 4.

Sendo assim, as bases conceituais que nortearam a construção de novos espaços para as classes mais abastadas fundamentaram-se na valorização do lugar e em seus atributos intangíveis de valorização, como por exemplo, fortalecimento de ligações com a história do lugar. Outro ponto interligou-se à noção de proteção. A ideia de proteção decorreu da violência que passou a fazer parte das discussões cotidianas da sociedade, que passou a fazer parte e estar em todos os bairros da cidade. Portanto, na realidade, o Recife transformou-se em uma cidade bastante insegura, indicando a falência do sistema de proteção que deveria ser realizada pelo setor público. De certo modo, não haveria lugar seguro dentro da cidade.

Para compensar a falta de segurança e de confiança nas estruturas públicas crescem o número de empresas de segurança privada. Do ponto de vista da relação espaço público e privado, variaram as soluções de interação com os espaços públicos, como ruas e passeios públicos. As divisas entre lotes se tornaram mais altas. Se na década de 1970 encontramos muros divisórios com 1,80 m de altura, portões vazados que conferiam permeabilidade e interações entre os transeuntes e os moradores do local, a legislação passou a permitir a construção de muros com mais de três metros de altura

Os muros e a ausência, ou redução, do contato entre as pessoas levaram ao isolamento cada vez maior dos moradores e à falta de ligação com a rua e os passantes, ou mesmo os vizinhos. A sensação de segurança não se concretizavam, pois os roubos, assaltos e assassinatos continuaram a acontecer, ainda que nas entradas dos portões dos edifícios, que já começaram a substituir as portarias no interior por guaritas na entrada social para controle. As mídias anunciam novas modalidades de roubos e assaltos, a sociedade deseja se proteger e um amplo catálogo de formas e serviços profissionais de proteção são divulgados.

As formas de sociabilidade modificaram ou mesmo se deslocaram das ruas e das praças para os centros comerciais e as galerias que se multiplicaram na cidade. Crescem individualismos, ou restrição entre grupos que interagem dentro de suas classes em seus meios de convivência. Foram modelos que tenderam a excluir, desconfiar e duvidar de todos os que se aproximavam das moradias, sendo empregados por empresas e edificações para as classes mais altas, multiplicados nos bairros com maiores índices de inclusão social do Recife.

As classes mais pobres — as comunidades que historicamente estiveram a reboque das renovações e da qualificação dos espaços públicos dos bairros incluídos no sistema — e suas moradias continuaram precárias. Ainda que estudos diversificados tenham apontado desigualdades, pobreza e miséria vivenciando ou margeando os bairros e áreas ribeirinhas do Recife, efetivamente esses problemas não foram resolvidos e continuam a crescer. Ao Recife na pós-modernidade, discursos repetitivos e promessas vazias; estudos qualificados que esbarraram na burocracia da estrutura governamental, sem soluções definitivas, apenas paliativas para minimizar os graves problemas sociais cuja tendência foi piorar.

Capítulo IV .2 | **O fascínio dos novos caminhos: a construção de novos lugares para o Recife**

A cidade aumenta seu espaço de importância política. É a nossa grande moradia. Não se organiza, nos pontos mais cruciais, e se perde nas especulações. Seus territórios valem contabilidades secretas e negociações que concentram riquezas. A cidade se torna mercadoria valiosa, vitrine de coisas ambicionadas para multiplicar a centralização e inibir a solidariedade. Caminhamos pelas ruas sem observar, muitas vezes, que a pressa derruba reflexões e fecha a porta do diálogo. Nem perguntamos pelas paisagens e suas formas. *Desapegar* é verbo sinuoso, pois atíça os pertencimentos (REZENDE, 2015)⁶².

No contexto da sociedade atual, tornou-se difícil não alinhar aos estudos da “cidade líquido-moderna” (BAUMAN, 2007, p. 87), noções sobre globalização, tecnologia, informação, comunicação, fluxos, ciberespaço, descontinuidades, identidade e cultura. A cidade contemporânea tem sido tema para estudos em diversos campos do saber. Está sujeita a diferentes interpretações e ressignificações, uma vez que seu conceito é historicamente construído.

A complexidade das relações de sociabilidade aumenta quando consideramos as tecnologias de comunicação virtuais, cujo avanço permite interações contínuas, em tempo real e lugares virtuais. Essas novas possibilidades de comunicação também permitem o estar *em*, o estar *contra*, de modo intenso e simultaneamente interagindo com diversos lugares, cujas identidades e tradições podem não apresentar vínculos culturais (BAUMAN, 2007).

Nesse sentido, permanências e transformações formam uma complexa teia de relações em que individualidades, diversidade e subjetividades coexistem e transparecem não apenas por atitudes, mas podem ser observadas nas disposições e conformações espaciais na construção dos ambientes citadinos. Assim, o ambiente urbano é o lugar em que a diversidade se manifesta (FRÚGOLI, 2007).

⁶² [http://www.astuciadeulisses.com.br/a-cidade-inquietudes-e-ocupacoes/Antonio Paulo- 12.05.2015](http://www.astuciadeulisses.com.br/a-cidade-inquietudes-e-ocupacoes/Antonio%20Paulo-12.05.2015) acesso em 12/05/2015, às 00:03h.

As práticas socioespaciais na atualidade se configuram por mudanças rápidas que constantemente são reexaminadas à medida que as informações são trocadas continuamente pelas redes sociais virtuais (HALL, 2011). Sendo assim, a complexidade marca as relações que transparecem na cidade e não há definição que possa abranger, exclusivamente, a multiplicidade de visões que eclodem em virtude das dimensões que a cidade possui como espaço de comunicação, convivência, memórias, sonhos, saudades e tantas quantas referências possam dela suscitar.

Em um mundo globalizado, a cada momento as mudanças interferem na identidade cultural das sociedades e nos nossos pontos de apoio, ou referências, que tradicionalmente ancoraram as convivências e a vida das pessoas, configurando relações complexas porque a existência das pessoas se funda em trocas, vivências, percepções e atitudes cujas bases se encontram entrelaçadas em uma ampla teia de vinculações.

As redes urdidas ao longo do tempo podem ser observadas a partir do conhecimento de conexões que cercam a vida das pessoas, cotidianamente. Nesse contexto, práticas, relações sociais e espaços edificados deixam de ter funções específicas. Passam a ser uma combinação subjetiva de fazeres, pensamentos e sentimentos que transparecem, entre imagens e formas, regidas por leis próprias, repletas de representatividade e intencionalidade (SANTOS, 1996).

A ambiência urbana⁶³ é resultado de convivências que se constroem em contextos culturais específicos e decorrem de múltiplas delimitações. Em uma sociedade diversificada como a da pós-modernidade⁶⁴, as mudanças sociais atribuem valores e papéis diferenciados às representações que moldam a produção espacial. Portanto, novos desejos demandam outras práticas e representações. Aspectos permanentes e necessidades de transformação passam a coexistir em uma dialética gerada pela ligação entre aspirações e fenômenos vivenciados,

⁶³Ambiência é um conjunto de condições sociais, culturais e morais que cercam o ambiente em que as pessoas vivem e que sobre elas inclui (HOUAISS, 2001). Na cidade ela se realiza por meio das relações sociais, ou seja, pela vitalidade urbana.

⁶⁴As especificidades do Pós-Modernismo devem ser compreendidas como sintomas e expressões de uma necessidade de fazer escolhas contraditórias. Envolve a inclusão das pessoas como sujeitos individuais numa realidade com muitas dimensões e descontinuidades, com estruturas sujeitas às instabilidades do capitalismo global, o que dificulta a compreensão de aspectos significativos para a sociedade (HARVEY, 1999 apud ORTEGOSA, 2004).

visíveis no cotidiano das pessoas pelas relações nos ambientes urbano-arquitetônicos⁶⁵ (op. cit.).

Na contemporaneidade e no âmbito urbano, as necessidades sociais, antigas e novas, configuram dinâmicas socioespaciais. Novas centralidades reelaboram modos de se relacionar, vivenciar, produzir e reinterpretar os ambientes onde a vida cotidiana acontece e geram necessidades de transformação. As modificações resultam da mudança de paradigmas e visões de mundo, que alteram, também, os modelos de representação no cenário urbano. Assim, a paisagem cultural⁶⁶, reflexo da interação entre indivíduo e meio, modifica-se para se adaptar às exigências humanas (op. cit.).

No campo social, cotidianamente, é nos lugares que os seres humanos almejam dar sentido, identidade e significado as suas vidas. Contudo, nas cidades de hoje poderes globais atuam e levam a transformações de ordem político-econômicas que introduzem modificações significativas nos modos de viver, em que práticas culturais locais interagem com o mundo em conexões virtuais (BAUMAN, 2007).

A partir das últimas décadas do século XX, configuram-se modelos de cidade com a incerteza, o risco, a multiplicidade, a fragmentação e a indeterminação delimitações inerentes ao mundo globalizado. Esses modelos interligam sociedade, cultura, identidade, tecnologia e espaço. As cidades são o cenário para as mudanças em uma sociedade formada por pessoas conectadas a redes virtuais e em tempo real que trocam informações e comunicam vivências para todos os lugares do mundo (ARAÚJO, 2011).

Essas novas maneiras de se relacionar também moldam espaços e representações, uma vez que as relações humanas são mediadas em lugares e que dentre nossas práticas cotidianas se incluem, também, a práticas no ciberespaço.

⁶⁵ As cidades e suas arquiteturas são artefatos materiais resultantes de necessidades sociais. Alterando-se a visão de mundo do corpo social, modifica-se o modo de vida, fatos que se rebatem sobre o ambiente urbano-arquitetônico (ROSSI, 1998).

⁶⁶ *Paisagem cultural* é o conjunto resultante de relacionamentos existentes em certo período entre indivíduos em um território definido. Sua aparência é resultado da ação de fatores naturais e humanos. Conhecê-la auxilia a identificar culturas, práticas, crenças e tradições (CURY, Recomendação nº R(95)9, 2004).

Desse modo, as novas tecnologias de comunicação, informação, sensores, câmeras e defesa são forjadas para atender aos novos modelos para encontro e práticas de sociabilidade, seja reais, seja virtuais (BAUMAN, 2007). No Recife, a reconstrução da cidadania criou possibilidades para que as pessoas e os diferentes grupos sociais se manifestassem.

Imagem 70 | Demolição de casas antigas em uma quadra do Bairro da Boa Vista



Autoria: Vania Cavalcanti – Ano: 2015

Os avanços tecnológicos e a introdução das variadas comunicação virtual abriram espaço para que as práticas socioespaciais se tornassem interativas, inclusivas, de exclusão, de permanência e de transformação. Continuidades e mudanças são partes da complexa trama resultante das ligações entre tempos, histórias e memórias nas sociedades e cidades atuais. Novas necessidades e práticas de sociabilidade demandam outras respostas, que mudam as cidades na

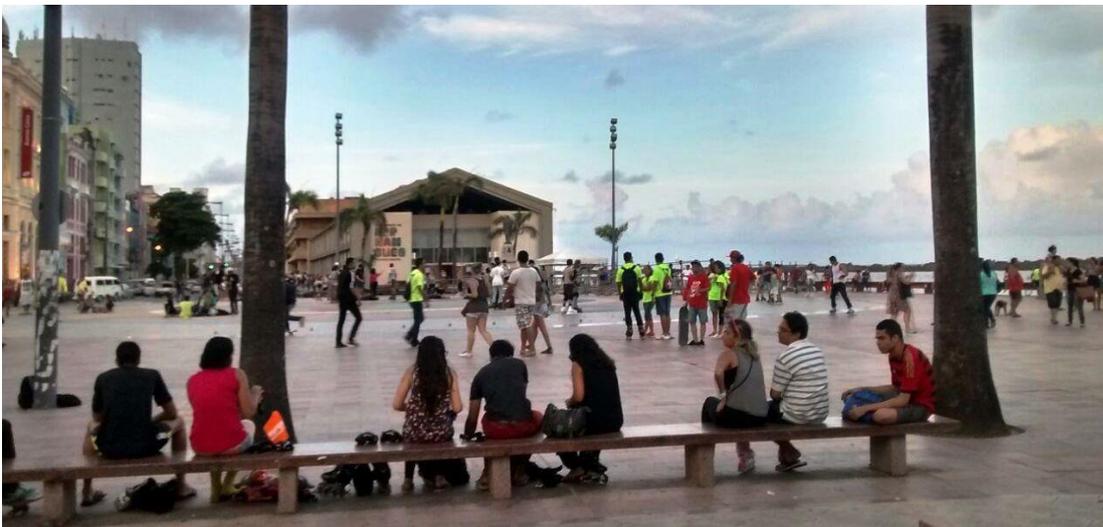
contemporaneidade. A sociedade se expressa e se agrupa por meio das redes sociais e de certa maneira fica fortalecida.

Imagem 71 | O Recife visto de Olinda



Autora: Vania Cavalcanti – Ano: 2015

Imagem 72 | Sociabilidades no Bairro do Recife



Autora: Vania Cavalcanti – Ano: 2015

Novas configurações inseridas nesse contexto são delineadas e alteram as relações de sociabilidade. No que concerne às questões urbanas, as transformações e os problemas dela resultantes atingem a todos. Em meio a um conjunto de relações antagônicas, a cidade parece mesmo um grande cenário em que

discussões sobre antigo, novo, identidade, mudanças, permanências e relações socioespaciais dividem forças ou disputam espaço⁶⁷.

Para construir um Novo Recife, reencontrado com a sua história e sintonizado com o seu futuro [...] o Novo Recife é a vontade de elevar a nossa terra de volta para o lugar que merece: uma cidade reconhecida, respeitada e valorizada, uma referência para o Brasil e para o mundo (Trecho do discurso de posse do prefeito Geraldo Júlio em 01/01/2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=of_mBwg6YzU).

Tem sido corrente nas mídias notícias acerca dos projetos para um “novo Recife”. As transformações são bastante significativas do ponto de vista socioespacial e motivam contestação entre arquitetos, urbanistas, historiadores, sociólogos, advogados, geólogos, entre outros. São amplamente debatidas nas redes sociais pela Internet. Mediante os paradigmas e paradoxos atuais, tornou-se difícil identificar e apreender o novo tal qual se anuncia para o Recife. Observa-se com maior clareza que as decisões que envolvam relações sociais e ambientes urbanos prescindem da participação da sociedade.

Essas práticas se interligam ao contexto que a modernidade tardia traz consigo, com modelos de representação que precisam ser pensados para ser compreendidos (HALL, 2011). É problematizar e trazer reflexões importantes sobre a vida nas grandes cidades brasileiras. É pensar acerca de temas que constituem a razão de ser, de viver e de conviver no mundo de hoje, mas que se desvendam com velocidade e intensidade em nossas vidas. São práticas de sociabilidade.

Foi necessário, no entanto, pensar um pouco mais no momento em que os tempos são líquidos (BAUMAN, 2000) e em que somos, a todo instante, seduzidos pela mídia, pelos lugares que fomentam sonhos e nutrem ilusões. Este trabalho, portanto, é uma pequena parte de muitas ideias para estudar sociabilidade e subjetividades no Recife que tem sido edificado no decorrer do últimos 30 anos, com transformações de lugares tradicionais, de quadras inteiras de habitações unifamiliares que representavam modelos de viver e de se relacionar ao longo deste mesmo século.

⁶⁷ No dia 1º de janeiro de 2013, o novo prefeito do Recife, Geraldo Júlio, assumiu a gestão da cidade. Em seu discurso de posse, falou da missão de mudar o Recife. O vídeo foi publicado no *site* do *Jornal do Commercio* (www.jconline.com.br). Acessado em 03/01/2013, às 22:35h).

Das transformações e construções da década de 1980, muitas delas já se encontram anacrônicas em decorrência do modelo vigente, que tende a supervalorizar algumas áreas, com bairros designados como *nobres*, criando-se modelos de representação e de identificação para segmentos sociais mais abastados, desconsiderando-se que nesses mesmos bairros do Recife vivem comunidades não assistidas pelos serviços públicos básicos, como água, esgoto, coleta de lixo e luz, conforme apontaram os estudos realizados por Cavalcanti, Lyra e Avelino (2008).

Compreender a sociedade atual — com anseios, necessidades, práticas, relações e modelos de representação que surgem como novos padrões, em meio aos formados ao longo do tempo — constitui-se em um dos grandes problemas na atualidade, pois é corrente saber-se que os indivíduos possuem subjetividades. Segundo Santos (1996), a compreensão das práticas e relações sociais nesse complexo de formas e representações presentes nas cidades requer compreensão de aspectos diferenciados, que organizam a sociedade contemporânea em meio aos antagonismos sociais.

Admitiu-se aqui que a significação cultural é testemunho do passado, do presente e do futuro. Ela se impõe e se revela como documento de uma cultura, marco de que a ambiência urbana se realiza pela vitalidade social. Pode estar parcialmente oculta, muitas vezes porque se desvenda quando interfere na maneira de o indivíduo agir, pensar, sentir e olhar os ambientes e com eles se relacionar. Pode variar, de sociedade para sociedade, mas persiste em ligações e comportamentos individuais ou coletivos da sociedade à qual se liga⁶⁸ (HALL, 2005).

A cultura é a base pela qual os indivíduos percebem o mundo, as relações e sensações que dele emanam (op. cit.). As formas criadas, especialmente as urbano-arquitetônicas, estão inevitavelmente interligadas à vida e à cultura da sociedade. Os contextos são apreendidos a partir do conhecimento da sociedade da época, que cria as condições ao estar no mundo entre os indivíduos (ARENDRT, 2010).

⁶⁸ Leitão (2009) relaciona diversos acontecimentos urbanísticos das cidades brasileiras, especificamente as do Nordeste, a heranças culturais configuradas no decorrer da formação dessas cidades. Para ela, o espaço público sempre foi um ambiente de exclusão, reservado aos negros, negras e mascates. As casas grandes dos engenhos e, posteriormente, os sobrados eram ambientes fechados ao viver com a família e negavam a relação com a rua.

Em virtude dessas constatações, as pesquisas sobre maneiras de compreender e de estudar as representações que se materializam no cenário urbano⁶⁹ não se esgotaram. Em se tratando de ambientes que se transformam cotidianamente, como o Recife, a complexidade transparece pelas especificidades, participam de uma construção permanente; desvendam e dimensionam significados diversos.

As formas espaciais são resultado de desejos e anseios sociais. Representam um conjunto cultural que se revela sob diferentes configurações, mesmo quando não explicitamente visíveis. Reservam identidades cuja compreensão extrapola a apreensão da forma em si, com significações ou ressignificações relacionadas à gradual articulação entre permanências, transformações, necessidades e representações sociais (ROSSI, 1998).

As estruturas materiais que instituem, ou que passam a constituir os ambientes construídos, tornam-se marcas impressas na paisagem local, não apenas sob o ponto de vista da matéria construída, ou da transformação de paisagens culturais, porém, especificamente, do que significam para o viver social e ao desejo de ser feliz (COMTE-SPONVILLE, 2001), considerados valores inerentes à condição humana.

A realidade que a sociedade atual vivencia, cotidianamente, é algo que se estende em um mundo em movimento, portanto, em transformação. Contudo, em meio às mudanças, há subjetividades humanas que permanecem. Todas são mediadas em lugares. Desse modo, a realidade atual descortina um universo de relações socioespaciais que se apresentam mediante a estrutura social.

⁶⁹A cidade possui dimensões sujeitas a leituras diversificadas: espaço de convivência, de sonhos, memórias, recordações, saudades, anseios e medos. Portanto, cada indivíduo traz uma visão e um sentimento de cidade particular.

Imagem 73 | Sem teto no Centro Principal do Recife



Imagem 74 | Sem Teto dormindo na Praça Osvaldo Cruz na Boa Vista



No Recife encontramos diversos grupos de sem teto que vivem nas praças da cidade. Fotografias: Vania Cavalcanti, 2015.

Existem muitos caminhos possíveis para conhecer sociabilidades na cidade contemporânea. Tarefa não muito fácil quando se veem grupos protegidos por torres de vigilância e equipamentos de última geração para segurança “e, ao mesmo tempo, nos terrenos baldios em volta, os pobres revirando os lixos em busca de qualquer coisa que possa ser comida” (EAGLETON, 2011, p. 38-39).

É difícil compreender uma cidade em que pessoas dormem ou vivem nas praças e nas calçadas. Crianças brincam em canais a correr por cima do lixo das grandes cidades; adolescentes se drogam ao longo de importantes vias de escoamento da cidade; idosos e mulheres jovens, com filhos pequenos, pedem dinheiro nos semáforos. Tão complexo quanto isso é observar e conviver com o medo, a violência, a insegurança e a indiferença.

As mudanças são imperativas. Novos espaços estão sendo pensados pela lógica da privatização e da verticalização. Habitações multifamiliares e centros empresariais que se assemelham aos conhecidos clubes sociais, com quadras esportivas, ciclovias, parque infantil, piscina, sauna, salão de jogos, de festas. E

mais: novos *shoppings*, igrejas com dimensões de estádios e sólidos edifícios-garagem, modelos pensados para o Recife do presente.

Essas arquiteturas acarretam profundas transformações ao lugar, além de conceitos de morar, de viver e de se relacionar com as pessoas e com o bairro diferenciados. Isso porque se mostram à exterioridade como objetos para contemplação, porém, fechadas ao mundo exterior, voltadas ao interior, completamente resguardadas, sob restrições específicas, para quem os vivencia e para quem os observa (BAHIA, 2004). Portanto, negam-se ao viver social e à sociabilidade como tendência das pessoas ao viver em interação, em que essas relações devem levar ao bem comum, conforme pontuou Simmel (2006).

Historicamente, as cidades foram concebidas para proteger e dar segurança a seus habitantes. Paliçadas e muralhas nas cidades antigas e medievais garantiam a proteção de grupos sociais. Contudo, Bauman (2007) observou que, nos últimos anos, é constante associar a vida nas cidades aos medos urbanos, à insegurança e à violência. Desse modo, novos modelos de morar e de trabalhar existem mais para proteger grupos específicos e menos para integrar socialmente os cidadãos. No Recife, observou-se ainda que existem áreas com inclusão e outras de exclusão social muito próximas umas das outras.

Na década de 1980 observamos que as diferenças entre essas localidades foram ampliadas. A pressão dos grupos de empreendimentos e especulação imobiliária cresceu de modo a criar separações ainda mais evidentes por meio de arquiteturas socialmente excludentes e segregadoras. Tendem ao individualismo e à autossuficiência, muito embora áreas destinadas ao lazer apareçam como diferenciais nas propagandas dos empreendimentos para venda e consumo.

Estão em desacordo com o sentido do viver social e valores sociais, como o respeito, a solidariedade, a identidade cultural e as práticas estabelecidas ao longo do tempo. Os excluídos desse sistema são vistos como ameaças (BAUMAN, 2007). Assim, o atual panorama da cidade do Recife passa a desvelar um cenário no qual objetos arquitetônicos tendem cada vez mais a demonstrar egocentrismo dominando a fragmentação. A cidade é vista como um espaço propício à produção de peças

para venda e consumo, em que incorporadores atuam inserindo modelos arquitetônicos⁷⁰ em áreas valorizadas por paisagens culturais⁷¹ (BAUMAN, 2007).

O Recife que se construiu nos anos 1980, em meio a diversas transformações espaciais e à velocidade com que se apresentam, enseja reflexões mais profundas acerca das relações sociais, culturais, políticas e econômicas a que está interligado. Fios entrelaçados ao tempo em uma teia de relações que se descortinam, envolvem, e se escondem. Muitas intervenções espaciais para o Recife se localizam na região na qual se encontram os bairros mais antigos da cidade, mas o Recife cresceu para diferentes direções no decorrer da década de 80, contudo, as áreas socialmente excluídas do processo de crescimento apresentado continuaram a crescer com adensamentos significativos.

Do ponto de vista das práticas de sociabilidade e da mobilidade urbana⁷², alguns segmentos sociais acham que o local não comporta as mudanças decorrentes dessas intervenções, considerando-se a dimensão das mesmas e o impacto sobre lugares historicamente constituídos. Contudo, os planos de renovação para a cidade parecem caber nos novos projetos para o Recife com o apoio da municipalidade. A verticalização e o adensamento parecem continuar sendo oportunidade para valoração do solo e lucro das incorporadoras.

Do modo como vem sendo realizada, a verticalização excessiva e a construção de grandes condomínios traduzem preconceitos e discriminações, permitindo atitudes e ações rotineiras como a restrição, a separação e a suspeição, quando utilizam soluções projetuais para segregar, delimitar, fragmentar e excluir, ou mesmo negar, as demais estruturas dos lugares historicamente constituídos (BAHIA, 2004). Isso traz também a desvalorização das ruas, dos passeios e das praças públicas enquanto espaços de interação com o outro.

⁷⁰ Bahia (2004) ressalta que o trabalho da especulação financeira internacional produziu “enclaves de arranha-céus ou megaestruturas”, supostamente autossuficientes, isolados por vias expressas e protegidos por muros com o objetivo de impedir o acesso de pessoas estranhas.

⁷¹ No Recife, um dos maiores empreendimentos desse gênero é o *Projeto Novo Recife*, local privilegiado pela localização. O Cais José Estelita se encontra na bacia portuária, lugar estratégico entre o Centro Histórico do Recife e a Zona Sul.

⁷² De acordo com o Plano Diretor do Recife, o conceito de *mobilidade* está ligado ao direito do cidadão de se mover dentro da cidade; preocupa-se com os deslocamentos do ponto de vista físico das pessoas e dos automóveis nas ruas. Sob esse aspecto, não envolve as relações de comunicação interpessoais e coletivas, a sociabilidade e o viver social. Há que se observar que, em prol da mobilidade, as calçadas de alguns bairros estão sendo reduzidas para dar mais espaço aos carros.

Imagem 75 | As estratégias de proteção das edificações



Crescem as ofertas no mercado de elementos de segurança para as edificações. Fotografia: Vania Cavalcanti, 2015.

Imagem 76 | O lixo acumulado nos bairros mais pobres do Recife



Fotografia: Vania Cavalcanti. Ano: 2016

Imagem 77 | Praia do Paiva – em Jaboatão dos Guararapes – Região Metropolitana do Recife



Os novos bairros protegidos e distantes do centro como a Praia do Paiva: segurança, privacidade e ambiente natural preservado – novo conceito de moradia para poucos privilegiados.
Fotografia; Maria Helena Sá. Ano: 2016

Nesse contexto, a sociabilidade, ou seja, a tendência para a vida em sociedade, ou os modos de quem vive em sociedade, toma maneiras de interação adequando-se às formas de organização dos ambientes urbanos. Esses são pontos que devem ser levantados para reflexão na contemporaneidade. Não há conquistas sem partilhar experiências e vivências com o outro. Como aponta Comte-Sponville (2001), há caminhos possíveis. Eles passam pelo campo da teoria, da prática, da política e da afetividade. O estar no mundo em sociedade é condição para a sobrevivência do indivíduo, que, através dos artefatos, assegura continuidade e sentido à fragilidade da vida humana.

Em todos os tempos e lugares, certezas, incertezas, encontros, desencontros e incompletudes fizeram parte da vida das pessoas. Pertence a cada indivíduo, imaginar, sentir, agir e percorrer os labirínticos e fragmentados caminhos, em que sensibilidade e experiência se tornam fontes inesgotáveis à criação, aos sonhos e à transformação. Do ponto de vista das práticas sociais no meio urbano, produz-se a “cidade líquido-moderna” (BAUMAN, 2007, p. 87).

Vivemos em meio a paradoxos e paradigmas. Como afirma Bauman (2007), a sociedade da “supermodernidade” apresenta contradições e utopias. No mundo globalizado, encontram-se vários discursos e, ao mesmo tempo, circulam vozes que internacionalizam a experiência humana, do mesmo modo que se apela para a tradição com o propósito de fortalecer as localidades e culturas dos lugares. Conviver com as diferenças se tornou uma das opções mais difíceis de se conseguir na atualidade.

Do ponto de vista das sociabilidades a sociedade se fragmenta entre grupos e guetos. A cada sinal de abertura à liberdade, evidenciamos radicalismos como racismo, xenofobia, homofobia. Ao mesmo tempo, também aumentam os movimentos contrários. Paradigmas e paradoxos entrelaçados. Atuamos por meios de comunicação semelhantes, em que todos têm o direito de expressar pensamentos ou ações e compartilhar entre universos sociais e culturais diferentes.

Algumas práticas sociais são excludentes, induzem à prática de violências diversas. No meio virtual, grupos sociais organizados em redes virtuais de sociabilidades discutem temas cotidianos, debatem condutas, organizam encontros e manifestações nas ruas. A sociedade recifense se insere nesse mundo virtual em tempo real, elege lugares para discutir condutas de cidadania e urbanidade. Em meio a esses modelos de práticas de sociabilidades, pressões de grupos sociais diversificados exigem novas posturas e condutas do poder público e da própria sociedade.

Nesse sentido, a década de 80 possibilitou a reorganização da sociedade civil e a formação de comunidades de bairros, grupos que, organizados, reivindicaram melhorias e qualidade aos ambientes urbanos. Nos bairros menos assistidos pelo poder público, observamos movimentos diversos que tiveram a participação popular na escolha de melhorias a essas comunidades. O fortalecimento dos movimentos sociáveis que chama a cidade para si, ‘a cidade é nossa’, apresenta conquistas inegáveis dos desejos sociais para uma cidade melhor com a participação dos grupos no planejamento.

A construção de edifícios com adensamento pela verticalização trouxe diversos problemas à qualidade dos ambientes urbanos. Congestionamentos e

alagamentos talvez sejam os mais presentes no cotidiano da cidade. A geração da classe média que passou a morar em apartamentos criou uma nova geração distante das ruas, protegidos das diferentes formas de violência. Os passeios de bicicleta realizados por crianças, jovens e adultos da década de 1980 deu lugar aos grupos que se organizaram a fazer passeios fora do perímetro urbano. Logo, grupos se formaram para andar na cidade.

Novos ambientes também começaram a ser solicitados pelo povo, espaços coletivos, de encontros, parques para lazer. Observamos sempre o crescimento dos apelos sociais para melhorar o Recife, para que as ruas sejam efetivamente um local de encontros. Construções coletivas, muitas delas organizadas nas redes sociais, nos lugares virtuais em prol da criação de ambientes que possibilitem os encontros com segurança.

Foram muitas as contribuições que começaram a ser pensadas na década de 1980. As transformações coexistem com os movimentos que solicitam permanências. E assim, a cidade reafirma seu status de lugar no qual todas as sociabilidades são mediadas. Dos encontros e das trocas. Dos sonhos e das reivindicações. Contudo, parecemos estar no início em que novos questionamentos e desejos são colocados a debate, cujas respostas precisam vir junto com a participação da sociedade.

Ao lançar luz sobre a década de 1980 no Recife, encontramos movimentos sociais que debateram questões relevantes que interligam as relações humanas às cidades, em que ruas e praças aparecem como cenários de reivindicações por melhores condições para vida, liberdade de expressão, contra a miséria, diferenças sociais e desestruturação social e violência urbana. Elas continuam a existir porque o modelo de reproduz sem reflexões adequadas, sem eliminar as bases dos problemas.

No Recife, a década de 1980 consolidou um modelo no qual seus espaços foram adaptados aos deslocamentos entre lugares e não lugares (AUGÉ, 2010), contudo, não resolvemos ainda problemas historicamente constituídos e repetidos que não oferecem qualidade e condições de igualdade para o viver social e à celebração das interações sociais entre todos, afinal, abrigar, proteger, reunir são

particularidades das cidades. O lugar em que partilhamos sonhos, desejos, emoções, medos, tristezas, dores, alegrias e felicidade. Isto confere sentido à vida, às relações entre as pessoas, em meio a subjetividades humanas.

Considerações Finais

Na dimensão humana e em sua diversidade, “sociedade significa a interação entre indivíduos” (SIMMEL, 2006, p. 59). Nesse contexto, o fenômeno da sociabilidade é relativo a fontes de ação humana, como sentimentos, interesses, atitudes e hábitos que se manifestam, no curso da interação social, por impulsos e finalidades, pelo exercício da livre convivência sociável. Essas ações e relações recíprocas entre pessoas e grupos formam associações que se constroem diariamente através de trocas e inter-relações nos espaços e ambientes das cidades que a sociedade elege como representação.

As propensões à sociabilidade se estabelecem no cotidiano e se manifestam entre o viver e o conviver nas horas de lazer, no trabalho, pela educação e por meio da cultura, enquanto bases que fundamentam a vida humana. O movimento social induz às sociabilidades, que têm como princípio fundamental, a satisfação dos impulsos humanos quando estes se harmonizarem com os dos outros. Ou seja, cada indivíduo deve garantir aos demais valores amigáveis, que induzam à alegria, à emancipação e à desenvoltura em conexão com a felicidade e a igualdade entre pessoas.

Sociabilidade significa “convivência sociável” (op. cit., p. 65), uma forma de socialização que acontece pela comunhão entre indivíduos. Para Simmel, as formas puras de socialização deveriam estar livres de conteúdos materiais e cheias de valores que levassem à felicidade. Em sua forma pura, a sociabilidade viria como valor simbólico que preenche a vida e oferece significados fora dos conteúdos concretos. As sociabilidades advêm de interações, seja em representações mais simples, como as conversas, seja em representações mais complexas, quando grupos se associam considerando-se os anseios sociais.

Os estudos realizados por Simmel (op. cit.) acerca das sociabilidades apontam que, em uma sociedade na qual prevalecem igualdades, as inter-relações

acontecem por meio de trocas sistemáticas nas quais todos ganham, sem conceder espaço para o privilégio de um grupo sobre os demais. Nesse sentido, os modos de interação estariam balizados pelo autocontrole de uns com relação aos outros, a fim de regular a todos e afastar sentimentos e ações que estejam fora de princípios éticos. Essa prática ofereceria legitimidade às relações e aos interesses entre grupos sociais.

A sociabilidade deve pautar-se na satisfação do outro, em uma relação na qual prevaleçam igualdades e liberdades. Nos estudos de Simmel (op. cit.), algumas sínteses apontam para obstáculos decorrentes das organizações sociais que giram em volta da produção e do consumo. Essas realidades induzem a fronteiras e limites, porque, nesse contexto, não seria possível imaginar uma sociedade igualitária junto a modelos sociais nos quais coexistam desigualdades e injustiças, em que o valor de troca e do dinheiro seja medida que se sobrepõe a valores éticos e sentimentos humanos.

Os jogos sociais, os movimentos, os interesses participam das construções no cotidiano das cidades. A globalização e a Pós-Modernidade colocaram a sociedade distanciada da igualdade, que não elimina interesses pessoais nem materiais. Em sociedades moldadas por diferenças sociais e desigualdades, ocorrem fragmentações não apenas culturais, mas étnicas, de gênero, de classes e espaciais, que conduzem a inquietações dos anseios sociais e tornam ainda mais complexas as teias de relações interpessoais, principalmente no âmbito das grandes cidades.

Ao considerar as interações sociais no meio urbano, o conceito de sociabilidade se amplia e abarca as sociabilidades urbanas, estas, inseridas no meio urbano, cuja diversidade de grupos e modos de interação tende à complexidade. Nas metrópoles, as diferenças se elevam e se engrandecem. Portanto, sob a luz das sociedades capitalistas, existem lacunas e contradições, uma vez que os jogos de interação se encontram, muitas vezes, cerceados por interesses pessoais que têm base no lucro e nas vantagens pessoais ou de alguns grupos sobre os demais.

As metrópoles do século XX e grande parte do cenário urbano que se formou sob a égide do capitalismo se tornaram lugares de ações, interações e associações

para os indivíduos que se relacionam movidos por interesses pessoais e materiais. De acordo com os estudos de Simmel (1903), as relações e práticas de sociabilidade nesses cenários criaram modelos de ações específicas, fragmentações, disputas, competições e aumento das desigualdades. No Brasil e no Recife, esses processos encontraram campo para disseminação.

Na década de 1980, acontecimentos relevantes conduziram a mudanças no mundo, movidas pela expansão do capitalismo em busca de novas fronteiras para exploração nos países da América Latina. No Brasil, o fim da Ditadura Militar e o processo de abertura política tornaram possível a reorganização dos grupos sociais, a ação e a luta por seus objetivos, muitos dos quais conflitantes. Apresentaram-se momentos de rupturas e de construções, ou mesmo reconstruções.

A sociedade dos anos 1980 viveu sob o crivo dos medos, com os diversos tipos de violência, fome e miséria traduzidos pelos problemas do crescimento das favelas, de moradores de ruas, de crianças e adolescentes abandonados. A delinquência juvenil pôs fim a sonhos de parte da juventude que se criou nas ruas, sem família, sem casa, vivendo em calçadas e áreas fora da visibilidade dos incluídos socialmente, abandonadas pelo poder público, em casas desabitadas, barracos às margens dos rios que, no passado, promoveram crescimento, configuração e especificidades ao Recife.

O Recife, por ser uma das metrópoles no âmbito regional, com índices elevados de desigualdades sociais, conviveu e vivenciou problemas pela desestruturação da vida familiar com muitos a viver nas ruas. Tais caminhos públicos e logradouros, locais de livre acesso que todos podem usufruir, foram também territórios nos quais os sintomas e as sínteses das injustiças sociais se revelaram. São visíveis e fazem parte das sociabilidades no cotidiano da cidade como feridas expostas do modelo repetidamente debatido por diferentes segmentos e grupos organizados para tratar dos problemas sociais, sem grande êxito.

Os barracos de madeira, papelão, de restos de telhas, de janelas, dos lixos lançados nas ruas das cidades se transformaram em locais de abrigo precário, passagens e paragens individuais e coletivas como lugares de viver, de interações sociais próprias a muitos grupos desfavorecidos. Amontoados de quartos, vãos e

ruas estreitas formaram casas, pontos de acolhida para famílias numerosas de recifenses sem teto, com problemas não resolvidos e que persistem hoje.

A sociedade dos anos 1980 se politizou, formou associações e comunidades nos bairros carentes que, paulatinamente, ganharam força e voz por intermédio de organizações sem fins lucrativos com o interesse de prestar ajuda a comunidades que viviam no limite da miséria. Desprovidos de saúde pública, com hospitais públicos sem leitos, sem medicamentos, sem condições de proporcionar atendimento de qualidade aos usuários e escolas em processo de degradação, a contribuir para a desvalorização da educação na socialização das pessoas.

Os anos 1980 abriram espaço para discussão de temáticas diversas. Conversamos sobre política, amor, sexualidade, homossexualidade, independência feminina, violência contra a mulher, machismo, doenças sexualmente transmissíveis, jogos de poder, novas leis, industrialização, automação. As praias do Recife, de Olinda, do Litoral Norte e do Litoral Sul configuraram espaços de relevância como pontos de encontro, de conversas, trocas, lazer e entretenimento. Os grupos se aproximam por interesses e por semelhanças com pontos e territórios delimitados para diversificados segmentos sociais.

No plano cultural, destacaram-se as possibilidades de trocas e reflexões sobre as produções cinematográficas nacionais, americanas, francesas, assim como filmes e músicas proibidas durante a Ditadura. Nos cinemas do Recife, encontros dos jovens que assistiam aos filmes vibrando, a cantar e dançar embalados por ritmos estrangeiros. Registramos ainda a decadência de cinemas no centro, como o Art Palácio, Trianon, São Luiz. Nos cines AIP, Ritz e Astor, a exibição de filmes pornográficos contribuiu para a falência dos cinemas centrais da cidade. Os demais se fecharam ao público e entraram em deterioração.

As feirinhas nas praças de alguns bairros foram promovidas com o apoio da prefeitura e contribuíram para a revitalização e o reencontro de alguns segmentos sociais com os logradouros públicos, agora sob a vigilância da polícia, para garantir a segurança de permanência dos recifenses. Os teatros, com destaque para os do Centro de Convenções do Recife, receberam diversos *shows* de artistas brasileiros, assim como feiras de artesanato, de livros, de automóveis e conferências. A

iniciativa privada investiu em boates e bares, principalmente os localizados à beira-mar, que aos poucos foram perdendo frequência mediante os assaltos coletivos.

No Alto da Sé, em Olinda, em alguns bares próximos das universidades do Recife, a resistência: os encontros de estudantes, professores, artistas e intelectuais propiciaram trocas e interações. Nesses lugares, cantavam e ouviam a música popular brasileira, manifestações culturais como frevo, maracatu, caboclinho. As exposições no campo das artes plásticas, os Salões de Artes de Pernambuco, os grupos de novos artistas, as interações entre antigos e jovens em cursos promovidos em museus do Recife e de Olinda. Sociabilidades aproximando pessoas de grupos diversos interagindo em volta dos objetivos comuns.

O Recife cresceu não apenas em extensão territorial, mas também em problemas sociais graves que ainda persistem. Não erradicamos favelas, palafitas, barracos — eles continuam marcando o território da cidade, muitos crescendo lado a lado aos bairros mais favorecidos por infraestrutura urbana, áreas de lazer, limpeza pública e policiamento. Ao lado dos bairros que se verticalizaram, cresceram pobreza e miséria. Visualizamos não apenas um Recife, mas diversos, com segmentos sociais inseridos nesse complexo em convivência nos ambientes urbanos da cidade.

Os bairros melhor estruturados, denominados *áreas nobres* do Recife, verticalizaram-se e adensaram-se. A verticalização e as tipologias decorrentes desse modelo de crescimento são marcas da modernidade (LAPA, 2011). Sem intencionar negar tal tendência, de sobremaneira atrelada aos avanços tecnológicos, passaram a ser um grande problema urbano pela forma como foram inseridas em alguns bairros do Recife. As ruas, a infraestrutura preexistente, as demolições constantes, a relação com a paisagem e com a dimensão humana alteraram as formas de relação nesses bairros.

Junto com a verticalização vieram os ruídos, engarrafamentos, mas, principalmente, quando associamos aos problemas dos medos urbanos pela violência, trouxeram formas excludentes e individualistas que se posicionam contra as interações entre pessoas, ou tornam os transeuntes suspeitos. As tecnologias para proteção e defesa criaram dispositivos de defesa, barreiras entre as ruas e as

edificações: porteiros, vigilantes armados, sensores elétricos, câmeras com circuito interno a monitorar a rua e as áreas internas dos edifícios. Cercas elétricas sobre os muros divisórios se tornaram barreiras contra os estranhos que pretendessem transpor limites.

A sociedade e o poder público não resolveram adequadamente esses problemas e as ruas e avenidas da cidade tornaram-se desérticas e hostis aos passantes. Como afirmou Bauman (2008), para garantir a liberdade criaram-se dispositivos de vigilância cada vez mais sofisticados a limitar a transposição das barreiras, que parecem garantir o viver entre muros, mas distancia-se da igualdade e aproxima-se dos individualismos, movimentos que afugentam a propulsão às sociabilidades entre todos.

Acerca dos lugares nos quais as sociabilidades acontecem, discussões sobre patrimônio, preservação, conservação e mudanças passaram a ter planos e leis específicas, com vistas à preservação do patrimônio e dos lugares nos quais as memórias reafirmam tradições. O poder público e a sociedade prepararam a cidade para o turismo cultural com valorização das especificidades multiculturais da nossa sociedade. O Carnaval do Recife e de Olinda ganharam notoriedade no País, e no mundo, com destaque para a valorização do carnaval de rua, que permite a liberdade de expressão, embalados pela criatividade popular e ritmos dos sons da terra.

O estudo acerca das sociabilidades no Recife dos anos 1980 foi possível pela pesquisa que também revelou transformações profundas nos ambientes urbanos. A construção dos primeiros *shoppings centers* possibilitou o deslocamento de atividades de lazer, serviços, comércios, centros empresariais, cinemas, restaurantes, bares, pontos de encontro e realização de festas infantis nos *fast food*. A sociedade se deslocou para locais considerados mais seguros, com estacionamento para os automóveis, cada vez mais presentes na vida das famílias das classes média e alta recifenses.

No âmbito deste trabalho, abordamos formas de sociabilidades interligadas aos ambientes urbanos. Ao longo de três décadas, observamos novas formas de interação social postas à comunicação virtual, em tempo real e possibilitadas pela

Internet. Nesse mesmo período, novos acontecimentos utilizaram as redes sociais para debater, criticar e colocar-se contra a privatização do espaço público em frente às torres localizadas no bairro de São José.

Nesse sentido, no Brasil as transformações, as remodelações da cidade, as renovações e as operações urbanas foram realizadas a fim de inserir o País no meio dos movimentos mundiais. As empresas multinacionais e mesmo as transnacionais passaram a integrar essa rede que se estabeleceu no Brasil. Junto com elas, as transformações o aparelhamento da cidade para os aeroportos, estações rodoviárias e ferroviárias, hotéis, *shoppings* e grandes parques de lazer a criar a complexa rede que interligou a todos e também aumentou o número de favelas.

A mobilização de segmentos sociais organizados em redes virtuais proporcionou encontros reais, em frente às torres — Píer Duarte Coelho e Píer Maurício de Nassau. O objetivo: protestar e reivindicar o espaço para o uso público, pois o mesmo havia sido ocupado pelos condomínios para o lazer privativo, quando Lei Municipal define que espaços de domínio público não podem ser privatizados.

Outro acontecimento, centro de debates entre internautas, se relacionou aos problemas de convívio nesses grandes condomínios verticais do bairro de São José, quando um grupo de chineses, comerciantes do centro do Recife, passou a utilizar as áreas condominiais de uso comum de modo inadequado para os padrões locais. Os moradores mais antigos — procuradores, juízes, políticos, empresários, etc. — não aceitaram a maneira como os chineses faziam uso desses ambientes.

O quarto e mais polêmico acontecimento envolvendo sociabilidades por meio das redes sociais virtuais, teve início após 2010. Relaciona-se ao Projeto para o “Novo Recife”, projetado para ser construído no Cais José Estelita. O *Movimento Ocupe Estelita* se posicionou contra a construção de um complexo de torres altas de vidro e multifuncionais, com unidades residenciais, hotéis e centros empresariais, de comércio e serviços num dos lugares tradicionais da cidade. Um *master plan*, como o consócio responsável definiu o empreendimento.

No início da análise desses empreendimentos pela prefeitura, os técnicos avaliaram as dimensões do projeto e fizeram exigências. Estavam em jogo o

impacto do empreendimento à cidade, a desconfiguração da paisagem que confere identidade ao lugar, o lançamento de projeto sem consulta à sociedade. Alguns segmentos sociais não desejam que este projeto seja construído nesse ambiente, considerando os impactos que causará à cidade do Recife. Esses estranhamentos, a diversidade de visões de mundo e os impasses judiciais travados ainda não foram resolvidos.

Desse modo, novas maneiras de sociabilidades estão postas nessa complexa rede de interações nesses recifes. Tendem a fortalecer grupos organizados em direção à defesa dos direitos comuns, da sociedade, à igualdade. Mas também polêmica pela liberdade por vezes sem limites, que extrapola a ética, o respeito e os limites às liberdades de expressão. Portanto, para esta pesquisa, há muitos caminhos a trilhar. Existem diversos temas que podem ser explorados a partir dos que foram aqui tratados. As escolhas elaboradas e os caminhos trilhados por nossa sociedade nos anos 1980 prepararam a cidade do Recife que hoje vivenciamos.

Desse modo, a sociedade da década de 1980, mais especificamente os poderes das classes dominantes prepararam a cidade para as formas que coexistem hoje com espaços de inclusão e de exclusão social. É impossível negar o poder da informação e da comunicação possibilitadas pela internet, os benefícios e os problemas que podem trazer aos indivíduos. Provavelmente o elemento *novo* e transformador ainda inacessível a todos. Mas que torna possível, articulações e posicionamentos de grupos que se posicionam continuamente pelas redes sociais.

Desse modo, as sociabilidades se fazem todos os dias. Elas devem nos conduzir ao melhor para todos, à alegria e à felicidade. Talvez, este olhar ao passado nos faça mais atentos ao presente, às aspirações de transformar o hoje, ou de melhor observar nossas escolhas para construção de uma sociedade e cidade em que a qualidade de vida seja para todos. As sociabilidades de hoje incluem também as transformações no modo de viver com a inserção dos meios virtuais de comunicação e interação em tempo real, com vistas ao enfrentamento da diversidade, das desigualdades e da complexa problemática que envolve as sociabilidades urbanas.

Referências

Documentários:

Documentário *Arquitetura Moderna no Brasil*. Ano de produção: 1985. Produção: Instituto dos Arquitetos do Brasil. Exibido em 05/12/2015 no Canal Curta.

Curta metragem brasileiro '*RECIFE FRIO*'. Kleber Mendonça Filho. Recife: 2009 - Ficção científica do CinemaScópio - Produções canal do YouTube.

Obras

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira. 8ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAHIA, Tarcísio. *Ausência e presença arquitetônica na cidade contemporânea*. Arqtextos, São Paulo, 05.051, Vitruvius, set. 2004.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido (sobre a fragilidade dos laços humanos)*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Identidade*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Medo líquido*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de M. Jorge Auro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Tempos líquidos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Vida para consumo – a transformação das pessoas em mercadoria*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENÉVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BENÉVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 3. ed. Trad. de Silvia Mazza. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOLLE, Willi. *Um painel com milhares de lâmpadas*. In, BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTORIADIS, Cornelius. *Figuras do pensável: as encruzilhadas do labirinto*. Volume VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CARVALHO, Maurício Rocha de. *Um recife saturnino: arquitetura, urbanismo e saneamento*. Recife: Néctar, 2010.

CAVALCANTI, Helenilda; LYRA, Maria Rejane de Britto; AVELINO, Emília. *Mosaico Urbano do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vol. 1. 11ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Trad. de Mª Manuela Galhardo. Alges: Difusão Editorial, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. *A Construção do Saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. UFMG. 1999.

DOMINGUES, Luís Manoel do Nascimento. *Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1970)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife: UFPE, 2004.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira, 2011.

FENELON, Déa; MACIEL, L. Antunes; ALMEIDA, P. Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Muitas Memória, outras Histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004. 296-313.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRUGÓLI, Heitor Júnior. *Sociabilidades urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembar, escrever, esquecer de*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração - memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá: EdUFMT, 2006.
- HALL, Stuart. *El trabajo de la representación*. IEP-Instituto de estudios peruanos. Lima: 2002;
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.
- HARVEY, David. *Cidades Rebeldes; do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins fontes – selo Martins, 2014.
- _____. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. In PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual*. Uberlândia: ArtCultura, 2006;
- LAPA, Tomás de Albuquerque. *Grandes cidades constroem-se com edifícios grandes?* Recife: Editora Universitária - UFPE, 2011.
- LEITÃO, Lúcia. *Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mocambos e outros ensaios gilbertinianos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- LIMA, Joana D'Arc de Sousa. *Cartografia das artes plásticas no Recife dos anos 1980-Deslocamentos poéticos e experimentais*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.
- LOPES, Guilherme de Mendonça; RIOS, Patricia Paulo. *Justiça no Brasil - 200 Anos de História*. São Paulo: Conjur Editorial, 2009.
- LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In Projeto História 17: Trabalhos da Memória. Rev. do Programa do Departamento. de História. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998.
- LOUREIRO, Claudia; AMORIM, Luiz. *Dize-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: Estratégias de marketing e a criação da casa ideal – parte 1 e parte 2*. Arquitectos, São Paulo, 05.057, Vitruvius, fev. 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno*. São Paulo: Zouk, 2003.
- MATOS, Olgária Chain Feres. In, BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares*. Revista brasileira de História. São Paulo: v.23, 2003.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. 4ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ORTEGOSA, Sandra Mara. *Cidade e memória: do urbanismo arrasa-quarteirão à questão do lugar*. Arqutextos, São Paulo, 10112, Vitruvius, set. 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAJA, Raffaele. *Arquitetura Pós-industrial*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

_____. *O Recife: histórias de uma cidade*. Org. Madalena Almeida. 2.ed. – Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

_____. *Recife: que história é essa?* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1987.

_____. *O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo*. In Projeto História 18: espaço e cultura. Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999.

_____. *Ruídos do efêmero*. Recife: Universitária - UFPE, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SÁ, Alcindo José de ; CRUZ, Luciana Maria da. *Medo Urbano e suas novas formas geográficas*. Recife: Universitária - UFPE, 2011.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço—técnica e tempo, razão e emoção*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2003.

SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Organizadores). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Edusp, 2014.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TIEDMANN, Rolf. Introdução à edição alemã. In, BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

VERRI, Gilda Maria Whitaker; BRITTO, Jomard Muniz de – Organizadores. *Relendo o Recife de Nassau*. Recife: Bagaço, 2003.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Trad. de Maria Isabel Gaspar/ Gaëtan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Periódicos:

Diario de Pernambuco – 1979 – 1990.

Jornal do Commercio – 1979-1990.

Jornal Diário da Manhã – 1985-1990. Arquivo Público Jordão Emerenciano. (Disponível em <http://www.cepedocumento.com.br/diario-da-manha.html>. Acesso em 24/12/2015, às 16:35h.)

O *Suplemento Cultural – Pernambuco* é uma publicação do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. Começou a ser veiculado em 1986.

Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco – Jornais do Acervo Microfilmado –

Sites pesquisados:

<http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2014/03/12/fotografias-historicas-de-alcir-lacerda-shopping-recife/>.

<http://hoteisabeiramar.com.br/shopping-recife-o-lugar-ideal-para-compras-nas-ferias-em-recife/>. Acesso em 15/07/2016, às 03:23h.

<http://acertodecontas.blog.br/atualidades/recife-a-nova-bagdami-mistura-de-bagd-com-miami/>, acessado em 31/10/14, às 23:42h.

<http://www.astuciadeulisses.com.br/a-cidade-inquietudes-e-ocupacoes/Antonio-Paulo-12.05.2015> acesso em 12maio2015 00:03.

<http://www.autodesk.com.br/products/autocad-architecture/overview>.

<http://www.bde.pe.gov.br/site/ConteudoRestrito2.aspx?codGrupoMenu=450&codPermissao=5>. Acesso em 14/02/2016 às 22:25h.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>. Acesso em 16/05/2015 às 21:08h.

<http://www.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/93436-DECADA-DE-80-AS-DIRETAS-JA>). Acesso em 10/5/15 às 22:42h.

<http://www.cepedocumento.com.br/diario-da-manha.html>. Acesso em 24/12/2015, às 16:35h.

<http://www.cepedocumento.com.br/suplemento-cultural.html>, acesso em 25/12/2015, às 14:30h.

<http://www.cptec.inpe.br/>. Acesso em 13/03/2012.

<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/01/06/protesto-na-praca-das-torres-gemeas.shtml>. Acesso em 1/11/14, às 00:52h.

<http://docplayer.com.br/8430531-Pdri-plano-de-desapropriacao-e-reassentamento-involuntario.html>.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>. Texto original: "Die Großstädte und das Geistesleben". In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort. Acesso em 12/07/2016 às 17 :32h.

<http://www.fecomercio-pe.com.br/comunicacao/clipping/14-clipping-fecomercio-pe/Invasão-chinesa.html>. Acesso em 1/11/2014, às 00:59h.

<http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/cultura/colunas/foco/arquivos/2011/outubro/0069.html>. Acesso em 1/11/14, às 00:58h.

<http://www.folhape.com.br/blogfoco/?p=11915>. Acesso em 30/07/2012. Publicado por Romero Rafael, em 22.03.2012 às 11:18h.

<http://www.glempreendimentos.com.br/>. Acesso em 30/03/2013 às 20:25h.

<http://www.gilbertogil.com.br/>. Acesso em 13/07/2016, às 18:42h.

<http://hotsites.diariodepernambuco.com.br/2012/agamenon/historia.shtml>. DOMINGUES, 2005. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Acesso em 25/12/2015 às 22:54h).

<http://www.jconline.com.br>. Acessado em 03/01/2013, às 22:35h).
<http://jconline.ne10.uol.com.br>. Acesso em 25/12/2015, às 13:43h.

<http://www.jrrio.com.br/software/autocad.html>. Acesso em 27/03/2016. às 16:55h).

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_pe.pdf. Acesso em 23/12/2014 às 18:49h.

<http://www.miltonnascimento.com.br/site/discos.php?id=63>. Acesso em 24/06/2016 às 17:13h.

http://www.mouradubeux.com.br/md/empreendimentos/pier_mauricio_de_nassau. Acesso em 01/11/14, às 01:03h).

<http://www.observatoriodorecife.org.br/?p=4909&cpage=1#comment-2773>. Acesso em 30/03/2013 às 23:27h.

<http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml>. Acesso em 25/12/2015, às 12:40h.)

<http://www.pedesenvolvimento.com/2012/02/29/comecam-obras-do-projeto-novo-recife-no-cais-jose-estelita/>. Jornal do Comércio. Acessado em 15/06/2012 às 22:35h.

<http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=PNRNAO>. Acesso em 15/06/2012 às 18:35h.

<http://www.seminariosimmel.com.br/>. Acesso em 18/07/2014, às 12:20h.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid&script=sci_arttext. Acesso em 10/2/2014, às 21:13h.

<http://www.astuciadeulisses.com.br/a-cidade-inquietudes-e-ocupacoes/Antonio Paulo-> 12.05.2015. Acesso em 12/05/2015, às 00:03h.

<http://www.recife.pe.gov.br>. Acessado em 20/04/2012 às 23:08h.

<http://www.revispsi.uerj.br/v6n2/artigos/pdf/v6n2a14.pdf>. Acesso em 20/07/2014, às 21:08h.

<http://www.vitruvius.com.br>. Acessado em 05/07/2010 às 20:15h.

<https://books.google.com.br/books?id=NPdziLsObPAC&pg=PA195&lpg=PA195&dq=entrevista+com+gilberto+velho+em+2001+-sociabilidades>. Acesso em 22/07/2015 às 00:09 h.

<https://direitosurbanos.wordpress.com/>

<https://direitosurbanos.wordpress.com/tag/viadutos-agamenon/>. Acesso em 20/2/2016, às 10:52h.

<https://direitosurbanos.wordpress.com/tag/projeto-novo-recife/>

<https://www.google.com.br/maps?source=tldso>.

<https://www.google.com.br/maps/@-8.05654,-34.8704551,237m/data=!3m1!1e3>

<https://www.google.com.br/search?q=imagem+da+avenida+canal+no+recife+anos+80&biw>. Acesso

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=entrevista+com+GILBERTO+VELHO+e+simmel>. Acesso em 12/03/2015. Disponível para download em *bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2140/1279*.

<https://www.youtube.com/watch?v=2SXmcTMcDnk>. Acesso em 22/12/2015 às 13:04h).

https://www.youtube.com/watch?v=of_mBwg6YzU. Acesso em 17/07/2016, às 16:32h.

<https://www.youtube.com/watch?v=Dr7jJoxFfU> (Disponível em. Vídeo enviado por Sammy Jafet: Entrevista com a professora de filosofia, *Jeanne Marie Gagnebin*, em 17/02/2013. Acesso em 22/12/2015 às 12:51h).

<https://www.youtube.com/watch?v=U9mu2TJ0scY> (Recife Frio. Acesso em 23/12/2015, às 20:16h.